

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL:
UM OLHAR SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EM CAMPINAS - SP

PAULA RENATA BASSAN MORAIS

São Paulo
2012

PAULA RENATA BASSAN MORAIS

**EDUCAÇÃO NÃO FORMAL:
UM OLHAR SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EM CAMPINAS - SP**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Marcondes Gohn -
Orientadora

São Paulo

2012

Morais, Paula Renata Bassan

Educação não formal: um olhar sobre uma experiência em Campinas - SP / Paula Renata Bassan Moraes. 2012.

142 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2012.

Orientador (a): Prof. Maria da Glória Marcondes Gohn.

1. Educação não formal. 2. Associativismo. 3. Projetos sociais. I. Gohn, Maria da Glória Marcondes.

CDU 37

**EDUCAÇÃO NÃO FORMAL:
UM OLHAR SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EM CAMPINAS - SP**

Por

Paula Renata Bassan Moraes

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Presidente: Profª Maria da Glória Marcondes Gohn, Dra. – Orientadora, Uninove

Membro: Prof. Pedro Ganzeli, Dr. – Unicamp

Membro: Profª Rosemary Roggero, Dra. – Uninove

Membro: Profª Elaine Teresinha Dal Mas Dias, Dra. – Uninove

São Paulo, 29 de fevereiro de 2012.

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me permitiram sonhar e correr atrás desses sonhos. À avó Bila e ao tio Zé, pela oportunidade de viver bem pertinho de vocês, pois me ensinaram a superar os obstáculos que a vida nos impõe.

Aos grandes amores de minha vida, Umberto e Julia, pela paciência e compreensão em meus momentos de ausência.

Dedico aos protagonistas desta pesquisa: os participantes do Projeto Cemoa Sem Limites e todos os participantes de projetos sociais, que vencem a pobreza dignamente, por meio do estudo. Pude constatar que mais aprendi do que realmente ensinei, obrigada!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Maria da Gloria Gohn, pela paciência e dedicação.

Agradeço à Universidade Nove de Julho, pela bolsa de estudos que recebi – sem essa oportunidade eu não teria conseguido realizar este sonho. Agradeço a todos os professores e amigos da Universidade Nove de Julho que me despertaram para a busca do desconhecido.

Agradeço aos docentes do Senac Campinas e aos funcionários da Prefeitura Municipal de Valinhos, por me proporcionarem momentos de aprendizado.

Em especial aos meus alunos, que me olham nos olhos todos os dias e dividem suas vidas comigo. Obrigada pelo amor incondicional que sempre recebi.

“A grandeza do homem é a de sentir-se responsável. A grandeza é sentir que, colocando a sua pedra, colabora-se para construir o mundo”

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo estudar a educação não formal em uma instituição educacional do Sistema S, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), entidade privada que desenvolve políticas sociais voltadas para aprendizagem, cultura e bem-estar. Procura-se identificar se a educação não formal é uma alternativa que aponta caminhos, ferramentas e possibilidades para a formação dos participantes e se essa educação cria condições para que eles modifiquem e atuem na realidade social em que vivem. Iniciamos a pesquisa de campo realizando um breve mapeamento do associativismo nas cidades de Campinas e Valinhos - SP. Depois, pesquisamos a educação não formal em um projeto social específico, denominado Cemoa Sem Limites, desenvolvido por meio de uma parceria entre o Senac Campinas e a Prefeitura do Município de Valinhos. A pesquisa inclui a aplicação de um questionário e entrevistas com alguns participantes atendidos no Projeto Cemoa Sem Limites. Após analisar o perfil geral da instituição e da clientela atendida, foram selecionados alguns jovens para o registro da história oral. Examinamos a trajetória desses participantes antes de frequentar o projeto e durante sua participação, para entender o papel da educação não formal na formação desses indivíduos. O material de pesquisa é analisado seguindo a literatura apresentada no capítulo 1.

Palavras-chave: educação não formal, associativismo e projetos sociais.

ABSTRACT

This research had the objective to study non formal education in an institution of Sistema S, the Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), which is a private entity that develops social politics orientated to learn ship, culture and welfare. We wonder if non formal education is an alternative that shows them paths, they will be able to create conditions to transform and act in their social reality. We started our study performing field research a brief mapping of the associations in Campinas and Valinhos, both located in São Paulo state, and non formal education in a particular social project named Cemoa Sem Limites. It was developed by a partnership between Senac Campinas and Valinhos city hall.

The research presents a study application of a questionnaire about some participants of Projeto Cemoa Sem Limites. After analyzing the general profile of the institution and the attended clientele, some participants were selected for the oral history register. We analyses the participants behavior before attending the project and during their participation, in order to understand the non formal education role in the individuals formation. The research material is analyzed following the literature presented in Chapter 1.

Keywords: non formal education, associations and social projects

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS.....	10
LISTA DE ANEXOS.....	11
LISTA DE ABREVIATURAS.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	21
1.1 EDUCAÇÃO FORMAL, EDUCAÇÃO INFORMAL E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	21
1.2 ASSOCIATIVISMO EMANCIPADOR E ASSOCIATIVISMO REGULADO.....	31
1.2.1 Associativismo e Terceiro Setor.....	38
CAPÍTULO II – MAPEAMENTO DO ASSOCIATIVISMO EM CAMPINAS E EM VALINHOS - SP.....	45
2.1 ASSOCIATIVISMO EM CAMPINAS - SP.....	45
2.2 ASSOCIATIVISMO EM VALINHOS - SP.....	50
CAPÍTULO III – O SISTEMA S E O SENAC CAMPINAS.....	62
3.1 HISTÓRICO.....	62
3.2 SENAC SÃO PAULO.....	64
3.3 SENAC CAMPINAS.....	66
CAPÍTULO IV – O PROJETO CEMOA SEM LIMITES.....	70
CAPÍTULO V – OS PARTICIPANTES DO PROJETO CEMOA SEM LIMITES.....	83
CONCLUSÕES.....	97
REFERÊNCIAS.....	104
ANEXOS.....	110

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

Quadro 1 - Definição do Terceiro Setor.....	39
Quadro 2 - Classificação Internacional de Organizações Não Lucrativas (International Classification of Nonprofit Organizations - ICNPO).....	43
Quadro 3 - Quadro de profissionais do Senac Campinas.....	75
Quadro 4 - Alunos atendidos no Projeto Cemoa Sem Limites.....	78
Quadro 5 - Quadro de cursos, programas e capacitações.....	79
Gráfico 1 - Atuação do Associativismo em Campinas - SP.....	46
Gráfico 2 - Classificação das Associações em Campinas - SP.....	47
Gráfico 3 - O Associativismo e a Educação em Campinas - SP.....	47
Gráfico 4 - Associativismo em Valinhos - SP.....	57
Gráfico 5 - Atuação do Associativismo em Valinhos - SP.....	58
Gráfico 6 - Gráfico dos cursos oferecidos.....	82
Gráfico 7 - Idade dos participantes da pesquisa estruturada.....	84
Gráfico 8 - Tempo no Projeto Cemoa Sem Limites.....	85
Gráfico 9 - Importância do Projeto Cemoa Sem Limites.....	86
Gráfico 10 - Relação com os educadores do Projeto Cemoa Sem Limites.....	86
Gráfico 11 - Vida escolar após ingresso no projeto.....	87
Gráfico 12 - Atividade realizada caso não houvesse o Projeto Cemoa Sem Limites.....	88
Gráfico 13 - Atividades preferenciais no Projeto Cemoa Sem Limites.....	89
Figura 1 - Mapa indicando a localização de Valinhos, distante cerca de 15 km de Campinas.....	70
Figura 2 - Entrada do Cemoa.....	70
Figura 3 - Fachada do Cemoa.....	71
Figura 4 - Vista aérea das instalações do Cemoa.....	71

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Mapeamento do Associativismo em Campinas - SP.....	111
Anexo 2 - Mapeamento do Associativismo em Valinhos - SP.....	129
Anexo 3 - Roteiro de questionário estruturado.....	134
Anexo 4 - História oral de vida 1.....	135
Anexo 5 - História oral de vida2.....	138
Anexo 6 - História oral de vida 3	140

LISTA DE ABREVIATURAS

APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
CAD – Centro de Aprendizado Doméstico
CCE – Compromisso Campinas pela Educação
CEB – Comunidades Eclesiais de Base
CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade
CEMOA – Centro Municipal de Orientação ao Adolescente
CNC – Confederação Nacional do Comércio
COOVER – Comunidade dos Vereadores Brasileiros
CORES – Comitê de Responsabilidade Social
CPFL – Companhia Paulista de Força e Luz
CTG – Centro de Tecnologia e Gestão do Terceiro Setor
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
FE – Faculdade de Educação
FEAC – Fundação de Entidades Assistenciais de Campinas
FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FMI – Fundo Monetário Internacional
IAFAM – Instituto dos Assuntos da Família
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDS – Instituto para o Desenvolvimento Social
INCPO – International Classification of Nonprofit Organizations
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social
MEC – Ministério de Educação e Cultura
OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
ONGS – Organizações Não Governamentais
ONU – Organização das Nações Unidas
PAR – Plano de Ações Articuladas
RMC – Região Metropolitana de Campinas
RSE – Responsabilidade Social Empresarial
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem no Comércio

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte

SESC – Serviço Social do Comércio

SESCOOP – Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo

SESI – Serviço Social da Indústria

SEST – Serviço Social do Transporte

SINDUSCON – Sindicato das Indústrias de Construção

**UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization -
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo estudar o papel da educação não formal em uma das instituições do chamado Sistema S, o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Busca-se examinar a temática nas cidades de Campinas e Valinhos - SP. Iniciamos realizando um breve mapeamento do associativismo nas duas cidades; em seguida analisamos a instituição educacional Senac Campinas e as atividades desenvolvidas na área de desenvolvimento social. Analisamos ainda a educação não formal em um projeto social específico denominado Cemoa Sem Limites, desenvolvido por meio de uma parceria entre o Senac Campinas e a Prefeitura Municipal de Valinhos.

Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo envolvendo alguns jovens atendidos no Projeto Cemoa Sem Limites. Após analisar o perfil geral da instituição e da clientela atendida, foram selecionados três participantes para entrevistas, realizadas com atenção voltada à história oral de vida. Examinamos a trajetória desses educandos durante sua participação no projeto, para entender o papel da educação não formal na formação desses indivíduos.

A indagação que norteia o presente estudo refere-se à educação não formal: seria ela uma alternativa que aponta caminhos, ferramentas e possibilidades para a formação dos participantes? Quais as possibilidades de eles crescerem como pessoas críticas e autônomas e, assim, se transformarem, criando condições para modificarem futuramente e atuarem na realidade social em que vivem? O material de pesquisa é analisado com base na literatura pertinente ao assunto.

A escolha da temática desta pesquisa ocorreu porque a educação não formal nos projetos sociais ocupa, hoje, um lugar de destaque no cenário das práticas e políticas educativas no Brasil. Além disso, teve uma influência muito forte na minha vivência como aluna de projeto social desde os 12 anos de idade, monitora aos 15 anos e, posteriormente, como estagiária e como educadora social. São 20 anos ligados a projetos sociais.

A inquietação para a realização desta pesquisa surgiu do questionamento sobre se um participante que passa quatro anos de sua vida, dos 12 aos 15 anos, fase de extrema importância para a formação do indivíduo, frequentando um ambiente de educação não formal e de atividades de associativismo consegue se transformar e modificar a realidade social em que vive. O intuito é verificar se a educação não formal é capaz de realizar transformações na vida de um participante do projeto que está em situação de vulnerabilidade social e quais os tipos de transformações. E, finalmente, se a família participa dessa transformação quando o jovem está inserido na educação não formal.

Gohn (2001) afirma que só há participação quando há um sentimento de que os indivíduos estão sendo valorizados e são necessários para alguém, quando percebem sua própria contribuição, que têm um lugar na sociedade e são úteis.

Para melhor articulação dessas questões, esta dissertação se organiza em cinco capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Elementos Teóricos”, destacamos o referencial teórico e as categorias “associativismo” e “educação não formal”, seguindo como referencial teórico Gohn (1997, 1999, 2000, 2008a, 2008b, 2010a, 2010b), Libâneo (2005, 2008), Trilla (1996, 2008, 2009) e Demo (2001a, 2001b, 2001c). O terceiro setor é citado nesta dissertação com os autores Szazi (2001), Coelho (2000), Fernandes (1994), Dowbor (2001), Salamon e Anheier (1997).

No segundo capítulo, “O Associativismo em Campinas e Valinhos - SP”, analisamos o associativismo nas duas cidades para contextualizar o cenário em que se insere o objeto desta dissertação. Constatamos que existem 280 instituições que atendem a população carente em Campinas e 94 instituições na cidade de Valinhos - SP. Entre essas instituições destacamos a atuação do Senac Campinas.

No terceiro capítulo, “O Sistema S e o Senac Campinas”, pesquisamos a história e a origem dessa instituição educacional, para resgatar momentos importantes da educação não formal e do associativismo na cidade de Campinas. Também escolhemos o Senac Campinas por ser um dos responsáveis pelo Projeto Cemoa Sem Limites, que é o objeto de estudo desta dissertação.

No quarto capítulo, intitulado “O Projeto Cemoa Sem Limites”, investigamos esse projeto social, que é resultado da parceria entre o Senac Campinas e a Prefeitura Municipal de Valinhos - SP. A escolha do Projeto Cemoa Sem Limites se deu em algumas etapas importantes. Procuramos um projeto social que existisse há mais de dez anos, que fosse resultado de políticas públicas envolvendo a cidade de Campinas - SP e a de Valinhos - SP e que estivesse inserido na área de desenvolvimento social do Senac Campinas. Investigamos então o Projeto Cemoa Sem Limites e suas atividades pedagógicas e pudemos observar que a maioria das ações propostas no projeto atinge os objetivos e metas da educação não formal. Algumas atividades e observações são relatadas no quinto capítulo.

Intitulado “Os participantes do Projeto Cemoa Sem Limites”, no capítulo 5 apresentamos o resultado da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa. Para Salamon (1997, p.157), “se o projeto é de pesquisa, importa explicitar detalhadamente a metodologia que funciona como suporte e diretriz da pesquisa”. Os procedimentos metodológicos seriam a forma de organização do conhecimento.

Nesse sentido, cumpre notar que os dados obtidos em campo no decorrer de pouco mais de um ano (entre agosto de 2010 e novembro de 2011) foram devidamente registrados em diário de campo – fotografias, conversas informais com funcionários, pais, docentes e coordenadores. Nesta pesquisa os métodos quantitativo e qualitativo se completam e norteiam os caminhos percorridos para se chegar ao conhecimento do objeto da investigação. Se por um lado o método quantitativo permite delinear estatisticamente os participantes atendidos no Projeto Cemoa Sem Limites, por outro o método qualitativo possibilita elucidar fenômenos que não podem ser quantificados, pois se referem a questões que envolvem atitudes, comportamentos e a história de vida de cada um.

No procedimento metodológico quantitativo, os participantes do Projeto CEMOA Sem Limites responderam a um questionário estruturado com sete perguntas (anexo 3), para identificarmos a opinião da população atendida. Perguntas como idade, tempo de participação no projeto, a importância do Cemoa para a vida do educando e se houve melhora no seu rendimento escolar figuram no questionário, que foi respondido por 198 jovens incluídos no projeto.

No procedimento metodológico qualitativo, escolhemos a história oral de vida como técnica. Segundo Meihy (2007), a história oral tem três tipos: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. A história oral de vida e as observações das práticas educativas revelam os dados desta pesquisa. O contato com os participantes desse projeto possibilitou inclusive o acesso a desenhos e produções escritas feitas por eles a respeito das atividades desenvolvidas.

Gohn (1999), ao tratar dos “procedimentos metodológicos utilizados nos processos de educação não formal”, relata que:

A voz ou vozes, que entoam ou ecoam de seus participantes são carregadas de emoções, pensamentos, desejos, etc. São falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador (carências socioeconômicas, direito individuais ou coletivas usurpadas ou negadas, projetam de mudança, demanda não atendida). Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passado e presente, no esforço de pensar/elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem. Os códigos culturais são acionados, e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um. (GOHN, 1999, p.106)

Assim sendo, no presente estudo propomos uma reflexão sobre os conflitos, esperanças e emoções presentes em alunos que frequentam um espaço de educação não formal. O nosso intuito é resgatar, reconstruir e recriar as experiências de alguns participantes do Projeto Cemoa Sem Limites. Para subsidiar este estudo e nos ajudar a compreender a história oral, recorreremos a alguns autores, entre eles Thompson (1978, 1992), Bosi (1994, 2003) e Meihy (2005, 2007).

Para a coleta de informações por meio da história oral de vida, utilizamos como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, com o objetivo de deixar o participante responder espontaneamente às questões apresentadas. Cuidadosamente, pensamos em um tempo para conhecer a trajetória dos entrevistados por meio de conversas informais com docentes. O objetivo dessas conversas foi garantir uma interação entre o pesquisador e o entrevistado.

Thompson (1992) vincula a valorização de fontes orais ao pós-guerra, quando os acontecimentos políticos fizeram ascender ao poder grupos e classes sociais sem uma história escrita, e também quando os historiadores sentiram uma necessidade maior de registrar lutas clandestinas de grupos que não documentaram, por razões óbvias, suas ações.

Rosemary Roggero, em seu recente livro “A Vida Simulada no Capitalismo - Formação e trabalho na arquitetura” (2010), faz uma análise sobre duas gerações de arquitetos, que se formaram nos anos 1960 e 1990, respectivamente, relatando interessantes histórias de vida dessas duas gerações, capazes de permitir a análise de questões afeitas à

formação e ao trabalho. Um aspecto importante observado pela autora é que na história oral existe a possibilidade da escuta, sem a qual não há narrativa que permita aos entrevistados se tornarem “auráticos”, ou seja, desenvolverem o seu olhar. E, ao ter voz e olhar, o indivíduo se constrói nas relações sociais, conforme Roggero (2010):

As relações sociais correspondem ao motor que movimenta a evolução individual, num processo permanente de construção e reconstrução. Nesse sentido, a biografia humana não pode ser tomada como mero suceder. A memória permite percebê-la como algo crescido e articulado, pleno de histórias e significações. (ROGGERO, 2010, p.14)

Arriscamos afirmar que a função da história oral passa pelas relações de poder estabelecidas dentro da academia e se coloca sob uma finalidade que difere da tradicionalista, quando sua intenção é escrever não a única, mas uma das possíveis versões da realidade.

Para os autores Meihy e Holanda (2007), a história oral de vida compreendida como metodologia envolve um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto, instrumento norteador que ajuda a planejar o trabalho de pesquisa, o delineamento da proposta a ser desenvolvida, sua fundamentação teórica e justificativa, a entrevista em colaboração e a passagem do código oral para o escrito. Do projeto devem emergir perguntas como *de quem, como e por que* e, a partir disso, devem-se levar em conta fatores como a relevância social da pesquisa, a exequibilidade na abrangência das entrevistas, local e tempo, o diálogo com a comunidade que gerou as entrevistas e a responsabilidade na finalização e devolução do trabalho.

Para a escolha dos três participantes da pesquisa que seriam ouvidos, começamos solicitando à coordenadora do projeto as fichas de inscrição dos 198 jovens do projeto que responderam ao questionário estruturado da pesquisa quantitativa. Quando o interessado procura o projeto social, ele preenche uma ficha indicando seu endereço e informações sobre a família (quantas pessoas moram na mesma casa, qual é a profissão dessas pessoas, a renda

familiar...). Na análise das fichas dos 198 jovens, identificamos 30 que estavam no projeto há 3 ou 4 anos. Desses 30, identificamos os alunos moradores de bairros periféricos – e, portanto, com maior dificuldade de acesso ao projeto social –, com renda familiar precária, segundo a linha da pobreza citada pela pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 1999, e matriculados regularmente no 8º, 9º ano do ensino fundamental ou 1º ano do ensino médio. Identificamos nesse momento 13 participantes. Então, por meio de sorteio, foram escolhidos três jovens para participar da entrevista, cujos depoimentos são analisados no quinto capítulo.

Por fim, nas conclusões apresentamos uma análise geral sobre os achados.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 EDUCAÇÃO FORMAL, EDUCAÇÃO INFORMAL E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

O cenário da educação se abre no século XXI com novas perspectivas, mas traz consigo uma história repleta de transformações e modificações. A crise no sistema de ensino se perpetua até os dias atuais, atingindo a realidade concreta da sociedade. Contudo, acredita-se que a educação poderá contribuir para a melhoria da qualidade de vida daqueles que se encontram em situação de miséria, em diversos âmbitos, promovendo aos excluídos uma sociedade mais justa e igualitária.

Para Gohn (2001),

Os efeitos da crise econômica globalizada e a rapidez das mudanças na era da informação levaram a questão social para o primeiro plano, e com ela o processo da exclusão social, que já não se limita à categoria das camadas populares. (GOHN, 2001, p.09)

A educação, em suas diversas modalidades, trata-se de uma ferramenta para combater e diminuir as injustiças. Freire (2000) diz que a educação é um instrumento para mudar o mundo, que torna a se transformar, pois esse processo não finaliza. Tal processo poderá levar ao desenvolvimento de um espírito crítico fundamental para se evitar novas formas de opressão.

Progressivamente a educação tem sofrido mudanças, e vem se ampliando para outros espaços, transpondo os muros da escola, alcançando diferentes ambientes. Libâneo (2005) afirma:

De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não-formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não-escolares. Há intervenção pedagógica na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos e, também, na criação e elaboração de jogos, brinquedos. (LIBÂNEO, 2005, p.27)

O ato de aprender envolve todas as situações do nosso cotidiano. A rapidez com que as informações chegam até nós suscita a sensação de que, se pararmos um pouco, essas informações já estarão ultrapassadas e, por conseguinte, ficaremos desatualizados e fora da realidade. Segundo Brandão (1985),

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1985, p.07)

Para Brandão (1985), a educação está em toda parte, podendo haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra. A evolução da cultura humana levou o ser humano a transmitir conhecimento, criando situações diversas de interações sociais. Essas situações produzem também “a socialização, que é responsável pela transmissão do saber” (p.16).

A socialização é um processo educativo fundamental na formação do ser humano. Podemos pensar que, quando um aluno de uma escola interage com outras pessoas e começa a se perceber como sujeito dentro da sociedade, ele consegue ter uma autoestima que o levará a acreditar que a escola é um meio e uma oportunidade de progredir. No entanto, o que observamos na mídia e na fala informal dos professores é que, atualmente, os alunos estão sem essa perspectiva, ou seja, não estão indo à escola para se socializar e aprender. Muitos educandos, sobretudo entre as camadas mais abastadas, vão para a escola apenas para se

encontrar, para competir entre si, exibir roupas de marca, celulares modernos, iPods, mp3, mp4 e um sem número de novas tecnologias. Todavia, em outras situações, em diversas partes do país, estão indo à escola para se alimentar, pois talvez aquela refeição oferecida no ambiente escolar seja a única recebida no dia.

O que observamos é que os objetivos devem estar claros em relação à escola. Nesse sentido, Ganzeli (2011) preleciona:

Fica claro que a escola deve oportunizar ao educando processos de aprendizagens que lhe assegurem a transmissão do saber acumulado pela sociedade, como também lhe garantir a possibilidade de construção de novos saberes. Deve ainda proporcionar meios para o exercício de sua cidadania e, por fim, qualificá-lo para o mundo do trabalho. (GANZELI, 2011, p.11)

Portanto, a educação, em tese, é um dos elementos que ajudam a constituir e moldar a sociedade. Mas, na prática, ela não está desempenhando seu papel, especialmente a educação escolar. Segundo Gohn (1999), recai sobre a educação uma demanda diversa: atualização, especialização, reciclagem, aperfeiçoamento, entre outras necessidades. Tais demandas situam-se tanto na educação não formal como na formal.

Assim, pode-se notar que as demandas escolares não ficam restritas à educação formal – elas acabam também pesando sobre as práticas educativas não formais. Destarte, é importante que os pesquisadores e profissionais que atuam nas instituições formais façam análises corretas da conjuntura econômica e social em que se situa a educação não formal. Na prática, a mídia e vários meios de comunicação têm denunciado espaços de educação não formal sem nitidez do papel que ocupam dentro do campo educacional, e a mesma situação acontece com a educação formal.

Os espaços educativos precisam ser focalizados a partir dos sujeitos, que são o alvo dos processos educacionais. Construir categorias e conceitos para análise desses espaços exige compreender suas características, distinções e articulações. Entre tais espaços se

destacam três vertentes/categorias: a Educação Formal, a Educação Não Formal e a Educação Informal.

Libâneo (2005) reflete sobre o que é a educação formal, caracterizando-a do seguinte modo: “A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática.” (LIBÂNEO, 2005, p.31)

A educação formal é regrada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pelas Propostas Pedagógicas dos estados e/ou cidades. A estrutura curricular, a duração das aulas, a carga horária de cada disciplina e as disciplinas oferecidas em cada ano escolar são planejadas com alguns objetivos a serem atingidos.

O papel da escola e da educação formal é de extrema importância para a sociedade, e as leis vigentes afirmam o compromisso de que todos têm direito a uma educação de qualidade. Porém, faz-se necessário observar que há um descompasso entre o que é definido nas propostas e o que realmente ocorre nas escolas brasileiras. Nelas, encontramos adolescentes terminando o 9º ano do Ensino Fundamental, com idade de 13 ou 14 anos (se não foram reprovados), sem saber ler e escrever corretamente e sem a mínima noção de interpretação de textos, o que leva a uma dificuldade na interpretação da realidade em que vivem.

É preciso não apenas denunciar o caos da educação formal, mas também encontrar os meios de transformá-la. Em Campinas, vários pesquisadores realizaram um estudo para saber se “é possível transformar a organização da escola pública no contexto da sociedade capitalista de modo que se favoreça a construção de uma educação emancipatória”. E para isso foi construído “um trabalho de pesquisa-ação realizado em uma unidade escolar pública de ensino fundamental a fim de responder esta questão” (GANZELI, 2011, p.19). A escola pesquisada foi a EMEF Prof. Vicente Ráo, no período de agosto de 2006 a julho de 2009.

Uma média de 14 pesquisadores internos e externos da escola se tornaram “pesquisadores coletivos”.

A pesquisa se baseou “em uma visão da escola da perspectiva da teoria gramisciniana [sic] de transformação do Estado Capitalista” (GANZELI, 2011, p.17), com a construção do Projeto Político-pedagógico Emancipador, promovendo a autonomia da unidade escolar, cujo ponto principal foi o planejamento de todos os processos para a superação da “rotina alienante que predomina no ambiente escolar” (GANZELI, 2011, p.19).

A pesquisa possibilitou a mudança da percepção acerca da realidade escolar e da postura de cada participante, no sentido da valorização do trabalho integrado e do planejamento conjunto para reinventar a escola pública. Ganzeli (2011) ensina que:

A reinvenção da escola pública, da perspectiva da emancipação humana, exige que os educadores construam um processo de reflexão-ação-reflexão no âmbito da organização escolar, que amplie a sua consciência sobre a relação entre o trabalho na escola e as relações de poder na sociedade capitalista. (GANZELI, 2011, p.25)

Observamos que, apesar do cenário desolador, vários pesquisadores procuram entender os processos que estão ocorrendo na educação formal. Muitas pesquisas apontam que novas estratégias estão em evidência para encontrar caminhos para a reorganização da escola.

Outras categorias adotadas na presente dissertação são: Educação Informal e Educação Não Formal. No que se refere à definição de educação não formal e à distinção em relação à educação informal, Gohn (2008a) ensina que:

A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc. são considerados temas da educação informal. O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos

espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar. (GOHN, 2008a, p.99-100)

A mesma autora define a educação não formal como:

Um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como a multiplicidade de programas e projetos sociais. (GOHN, 2010b, p.33)

Um dos grandes desafios no campo dos processos educativos não formais tem sido defini-los. Além da definição de Gohn apresentada anteriormente, autores criaram outras denominações. Gohn (2010b) relaciona alguns conceitos citados por autores em suas respectivas obras, tais como: *educação permanente*, de Furter (1976), *educação integral*, de Azevedo (1930), *não escolar*, de Janela (1989 e 2006), *educação alternativa*, de Brennan (1997), *educação popular*, de Freire (1983), *educação comunitária*, de Poster e Zimmer (1995), *educação social*, de Pérez (1999), e *educação sociocomunitaria*, de Groppo (2006).

Nesta investigação a educação não formal será abordada seguindo como referencial teórico os ensinamentos de Gohn (1997, 1999, 2000, 2008a, 2008b, 2010a, 2010b), Libâneo (2005, 2008) e Trilla (1996, 2008, 2009). Libâneo (2005, p.89) afirma que “uma modalidade educacional não deve ter supremacia sobre a outra, nem diminuir ou depreciar uma ou outra forma de educação”. Por sua vez, Gohn, no livro “Educação Não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais”, lembra que a educação não formal não substitui a educação formal, mas “poderá ajudá-la na complementação por meio de programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizada no entorno da escola” (GOHN, 2010b, p.39).

Observa-se que uma modalidade de educação pode ser utilizada como alternativa de melhoria das situações de aprendizagem no âmbito de outra modalidade, e vice-versa. Pois a educação é como um anel, que não tem começo nem um fim, tudo se torna meio, e quanto maior a oportunidade de aprender com os meios, maior será a aprendizagem. Precisamos superar a visão de que uma modalidade de educação é melhor do que a outra, todas elas estão conectadas. Conforme Libâneo (2005) defende:

É preciso superar duas visões estreitas do sistema educativo: uma, que o reduz à escolarização, outra que quer sacrificar a escola ou minimizá-la em favor de formas alternativas de educação. Na verdade é preciso ver as modalidades de educação informal, não-formal, formal, em sua interpenetração. A escola não pode eximir-se de seus vínculos com a educação informal e não-formal; por outro lado, uma postura consciente, criativa e crítica ante os mecanismos da educação informal e não-formal depende, cada vez mais, dos suportes da escolarização. (LIBÂNEO, 2005, p.89)

A categoria de análise Educação Não Formal está em construção e conquistando o seu espaço acadêmico. A educação não formal consolida a atuação da sociedade civil organizada, que busca, por intermédio de suas atividades específicas e direcionadas, complementar a formação da criança, do adolescente e do adulto.

Jaume Trilla (1996) nos mostra que o termo “educação não formal” tornou-se popular no contexto educacional a partir de 1967, com a International Conference on the World Crisis in Education, que ocorreu em Williamsburg, Virgínia, nos Estados Unidos. Foi nesse período que surgiram e penetraram nas discussões pedagógicas vários estudos sobre a crise na educação.

De acordo com Gohn (2000), as atividades efetivadas no cotidiano do mundo, no dia a dia de homens e mulheres, fazem emergir processos de aprendizagem e novas concepções, numa tentativa dos sujeitos de dar conta de seus problemas para a sobrevivência diária. Essas mudanças criam novas modalidades da educação no campo da educação não formal.

A expansão da educação não formal resulta de mudanças no mundo contemporâneo, que acabaram levando a práticas pedagógicas fora do ambiente escolar (TRILLA, 2008). Segundo Gohn (1999), a educação não formal no Brasil, até os anos 80 do século passado, era vista como uma extensão da educação formal desenvolvida em espaços exteriores às escolas, despertando pouca atenção de educadores e educadoras e refletindo quase nada na elaboração de políticas públicas. Nos anos 1990, entretanto, recebeu destaque em virtude das mudanças ocorridas na economia, na sociedade e no mundo do trabalho.

Compreendendo-se que o ser humano se constitui a partir das relações que estabelece, entende-se também que a educação não formal representa uma atividade importante no processo de formação do indivíduo. Ela favorece a socialização, por meio do convívio com diferentes sujeitos em contextos distintos, e auxilia também no processo de ensino-aprendizagem, já que acontece por meio do compartilhamento de experiências.

Além das mudanças conjunturais, vários eventos acadêmicos propiciaram a expansão da educação não formal na década de 1990.¹ Para Gohn (1999), foi a partir da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em 1990, em Jomtien, na Tailândia, e da elaboração dos documentos “Declaração Mundial sobre a Educação para Todos” e “Plano de Ação para Satisfazer Necessidades Básicas de Aprendizagem” que a área da educação não formal tornou-se visível, tomando como referência algumas das experiências educacionais desenvolvidas pelas ONGs na América Latina. Este último documento partiu da definição de “necessidades básicas para a aprendizagem” como recurso para que ela ocorra, e dos “novos conteúdos básicos”, que, além dos conteúdos teóricos e práticos, incorporam valores e atitudes para viver e sobreviver, ampliando assim o campo da educação para além da escola.

¹ A educação não formal ampliou suas dimensões acadêmicas nos anos 1990, na Universidade Estadual de Campinas. Segundo Gohn (2010, p.10), “[...] a introdução da disciplina Educação Não Formal na Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp foi em 1999, [...] tive a satisfação de escrever sua ementa [...] No ano seguinte a disciplina foi introduzida na Pós-Graduação da FE/Unicamp, como disciplina nova. Posteriormente a disciplina tornou-se obrigatória no ensino de graduação. Ainda no final dos anos 1990 surgem às primeiras teses e dissertações de orientandos meus usando o termo”. Nessa mesma época e local, houve um Seminário que teve como resultado a publicação de dois Cadernos Cedes - nºs 32 e 33, que marcou a história da educação não formal no Brasil.

Esses documentos descartam a visão reduzida a respeito da educação, utilizando inovação, tecnologia e alianças para que todos tenham acesso a ela. Recomendam também programas de educação em entidades que ofereçam cursos sobre tecnologias, além de formas alternativas de utilização e preservação dos recursos naturais e do meio ambiente.

Gohn (1999, p.13) destaca ainda que “a educação não formal terá que ser considerada uma promotora de mecanismos de inclusão social, que promovem o acesso aos direitos da cidadania”, pois, se assim não for, corre-se o risco de adotar posturas assistencialistas, enfatizando a carência cultural no lugar da valorização e ressignificação das práticas culturais dos grupos e pessoas em foco.

Para Gohn (1999), a educação não formal tem vários campos ou dimensões de abrangência. O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos sujeitos, num processo grupal participativo, gerador de conscientização voltada à compreensão de interesses individuais, do meio social e da natureza circundante. O segundo refere-se à capacitação para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro diz respeito à aprendizagem para o exercício de práticas que capacitem os sujeitos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas do cotidiano. O quarto, à aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal escolar em formas e espaços diferenciados. O quinto, à educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica. E o sexto, à educação para a vida ou para a arte de viver bem, utilizada como estratégia de resistência ao estresse.

A aprendizagem na educação não formal se dá pela prática social. É a experiência em trabalhos coletivos que gera o aprendizado e o conhecimento, construídos por intermédio de vivências. Na educação não formal não existe a preocupação de trabalhar os mesmos conteúdos da escola formal, mas podem ser trabalhados alguns desses conteúdos para resolver dificuldades dos sujeitos, porém com metodologias e sequências cronológicas diferenciadas.

Para desenvolver a educação não formal podem-se utilizar espaços interativos, e o tempo também pode se tornar um aliado, dependendo das particularidades de cada um. Para Trilla (2009),

[...] na educação não formal cabe o uso de qualquer metodologia educacional, pois está fora do sistema de ensino formal, sem currículo padronizado e poucas normas legais. Ter um caráter não obrigatório que facilita a possibilidade de métodos alternativos e condizentes com a realidade e necessidades de cada contexto. (TRILLA, 2009, p.42)

Em 2004 o Governo Federal brasileiro elaborou o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, contando com a contribuição de Maria da Glória Gohn. O plano inclui um capítulo sobre a educação não formal, definindo seus objetivos da seguinte forma:

- a educação não formal deve contribuir para a igualdade social, o desenvolvimento pessoal e favorecer melhor qualidade de vida e elevação da auto-estima dos grupos socialmente excluídos;
- a educação não formal deve se tornar um instrumento eficaz no processo de construção da democracia, da cidadania, da paz, do desenvolvimento e da justiça social, de modo a garantir a inclusão social e a dignidade humana;
- os programas de educação não formal devem possibilitar o respeito à igualdade e à diferença, fomentar valores éticos e cívicos, além de contribuir para o combate ao racismo, à discriminação, à intolerância e à xenofobia;
- as estratégias e metodologias devem ser trabalhadas em uma perspectiva interdisciplinar e no confronto com a realidade, permitindo mudanças nas atitudes, valores e práticas dos participantes de programas de educação não formal, de modo que estes possam adotar valores vinculados à solidariedade e ao respeito aos direitos humanos;
- a educação não formal em direitos humanos deve articular o conhecimento popular ao conhecimento acumulado historicamente pela humanidade. (GOHN, 2004, p.28)

A educação não formal permite o diálogo, valoriza a interferência do outro na constituição do sujeito, daí sua grande relevância para um processo de ensino-aprendizagem que seja capaz de incentivar a transformação. Sendo assim, é muito importante que a educação não formal e a educação formal caminhem juntas.

A educação não formal permite vivenciar, em um espaço fora da sala de aula, um momento único, associar-se a outras pessoas e se integrar coletivamente. Nela o indivíduo “[...] enfrenta as situações sociais com a disposição de cooperar, possui uma conduta integradora que é capaz de tolerar os outros e as suas opiniões, mas cujo respeito às diferenças não enfraquece sua adesão militante e participativa aos valores democráticos” (GROPPO, 2005, p.10).

1.2 ASSOCIATIVISMO EMANCIPADOR E ASSOCIATIVISMO REGULADO

O ser humano, como ser social, sempre se associou. O interesse comum justifica a formação dos grupos. A própria definição da palavra “interesse”, segundo o dicionário Aurélio, aponta para o sentido da associação de pessoas: “Parte ou participação que alguém tem nalguma coisa”. Assim, as associações acontecem pela necessidade de satisfazer interesses, em qualquer área, sejam eles comerciais, científicos, de lazer, esportivos ou outros.

Os diferentes interesses podem gerar uma necessidade de união ou de participação do indivíduo em associações. Diferentes exemplos de associativismo podem ser citados, como os sindicatos, nos quais há um interesse comum relativo às condições de trabalho e salário do trabalhador. Existem ainda as cooperativas populares, em que há a agregação de forças e distribuição de tarefas para alcançar um interesse comum; as associações de bairro, que reivindicam melhorias das condições de moradia de determinada região; além dos partidos ou grupos políticos, em que o interesse está em manter atividades ideológicas, geralmente visando o poder; e ainda outros, como grupos de estudo, entidades filantrópicas, grêmios, irmandades ou confrarias, grupos de trabalho ou comissões...

O termo “associativismo” deriva de “associação” e remete ao sentimento que os associados devem compartilhar, cabendo a eles repartir os dividendos e ajudar-se, mutuamente, nas dificuldades. O associativismo permite que os envolvidos atinjam objetivos maiores e de forma mais rápida do que se estivessem trabalhando sozinhos, já que as pessoas desenvolvem o seu trabalho em equipe.

Segundo o IDS - Instituto para o Desenvolvimento Social, no livro “Guia Para o Associativismo” (2001, p.5): “O Associativismo é a expressão organizada da sociedade, apelando à responsabilização e intervenção dos cidadãos em várias esferas da vida social e constituiu um importante meio de exercer a cidadania.” A importância e o valor do associativismo decorrem do fato de constituir uma realização viva e independente, uma expressão da ação social das populações nas mais variadas áreas.

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2002), o desenvolvimento da modernidade ocidental se estruturou a partir das tensões entre dois pilares constitutivos: o pilar da regulação social e o pilar da emancipação social. Tais pilares são compostos por princípios que os organizam na concretude das relações humanas. Os princípios da regulação social são: o princípio do Estado, o princípio do mercado e o princípio da comunidade. Por sua vez, o pilar da emancipação social é constituído por três dimensões da racionalização e secularização da vida coletiva na sociedade ocidental: a racionalidade moral-prática do direito moderno; a racionalidade cognitivo-experimental da ciência e da técnica modernas; e, por fim, a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura modernas.

O que Boaventura de Sousa Santos (2002) indica, entretanto, é que a pretendida relação harmoniosa que garantiria o desenvolver equiparado dos dois pilares só existiu nas formulações idealistas. O que ocorreu na realidade foi que o princípio do mercado sobrepujou os demais princípios de regulação social, subordinando tanto o princípio do estado como o princípio da comunidade.

As tensões entre os pilares constitutivos da modernidade ocidental – regulação social e emancipação social – compõem a base em que se fundam as relações sociais, políticas e econômicas da sociedade capitalista, estruturada como promotora da exclusão e da opressão da maior parte da população dos países onde quer que tenha se estabelecido.

A emancipação social pode ser entendida como um estado/luta psicossocial progressivo em que os indivíduos e/ou a sociedade encontra-se livre de toda e qualquer tutela, sendo capaz de administrar seus bens (físicos, psíquicos e espirituais) livremente, fazer conscientemente suas escolhas, analisar criticamente a realidade, sendo na modernidade “uma alternativa radical à regulação social”, como discorre Santos (2002, p.238).

Assim, partindo-se do entendimento do associativismo como ação de emancipação social importante para a democracia, percebe-se também sua importância do ponto de vista político, pois no interior das associações são estabelecidas relações de poder. Nota-se que as associações envolvem a democracia, o civismo e o convívio coletivo.

Nessa perspectiva, as associações podem ser consideradas como estruturas que agregam interesses, educando o indivíduo para o convívio social. O ato de associar-se induz a pessoa a tomar consciência de seu papel social e a perceber seus direitos, passando a poder reivindicá-los quando necessário. Mas também leva a pessoa a tomar ciência de seus deveres, aceitando-os de maneira crítica, muitas vezes contestando as regras estabelecidas no sentido de participar de novas determinações condizentes com os interesses do grupo no momento.

Em um contexto geral, as formas associativas sempre foram desestimuladas, e as poucas associações surgiram baseadas na necessidade de reorganização. Pode-se afirmar que o marco decisivo e indispensável para a existência do associativismo em nossa sociedade foi a instauração dos regimes democráticos.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada em 10 de dezembro de 1948, estipula, na alínea 1 do Artigo 20, que "toda pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas". Para entendermos a questão do associativismo na atualidade, precisamos entender o que se passou quando vários movimentos sociais se formaram, passando a fazer parte dessa evolução histórica.

Presente em diversos segmentos, como a Igreja Católica, o associativismo, além do sindicalismo e dos movimentos sociais dos anos 1960, 1970 e 1980 tiveram importante participação na criação de uma cultura de atuação social, resultando na contestação do regime militar vigente. Muitas organizações e movimentos sociais lutaram contra a ditadura militar, no Brasil, entre os anos de 1964 e 1985.

Gohn (2008a) relata a evolução histórica dos movimentos sociais, asseverando que, nos anos 1980, houve um grande avanço do associativismo, com a afirmação da postura autônoma, perante o Estado, de uma sociedade civil democrática e de oposição ao regime militar. Um exemplo importante remete ao ano de 1984, com o movimento das Diretas-Já, que trouxe a luta pela democracia. Outro fato que merece destaque foi a luta das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), que reuniam fiéis, ao lado de movimentos sociais e movimentos populares. Já em 1990 “surgem as crises econômicas internas em movimentos populares e ONGs cidadãos que os levaram a repensar seus planos, planejamentos e ação, estratégias, etc.” (GOHN, 2008a, p.134).

As Organizações Não Governamentais (ONGs) proliferaram a partir dos anos 1990, algumas buscando recursos junto ao Estado ou ainda junto a ONGs internacionais para continuar com seus projetos, outras se aliando a empresas privadas. Verificou-se ainda, nesse período, o surgimento de importantes institutos, fundações e organizações da sociedade civil que se formalizaram para agir de maneira relativamente orgânica e institucionalizada, atuando

diretamente com o Estado, em parceria com este ou apenas usufruindo os incentivos fiscais que oferece em decorrência da sua substituição nas questões sociais.

Nesse contexto, com a globalização, viu-se um aumento dos índices de desemprego, a precarização das condições de trabalho e ampliação do número dos socialmente excluídos, que sobrevivem no mercado informal de trabalho. Segundo Gohn (2008a),

Nos anos 1990 houve todo um replanejamento da estrutura dos movimentos sociais onde a nova política de distribuição e gestão dos fundos públicos em parceria com a sociedade organizada, focalizados não em áreas sociais (como moradia, saúde, educação, etc), mas em projetos temáticos focalizados (como crianças, jovens, mulheres etc) contribuíram para desorganizar as antigas formas dos movimentos no que se referem as suas demandas e suas reivindicações. A palavra de ordem destes projetos e programas passou a ser: ser propositivo e não apenas reivindicativo, ser ativo e não apenas um passivo reivindicante. (GOHN, 2008a, p.134)

Vale lembrar que o associativismo consiste na união de pessoas em prol das mesmas metas e de forma organizada. Para Demo (2001a), “o associativismo pode apresentar-se como um incentivo à capacidade de controle democrático, ou seja, a capacidade da população de manter sob controle o Estado e o mercado, de tal sorte que prevaleça o bem comum” (DEMO, 2001a, p.13). Esse controle significa que a parcela menos destituída de direitos da população pode executar táticas de controle de poder, mediante estratégias para o gerenciamento do bem comum. E um exemplo de bem comum que poderia ser conquistado por meio do associativismo é o direito a uma educação de boa qualidade.

A educação, entre outras possibilidades, poderá levar os indivíduos a compreender sua própria história. Para Demo (1998b),

Apesar de apostar na potencialidade emancipatória da educação, [a “pedagogia da esperança”] nunca relegou o lado crítico, pois na contraluz do conhecimento sempre se arrasta a ignorância. Pobreza política é, sobretudo o cultivo da ignorância, feito não pelos assim ditos analfabetos, mas pelos que tiveram a chance de freqüentar

espaços mais privilegiados da educação formal. (DEMO, 1998b, p.295)

A educação pode transformar a vida de cidadãos. Segundo Demo (2001a, p.76), “a cidadania anda de mãos dadas com a associatividade, sendo necessário para promover essa cidadania associativa, o incentivo à educação e à comunicação”. O papel da educação está na capacidade de reconstruir fatos fundamentais da história humana e estimular a fundamentação política de um processo associativo.

Ganzeli (2011) ensina que:

Enquanto a classe dominante cria as suas camadas de intelectuais para dar sustentação e organização à visão de mundo que favorece a reprodução de seu poder na sociedade, é preciso que a classe dominada crie os seus intelectuais que concebam uma nova visão social de mundo, que, por sua vez, favoreça a construção de relações democráticas, ainda que na concretude da sociedade desigual capitalista. (GANZELI, 2011, p.21)

O associativismo pode ser importante para a superação da pobreza e para o desenvolvimento humano, na medida em que potencializa as pessoas para o convívio social. Gohn (2008a, p.133) afirma que “é fundamental para a compreensão de como se dá a construção da cidadania dos pobres no Brasil, dentro de novos parâmetros, agora como sujeitos dotados de direitos”.

O conceito de pobreza é historicamente construído. Qualquer sociedade, no seu tempo histórico, define a forma de pensar a pobreza e de reconhecê-la de acordo com o seu desenvolvimento. Demo (1998b) discorre que,

Geralmente, quando falamos de pobreza, olhamos apenas para a carência material, indicada pela falta de emprego, renda, moradia, saúde etc. Trata-se da crosta externa do fenômeno, porque em seu âmago sucede, sobretudo, processo de exclusão política, alimentado momentaneamente pela ignorância por parte do excluído. (DEMO, 1998b, p.316)

Atualmente, o mais frequente é colocar a pobreza simplesmente como o resultado de um cálculo, sendo o problema evidenciado apenas a partir da falta de salário ou da precarização da renda obtida no mercado de trabalho. É o que se costuma chamar de determinação da linha da pobreza.

A “linha da pobreza”, instrumentalizada por estudos internacionais, define “pobre” como aquele que recebe valor insuficiente para satisfazer suas necessidades consideradas básicas. E define como indigentes aqueles que recebem quantidade insuficiente para a aquisição da cesta básica de alimentos. Segundo pesquisa do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, em 1999 14,5% da população brasileira vivia em famílias com renda inferior à que delimita a linha de indigência, e 34,1%, com renda inferior à que caracteriza a linha da pobreza. Isso corresponde a 22 e 53 milhões de pessoas, respectivamente. Comparado ao ano anterior, houve um pequeno aumento: em 1998 havia 21,7 milhões de indigentes e 50,3 milhões de pobres.

Para Demo (1992, p.319), “diz-se apenas que pobreza política é mais central que pobreza material, colocando questão mais profunda e decisiva em termos emancipatórios. Com efeito, o sistema não teme pobre com fome. Mas teme pobre que sabe pensar”.

O associativismo, como ação coletiva movida em prol de objetivos comuns a um grupo, pode ser importante para a superação da condição social restritiva em que a pobreza está inserida. Porém, o associativismo está lutando pela causa menor, que é a fome, e não pela causa maior: a falta de oportunidades para saciar a fome.

De acordo com Demo (1997),

Para superar a fome, por exemplo, não basta ter acesso à comida. Antes de tudo, ter consciência crítica de que a fome é imposta e inventada, e de que o pobre não pode prescindir da oportunidade de prover, por ele mesmo, sua comida. Daí já segue que emprego é sempre muito mais relevante que assistência, devendo ser visto, ademais, não apenas como decorrência livre do mercado, mas como direito humano em primeiro lugar. (DEMO, 1997, p.319)

A formação de associações deveria impulsionar o crescimento social, a questão do emprego, em vez da assistência, e a criação de vínculos para suscitar uma sociabilidade mínima e capacitar cidadãos para as reivindicações de políticas sociais diante do poder público.

1.2.1 Associativismo e Terceiro Setor

O associativismo pode ocorrer de diferentes formas. Abordaremos mais detalhadamente neste estudo uma área específica do associativismo: o terceiro setor. Segundo Gohn (2010b, p.75), “o associativismo é impulsionado por organizações do chamado terceiro setor e atua via projetos sociais específicos”.

No ano de 1999, foi publicada a Lei 9.790/99, denominada Marco Legal do Terceiro Setor, criada graças ao empenho e à experiência acumulada pelo Conselho da Comunidade Solidária. Essa lei disciplina, entre outros aspectos, os requisitos para que uma entidade sem fins lucrativos (associação ou fundação) possa receber do Governo Federal a qualificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). Institui também a possibilidade de essas organizações celebrarem "termos de parceria" com o poder público para a execução de determinados projetos.

O termo “terceiro setor” é, portanto, relativamente novo em nossa sociedade, contudo, suas bases e princípios são seculares. Para Gohn (2005),

No Brasil, nos anos 70-80, as ONGs cidadãos e militantes estiveram por detrás da maioria dos movimentos sociais populares urbanos que delinearam um cenário de participação na sociedade civil, trazendo para a cena pública novos personagens, contribuindo decisivamente para a queda do regime militar e para a transição democrática do país. As ONGs contribuíram para a reconstrução do conceito ‘sociedade civil’, termo originário do liberalismo, que adquire novos significados, menos centrados na questão do indivíduo e mais direcionados para os direitos de grupos. (GOHN, 2005, p.76)

A definição adotada por Fernandes (1994) mostra muito bem a influência dos tempos. Nas palavras do autor,

Pode-se dizer que o terceiro setor é composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não governamental, dando continuidade às práticas tradicionais da caridade, da filantropia e do mecenato e expandindo o seu sentido para outros domínios, graças, sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil. (FERNANDES, 1994, p.27)

Fernandes (1994) define o terceiro setor conforme mostra o seguinte quadro:

Quadro 1 - Definição do Terceiro Setor

Combinações resultantes da conjunção entre o público e o privado

AGENTES = FINS = SETOR

Privados = Para privados = Mercado

Públicos = Para públicos = Estado

Privados = Para públicos = Terceiro Setor

Públicos = Para privados = (corrupção)

Fonte: FERNANDES, 1994.

De acordo com Gohn (2010b),

O terceiro setor brasileiro é composto por inúmeras associações e entidades com perfis variados. Essas associações e entidades sobrevivem graças ao apoio financeiro e institucional que recebem de empresas, nacionais e internacionais, fundações também empresariais, bancos e outras entidades da sociedade civil. Este conjunto de entidades patrocina inúmeros projetos sociais, projetos formulados com premissas associativas destinados a clientela carentes, num universo multifacetado das experiências associativas, inscrevendo

suas atuações no universo de responsabilidade social. (GOHN, 2010b, p.76)

O termo “terceiro setor” tem sido empregado com ênfase crescente nos últimos 25 anos por organismos internacionais (ONU - Organização das Nações Unidas, FMI - Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial) e pela mídia de modo geral, que começam a voltar sua atenção para os países subdesenvolvidos, a fim de influenciar principalmente as políticas sociais.

Assim como Dowbor (2001), consideramos que

O papel do Terceiro Setor não é realizar ações próprias do Estado substituindo-o, mas agir como articulador e organizador das forças sociais no sentido de ampliar as possibilidades das comunidades locais influenciarem as políticas públicas. (DOWBOR, 2001, p.49)

Esse espaço foi sendo conquistado durante a luta pela ampliação da cidadania, que fomentou o aparecimento, como refere Gohn (1997), de uma nova concepção de sociedade civil:

Resultado das lutas sociais empreendidas por movimentos e organizações sociais nas décadas anteriores, que reivindicaram direitos e espaços de participação social, essa nova concepção construiu uma visão ampliada da relação Estado-sociedade, que reconhece como legítima a existência de um espaço ocupado por uma série de instituições situadas entre o mercado e o Estado, exercendo o papel de mediação entre coletivos de indivíduos organizados e as instituições do sistema governamental. (GOHN, 1997, p.301)

É possível verificar, em diversos segmentos sociais, uma preocupação crescente com os direitos do cidadão. Tal preocupação nos remete à ampliação da relevância e visibilidade das organizações da sociedade civil, das formas de cooperativismo e das associações.

Para Gohn (1999), na prática, o terceiro setor caminha para uma articulação conjunta, de caráter mais propositivo que reivindicativo, entre movimentos sociais e as modernas

ONGs, determinadas associações comunitárias, fundações sem fins lucrativos e entidades filantrópicas, de forma a assumir o papel de intermediador entre Estado e sociedade para a construção de espaços de execução de políticas sociais. Essas organizações são amplamente diversificadas no que diz respeito a tamanho, missão institucional, captação de recursos, população atendida, atuação e formalização.

Deve ficar claro que existem certos programas que não são de cunho filantrópico – ou seja, são simples atos de caridade com o próximo, realizados por empresários bem-sucedidos, restituindo à sociedade parte dos ganhos que obtêm em suas empresas. Existem também empresas com responsabilidade social, cujas ações não são individuais, mas refletem a integração e o acompanhamento de programas em prol da cidadania.

Szazi (2001) relata que

A filantropia também está presente no Terceiro Setor através de Entidades Filantrópicas, porém a empresa que colabora com essas entidades contribui para aspectos sociais de maneira superficial e não deve ser titulada como uma empresa socialmente responsável, pois a responsabilidade social é o compromisso social em empresas privadas e sua relação com o terceiro setor. Essas empresas podem desenvolver programas sociais próprios, esses podem ser realizados através de fundações, que é um tipo especial de pessoa jurídica, pois pode ser constituída a partir da decisão de um só indivíduo. (SZAZI, 2001, p.98)

Salamon e Anheier (1997) tentaram preencher a lacuna teórica sobre a questão estudando como o setor filantrópico, ou não lucrativo, funcionava em 13 países, inclusive no Brasil. Os resultados dessa pesquisa foram publicados no clássico livro “The Emerging Sector - An Overview”, dos autores Salomon e Anheier (1997). Essas informações tornaram-se uma referência mundial para estimular pesquisas idênticas em outros países.

Um intenso trabalho dos técnicos da Johns Hopkins, junto ao departamento de Estatística da ONU, ao qual se juntaram especialistas de diversos países, resultou na Classificação Internacional das Organizações Não Lucrativas (ICNPO - International

Classification of Nonprofit Organizations). Desde março de 2002, a ICNPO está disponível no site da Johns Hopkins. O IBGE adota a ICNPO como referência para o levantamento de informações sobre o terceiro setor, nas pesquisas censitárias realizadas pelo instituto.

Na presente dissertação a ICNPO foi escolhida para subsidiar as análises justamente para exemplificar o que as instituições tanto de Campinas como de Valinhos entendem por terceiro setor e como se classificam. Vale ressaltar que vários autores contestam essa classificação, dizendo que ela demonstra apenas as virtudes das empresas e do terceiro setor empresarial.

Salamon e Anheier (1997) propõem uma definição “estrutural-operacional” que permite vislumbrar a estrutura básica das organizações. Conforme os autores, as instituições inseridas no terceiro setor compartilhariam as seguintes características: seriam entidades organizadas, privadas, não distribuidoras de lucros, autogovernadas e voluntárias.

Para Salomon e Anheier (1997),

As organizadas foram institucionalizadas de alguma forma. Segundo os autores, a realidade institucional não precisa ser necessariamente formal, mas pode ser demonstrada por reuniões periódicas, representantes reconhecidos, regras de atuação etc. *As privadas* são as instituições devem ser formalmente separadas do setor governamental, não fazendo parte nem sendo governadas ou geridas pelo governo. Isto não significa que as instituições não possam receber recursos públicos, nem que nenhum membro do governo possa fazer parte do corpo de diretores.

As de não distribuidoras de lucros são os eventuais superávits produzidos pela instituição que não podem ser repartidos entre os diretores, devendo ser reinvestidos no cumprimento de seus objetivos estabelecidos. Com isso, se diferencia o Terceiro Setor do mercado.

Também tem a *auto governadas* que são as organizações que devem ser geridas independentemente de outras organizações, com procedimentos e forma de atuação definidos internamente. E a *voluntárias* que são as organizações que devem envolver algum grau de participação voluntária, em funções gerenciais ou operacionais. Uma instituição com um corpo de diretores voluntário pode ser classificada como “voluntária”. (SALOMON, ANHEIER, 1997, p.33)

Essa definição acerca do que é e não é atributo de uma organização sem fins lucrativos fornece um critério para classificar as instituições, o que não acontecia quando se levava em conta apenas a definição do *privado com objetivo público*.

Cumprir observar o quadro da INCPO para demonstração, como referência para o levantamento de informações sobre o terceiro setor.

Quadro 2 - Classificação Internacional de Organizações Não Lucrativas
(International Classification of Nonprofit Organizations - ICNPO)

GRUPO 1: CULTURA E RECREAÇÃO 1 100 Cultura e Artes 1 200 Esportes 1 300 Outras Recreações e Clubes Sociais	GRUPO 6: DESENVOLVIMENTO E MORADIA 6 100 Desenvolvimento Econômico, Social e Comunitário 6 200 Moradia 6 300 Emprego e Treinamento
GRUPO 2: EDUCAÇÃO E PESQUISA 2 100 Ensino Fundamental e Médio 2 200 Educação Superior 2 300 Outras em Educação 2 400 Pesquisa	GRUPO 7: SERVIÇOS LEGAIS, DEFESA DE DIREITOS CIVIS E ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS 7 100 Organizações Cívicas e de Defesa dos Direitos Cívicos 7 200 Serviços Legais 7 300 Organizações Políticas
GRUPO 3: SAÚDE 3 100 Hospitais e Reabilitação 3 200 Casas de Repouso 3 300 Saúde Mental e Intervenção em Crises 3 400 Outros Serviços de Saúde	GRUPO 8: INTERMEDIÁRIAS FILANTRÓPICAS E DE PROMOÇÃO DE AÇÕES VOLUNTÁRIAS 8 100 Fundações Financiadoras 8 200 Outras Filantrópicas Intermediárias
GRUPO 4: ASSISTÊNCIA E PROMOÇÃO SOCIAL 4 100 Assistência Social 4 200 Emergência e Amparo 4 300 Auxílio à Renda e Sustento	GRUPO 9: ATIVIDADE INTERNACIONAL
GRUPO 5: MEIO AMBIENTE 5 100 Meio Ambiente 5 200 Proteção à Vida Animal	GRUPO 10: RELIGIÃO
	GRUPO 11: ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS, DE CLASSE E SINDICATOS 11 100 Associações de Classe 11 200 Associações Profissionais 11 300 Sindicatos
	GRUPO 12: NÃO CLASSIFICADO EM OUTRO GRUPO

Fonte: SALAMON, ANHEIER, 1997, p.92-4.

O quadro das atividades detalha cada grupo, indicando os subgrupos, sem a definição de um padrão comum, por entender que esse nível de detalhamento deve ser modelado para acomodar as particularidades do terceiro setor dentro de cada país ou cidade. Cada uma dessas áreas possui características interessantes e serão observadas para a divisão das instituições existentes em Campinas - SP e Valinhos - SP. Escolhemos essas duas cidades tendo em vista o nosso objeto de estudo, que é examinar o Projeto Cemoa Sem Limites e sua ligação com

essas regiões. A intenção é observar como as instituições de cada cidade são classificadas de acordo com o ponto de vista de cada uma. Não interferimos nas respostas e conseguimos obter informações importantes para nossa pesquisa, conforme será demonstrado nos capítulos 2 e 3.

CAPÍTULO II - MAPEAMENTO DO ASSOCIATIVISMO EM CAMPINAS E EM VALINHOS - SP

2.1 ASSOCIATIVISMO EM CAMPINAS - SP

Com o objetivo de ter uma visão geral do associativismo na região estudada, realizamos um mapeamento na cidade de Campinas - SP. A coleta de informações foi efetuada por meio de pesquisas bibliográficas, documentos de registros das instituições na prefeitura, jornais da cidade e visitas ou telefonemas para essas instituições.

Pesquisamos 280 instituições na cidade de Campinas que atuam em diferentes áreas, conforme mostra o anexo 1. Essas instituições apresentam uma nomenclatura própria, ou seja, elas se autodenominam como associações ou instituições com atividades de cunho educacional ou de cunho assistencial. Nesta pesquisa retratamos exatamente essas atividades citadas. Uma das posturas adotadas no momento da investigação foi a de não interferir nas respostas em relação ao tipo de público atendido ou atendimento prestado, ou seja, cada instituição identificou a própria atuação à sua maneira, conforme evidencia o gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Atuação do Associativismo em Campinas - SP

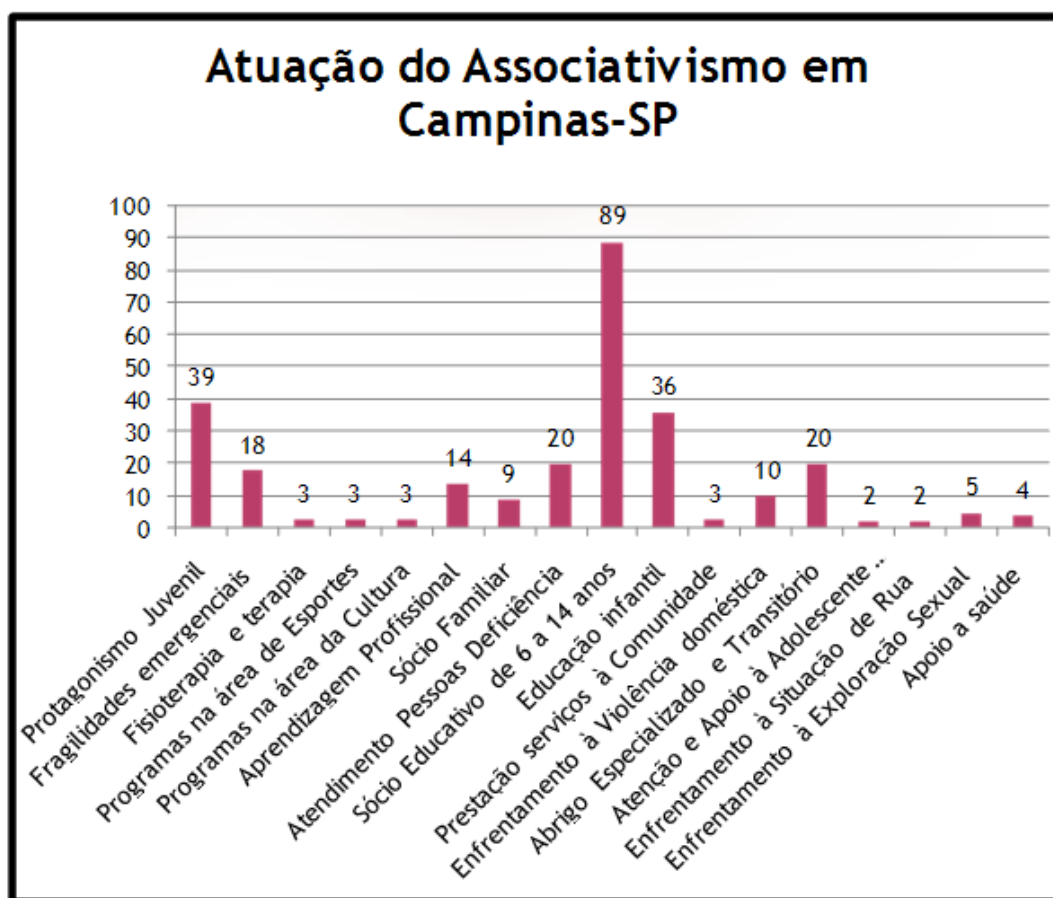


Gráfico elaborado pela autora.

O gráfico denota que as denominações citadas sobre o público atendido foram diversificadas, porém é possível verificar um elevado índice de atendimento à população com idade entre 6 e 14 anos. Em muitos momentos pudemos observar que as instituições se posicionam dizendo que realizam atividades de cunho educacional.

Em um segundo momento, perguntamos aos responsáveis pelas instituições a que grupo suas entidades pertenciam em relação à classificação do INCPO. E o resultado, mostrado no gráfico a seguir, revela que 71% das instituições pesquisadas se definiram como inseridas no grupo da educação.

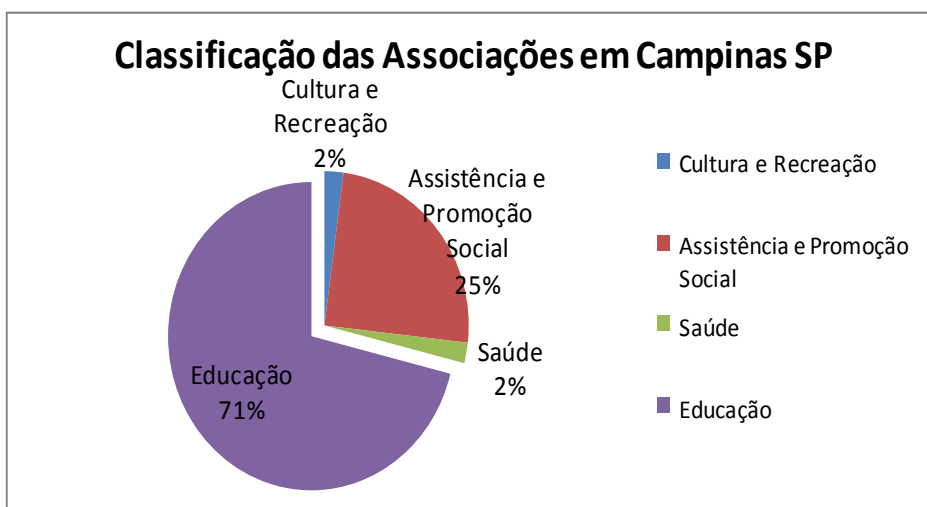
Gráfico 2 - Classificação das Associações em Campinas - SP

Gráfico elaborado pela autora.

As instituições, portanto, relacionam a sua atuação majoritariamente ao atendimento educacional. Ao observarmos especificamente o grupo da educação, notamos que 46% delas identificam-se como instituições socioeducativas destinadas ao atendimento de crianças e jovens de 6 a 14 anos de idade.

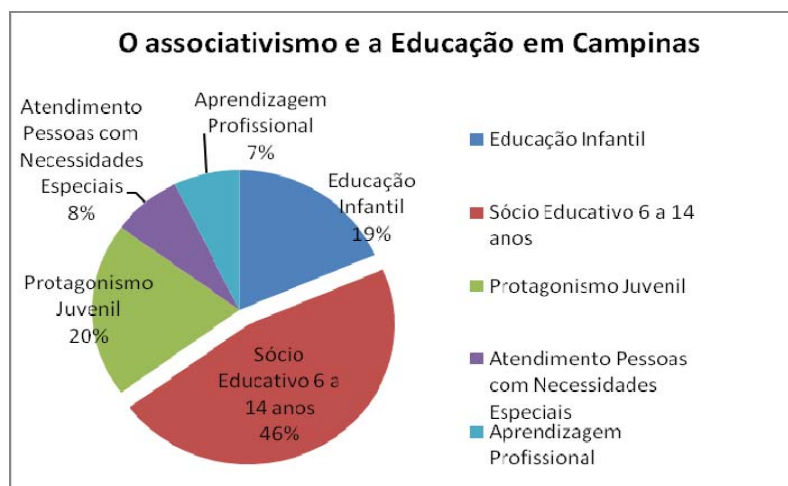
Gráfico 3 - O Associativismo e a Educação em Campinas - SP

Gráfico elaborado pela autora.

Durante a investigação foi possível verificar ainda que na cidade de Campinas o associativismo regulado é fortemente conduzido pelas empresas locais por meio da responsabilidade social empresarial. Muitas dessas entidades fazem parte da FEAC (Fundação de Entidades Assistenciais de Campinas), que atua na cidade desde 14 de abril de 1964, contribuindo para o trabalho das instituições e o desenvolvimento tanto da educação formal como da não formal.

Também preocupada com a necessidade de as empresas aderirem à ideia de responsabilidade social e incorporarem a educação não formal, a FIESP- Federação das Indústrias do Estado de São Paulo criou o Comitê de Responsabilidade Social (CORES). Segundo dados da região, o Comitê tem a missão de oferecer estratégias e ferramentas que auxiliem os industriais na formulação e implantação de políticas de Responsabilidade Social Empresarial (RSE). Afirma-se ainda que o Comitê deva levar em conta as exigências legais, os compromissos éticos e a preocupação com a promoção da cidadania e do desenvolvimento sustentável, além da transparência das atividades. Completando o discurso oficial, para a FIESP, o desenvolvimento econômico e o crescimento da indústria paulista devem ser pautados pelas melhores práticas empresariais, e o exercício da responsabilidade social se firma, cada vez mais, como um importante diferencial competitivo.

A prática da responsabilidade social se dá por meio de projetos sociais dirigidos à comunidade com a qual a empresa tem ligação. Geralmente, os atores desses projetos são os colaboradores da própria empresa, que atuam como voluntários durante ou fora do horário do expediente. Na teoria a ação de responsabilidade social visa a estruturar a ação de uma empresa em prol da cidadania e é extensiva a todos os que participam da vida em sociedade – indivíduos, governo, empresas, partidos políticos e outras instituições.

Os objetivos das empresas, ao criarem uma área de Responsabilidade Social, podem ser fundar um instrumento de marketing, de melhoria de sua imagem institucional, buscar

espaço na mídia ou solucionar questões financeiras. Outro objetivo ainda pode ser a divulgação de seus feitos sociais, para se promover e garantir a venda de seus produtos e serviços aos consumidores, bem como a fidelidade desses com relação à marca.

Gohn (2005) afirma que:

Enquanto organizações/empresas que atuam na área da cidadania social, o terceiro setor incorpora critérios da economia de mercado do capitalismo para a busca de qualidade e eficácia de suas ações, atua segundo estratégias de marketing e utiliza a mídia para divulgar suas ações e desenvolver uma cultura política favorável ao trabalho voluntário nesses projetos. (GOHN, 2005, p.19)

Desse modo, nota-se que a responsabilidade social não se trata exclusivamente de filantropia, no sentido de caridade desinteressada, mas de um investimento estratégico que envolve um comportamento de aparência altruísta – como a doação a uma organização sem fins lucrativos – que, no entanto, atende também a interesses (mesmo que indiretos) da empresa, como a contribuição à formação de uma imagem institucional positiva ou o fortalecimento de mercados consumidores futuros.

Várias empresas – como Graber, DPaschoal, CPFL Energia, Shopping Iguatemi Campinas, Bosch, entre outras – atuam no campo do terceiro setor na cidade de Campinas. São empresas que, por meio de políticas e parcerias, fazem contribuições para entidades sociais. Instituições como SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SESC (Serviço Social do Comércio) e Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), por exemplo, também realizam políticas e parcerias de responsabilidade social.

Nesta dissertação, conforme mencionado na introdução, escolhemos analisar, detalhadamente, o Senac Campinas e suas particularidades em relação à responsabilidade e ao desenvolvimento social.

2.2 ASSOCIATIVISMO EM VALINHOS - SP

Valinhos foi fundada em 1896, como distrito de Campinas, no estado de São Paulo. Elevada à categoria de Município em 1960, tem como base econômica a atividade agrícola, voltada para a fruticultura.

Situada próximo a cidades de grande e médio porte, Valinhos revela oportunidades de negócios em função da base produtiva e da localização privilegiada, que torna forte o comércio e os serviços locais. Essa localização privilegiada chamou a atenção de habitantes da RMC e até da capital paulista, fazendo aumentar o desejo de morar no município. Esse contexto gerou recentemente um movimento imobiliário na localidade, e, por conseguinte, muitas fazendas e sítios que antes pertenciam à zona rural e plantavam figo-roxo, goiaba, caju e uvas vêm sendo transformadas em condomínios fechados horizontais. Para muitas pessoas, a cidade é apenas dormitório, pois trabalham em outras regiões e moram em Valinhos por suas características interioranas.

Segundo informações do site da Prefeitura do Município de Valinhos:

[...] o município distingue-se no panorama paulista por seu parque manufatureiro e pela produção de figos em grande escala. [...] A produção brasileira de figos é de cerca de 4 milhões de unidades, dos quais 1 milhão são provenientes de Valinhos. A cidade conta com 505 indústrias, 823 empresas comerciais e 642 empresas prestadoras de serviços. (VALINHOS, s/d)

Algumas grandes empresas se instalaram na cidade, como, por exemplo, a Unilever, com três fábricas, conhecidas como Foods (produtos para restaurantes, lanchonetes, padarias, *fastfoods* e redes de hotéis, como bolos, pães de queijo, caldos, temperos e sobremesas), IC (alimentos e sorvetes) e HPC (sabonetes e sabão em pedra). São mais de dois mil funcionários. Outros exemplos são a empresa Rigesa (Divisão de Embalagens de Papelão Ondulado), que possui cerca de 700 funcionários, e a empresa Eaton, que fabrica transmissões

mecânicas para veículos de passageiros, picapes, caminhões leves, médios e pesados e conta com cerca de 2.300 funcionários.

Ainda segundo o site da Prefeitura de Valinhos (s/d),

As onze maiores empresas da cidade em Valor Adicionado - Ano/Base-2004 são: Eaton Ltda.; Rigesa, Celulose Papel e Embalagens Ltda.; IGL Industrial Ltda.; Val Impress Indústria Gráfica Ltda.; Onça Industrias Metalúrgicas S/A; ChemTren Indústria Inc& Cia; CHR Hansen Indústria e Comércio Ltda.; Unilever Bestfoods Brasil Ltda.; Tampas Click Para Veículos, Indústria e Comércio Ltda.; Raymond Bollhoff Indústria e Comércio Ltda.; Cartonifício Valinhos.

Os empregos nesse município giram em torno das atividades agrícola e industrial – é nelas que os jovens, na maioria das vezes, conseguem seu primeiro emprego.

Em relação à população, segundo informações colhidas no site do IBGE (s/d): “A cidade de Valinhos possui 107.481 habitantes. A população da cidade soma 15.902 educandos matriculados no ensino fundamental (07 a 14 anos de idade) e 4.891 matriculados no ensino médio (com idade de 15 a 17 anos).” Além da educação formal, os educandos participam de projetos de educação não formal.

No site da COOVER - Comunidade dos Vereadores Brasileiros (2010 - grifo nosso), uma matéria divulgada em 20 de janeiro de 2010 informa o seguinte:

A Câmara de Valinhos recebeu da Prefeitura o projeto de lei que estima a receita e fixa a despesa do município para o exercício de 2010. Na propositura, o prefeito Marcos José da Silva projeta o orçamento geral em R\$ 239.450.000,00. Do total das despesas fixadas, [...] **4,16% destinados a Assistência Social (R\$ 8.734.000,00).**

Para se compreender o lugar, dentro da sociedade, dos denominados Projetos Socioeducativos, faz-se necessário conhecer a história e o compromisso da assistência social. Nesse sentido, encontramos a assistência compreendida como direito, mas também notamos o

assistencialismo praticado como benesse ou meio de controlar as camadas pobres da população.

Dessa maneira, a hipótese que se levanta aqui é a de que, na construção da trajetória dessa área de intersecção da educação não formal, a assistência social traz elementos que lhe são próprios, e em alguns momentos contribui para a construção de espaços com posturas e características assistencialistas.

No site da Prefeitura do Município de Valinhos - SP, o link da Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação disponibiliza informações sobre seus objetivos:

[...] tem por objetivo assegurar a implementação das políticas de assistência social, garantindo a efetivação de direitos referentes à criança e ao adolescente, à pessoas portadoras de deficiência, ao idoso e à família. Para atingir esse objetivo, a Secretaria de Assistência Social e Habitacional atua através de programas e projetos que são: Recriação, Centro Municipal de Orientação ao Adolescente (Cemoa), Resgate de Direitos e Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; pessoa portadora de deficiência física - Passe Transporte Coletivo, Prestação Continuada e Comissão Técnica de Estudos; idoso - Passe idoso, Passe aposentado, Benefício de Prestação Continuada, Centro de convivência do Idoso, Programa da Terceira Idade e Conselho dos Grupos de Terceira Idade; família - Plantão de Casos Sociais, Atendimento Emergencial, Atendimento ao Morador de Rua e Itinerante, Benefício de Prestação Continuada, Projeto de Geração e Complementação de Renda, Serviço de Reintegração Social, Programa de Profissionalização e Programa da Mulher. (s/d)

A Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitacional também tem um projeto de assessoria e subvenção destinado às entidades assistenciais do município. Relataremos, a seguir, os principais projetos desenvolvidos pela Prefeitura de Valinhos:

Recriação - Atende até 350 crianças de ambos os sexos, na faixa etária de 6 a 11 anos, em 18 núcleos instalados nos Centros Comunitários dos bairros. O programa tem por objetivo ocupar o tempo ocioso da criança no período em que ela não está na escola; atende principalmente as mães que trabalham fora de casa e não têm com quem deixar os filhos. Esse

programa desenvolve atividades de incentivo ao estudo, recreação e lazer, educação ambiental, trabalhos manuais e jogos educativos.

Centro Municipal de Orientação ao Adolescente (Cemoa) - Atende 690 adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 18 anos, em uma sede instalada na Rua João Moletta, 140 - Bairro Lenheiro. No Cemoa, eles participam de atividades de educação não formal, de oficinas de arte em madeira, além de estímulo e incentivo ao estudo e educação para o trabalho.

Serviço de Reintegração Social - Esse programa é coordenado por uma Comissão Especial e desenvolve um trabalho com sentenciados por delitos leves. Esses sentenciados cumprem suas penas por meio da prestação de serviços à comunidade.

Transporte Coletivo - Por meio da Secretaria de Assistência Social e Habitacional, idosos, deficientes físicos, aposentados e pensionistas (de acordo com as leis específicas de cada caso) recebem passes para o transporte coletivo.

Resgate de Direito - Trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes em situação de riscos domésticos (violência e abuso), na faixa etária de 8 a 16 anos.

Benefícios - Os idosos acima de 70 anos e portadores de deficiência com renda per capita inferior a 1/4 do salário mínimo (Lei Municipal 8.742) recebem o Benefício de Prestação Continuada.

Moradores de Ruas - Esse é um programa específico, em que mendigos e moradores de rua recebem atendimento social e ajuda para retornar à sua cidade de origem.

Atendimento à Família - De acordo com a Lei Estadual 4.467, as famílias carentes recebem complementação de renda por meio do Instituto dos Assuntos da Família (IAFAM).

Atendimento ao Trabalhador - No programa de Atendimento ao Trabalhador, técnicos da área social auxiliam os desempregados na busca de um novo emprego, por meio de contato direto com empresas que precisem de mão de obra.

Apoio às Entidades - Programa de Apoio às Entidades Assistenciais do Município; as entidades instaladas e devidamente regulamentadas no município recebem auxílio financeiro e técnico para realização de suas atividades.

Terceira Idade - Atualmente, existem na cidade 11 Grupos de Terceira Idade, que atendem aproximadamente 600 pessoas com idade acima de 50 anos. Nesse programa são desenvolvidas atividades de ginástica, relaxamento, dança, teatro, coral, cursos, viagens, supletivo adaptado, hidroginástica, natação, bocha e pesca. Todas essas atividades são realizadas pela integração das Secretarias da Educação, Cultura e Turismo e de Esporte e Lazer.

Programa de Ação Comunitária - Assistência, com técnicos e assistentes sociais, aos grupos já existentes (associação de moradores, comissão de moradores, comissão de centros comunitários) devidamente regularizados que atuam na área. São realizados plantões nos bairros: Jardim São Marcos, Morada do Sol e Jardim Universo (periferia da cidade).

Habitação - Assessoria a núcleos habitacionais com plantões e atendimento direto na Secretaria de Assistência Social. Atendimento às famílias residentes em bolsões de pobreza por meio do projeto Ação Solidária.

Clube de Mães - Fundado no início dos anos 1970, hoje o Clube de Mães conta com 18 grupos espalhados pela cidade, atingindo aproximadamente 400 mulheres, que se reúnem semanalmente nos centros comunitários. O objetivo principal é o fortalecimento do associativismo, a convivência grupal, o desenvolvimento de trabalhos artesanais e a educação de base, visando a participação ativa da mulher na vida em comunidade. Em 1993 foi criada a Associação dos Clubes de Mães de Valinhos, que veio solidificar o sucesso do movimento social.

Recanto dos Velinhos - Localizado na Estrada dos Ortizes, 1921 - Bairro dos Ortizes, atende 120 idosos, que moram na entidade e recebem acompanhamento de psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais e médicos. São realizados passeios, oficinas de música e canto, e recebem visitas das escolas da cidade. Alguns salões de beleza da cidade oferecem cortes de cabelos, manicure e pedicure gratuita e voluntariamente, em mutirões que se realizam uma vez por mês, dentro do Recanto.

Instituto Esperança I - Creche Rua F. Menegaldo, 210 - Santa Cruz; **Instituto Esperança II - Creche** Rua Rio de Janeiro, 24 - Vila Santana; **Instituto Esperança III - Creche** Rua Emídio Olívio Pavan, s/n. As três unidades atendem 340 crianças de 4 meses a 5 anos gratuitamente. São mantidas pela prefeitura da cidade e por algumas grandes empresas como Unilever e Rigesa.

Creche Tia Nair - Rua Antônio Nicolau, 84 - Bom Retiro. Atende 60 crianças de 3 a 5 anos e é mantida pela prefeitura e grupos religiosos.

Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE Rua Itália, 267. Atende 50 pessoas, de diversas idades, moradoras da cidade e região, com acompanhamento médico, psicológico, assistente social, professores de educação física, música, artes, fisioterapia. Desenvolvem trabalhos artesanais que são vendidos no próprio local. Com boa infraestrutura, também auxilia os pais e irmãos dos alunos para uma maior integração da família.

Casa da Criança - Rua Campos Salles, 2188 - Jd. América. Atende crianças e adolescentes com risco de violência e abuso doméstico. Eles ficam alojados nessa casa para adoção ou retorno à própria casa, conforme determinações da Justiça. A Casa tem capacidade para atender 30 crianças, e em 2010 11 crianças e adolescentes estavam alojados. Lá, recebem tratamento odontológico, psicológico e desenvolvem muitas atividades desportivas, artísticas e profissionalizantes. Existe uma condução própria que os acompanha em todos os trajetos de atividades escolares e de educação não formal.

Círculo de Amigos dos Patrulheiros de Valinhos - Localizado na Rua Aníbal Lelis de Miranda, 86 - Vila Embaré, atende 150 adolescentes, com cursos profissionalizantes.

A cidade de Valinhos dispõe de uma série de recursos públicos e particulares para formação de mão de obra para o mercado de trabalho local e da região. Os programas e cursos profissionalizantes mantidos pela Prefeitura são coordenados pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação, que apresenta os principais parceiros que oferecem cursos e programas na cidade:

Centro Municipal de Orientação ao Adolescente - CEMOA. Parceria com o Senac Campinas - Rua João Moletta, s/n - bairro Lenheiro. Início das atividades 1984 - áreas de atuação: área social, pedagógica e profissionalizante.

Projeto Crescer: Atende, acompanha e orienta os adolescentes de 12 a 18 anos e excepcionalmente até 21 anos encaminhados para cumprirem as medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, buscando proporcionar condições ao desenvolvimento integral do adolescente e de sua família

e contribuir para o resgate da auto-estima e dos valores humanos e sociais necessários para a vida em sociedade.

Local: ESPAÇO JOVEM Rua Antonio Nicolau, s/nº, Bom Retiro II -
Fone: (19) 3859.9320

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI

Rua Americana, 498. Início das atividades 1976, área de atuação: mecânica (ajustador mecânico e torneiro mecânico) e elétrica (instalador, enrolador de motores e comandos elétricos).

Serviço Social da Indústria e Centro de Aprendizado Doméstico - SESI/CAD

Avenida Independência, 314. Início das atividades 1973 - área de atuação: educação doméstica e artesanato, educação alimentar, educação em saúde e orientação em costura.

Sindicato das Indústrias de Construção - Sinduscon

Carteiro Escola de Profissionalização. Rua Piratininga, s/n.

Início das atividades 1995 - áreas de atuação: construção civil (assentador de tijolos e blocos, revestidor de parede, assentador de azulejos e pisos cerâmicos) e eletricista instalador predial e residencial.

Programa Municipal de Profissionalização - Nos centros Comunitários dos bairros - área de atuação: artesanato em geral, corte e costura, higiene e beleza, pintura em tecido, tela cerâmica e outros.

Curso de ensino da língua italiana - desenvolvido em parceria com o Consulado Geral da Itália, atende alunos da rede estadual de ensino em 3 núcleos.

Projeto da Semana da Água - desenvolvido, anualmente, em parceria com o Consórcio Municipal das Bacias dos rios Piracicaba e Capivari. Todos os anos são desenvolvidas ações junto a escolas públicas nas quais os alunos recebem informações sobre os problemas e soluções sobre recursos hídricos da cidade e região. (VALINHOS, s/d)

Realizamos, por meio de pesquisas em sites da cidade, telefonemas e visitas aos locais indicados pela população, um mapeamento na cidade de Valinhos-SP. Foram identificadas 82 entidades de associativismo – a relação conta no anexo 2. A classificação das entidades segundo a área atuação foi realizada de acordo com a tabela de Salamon e Anheier (1997), desenvolvida com base na classificação do INCPO (International Classification of Nonprofit Organization). Nesse sentido, podemos verificar que a maior parte das entidades da cidade pertence ao grupo da assistência e promoção social, como mostra o gráfico a seguir.

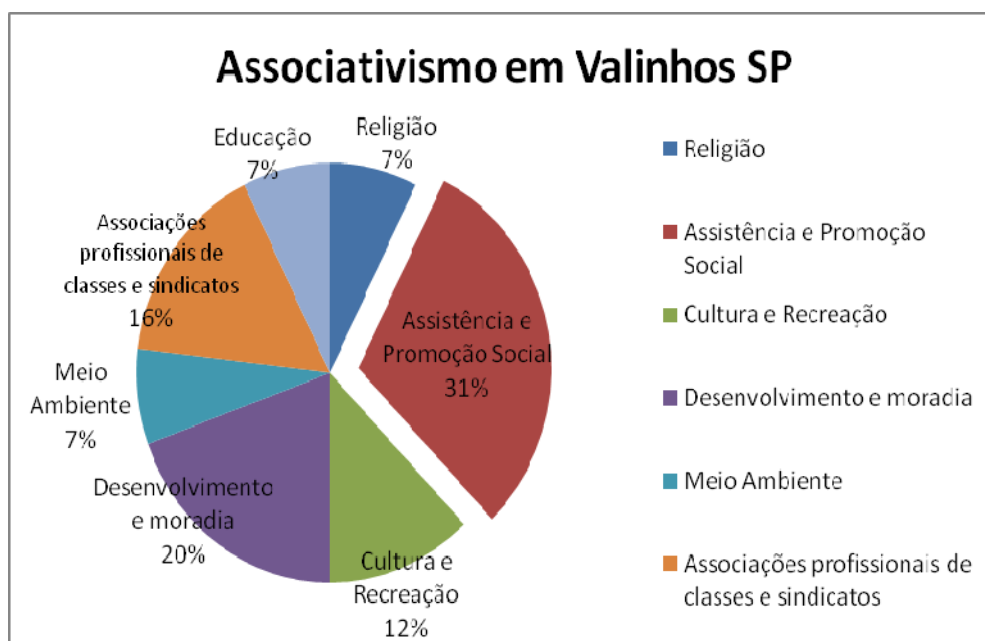
Gráfico 4 - Associativismo em Valinhos - SP

Gráfico elaborado pela autora.

O gráfico demonstra que as áreas de atuação citadas foram diversas, porém a assistência e promoção social apresenta um elevado índice. Em muitos momentos pudemos notar que as instituições se posicionavam de maneira generalizada, dizendo que realizam atividades de cunho assistencial. Então, foi necessário perguntar a que grupo pertenciam tomando como base a classificação do INCPO. E o resultado, mostrado no gráfico anterior, revela que 31% das instituições pesquisadas se identificam como inseridas no grupo da assistência e promoção social.

Gráfico 5 - Atuação do Associativismo em Valinhos - SP

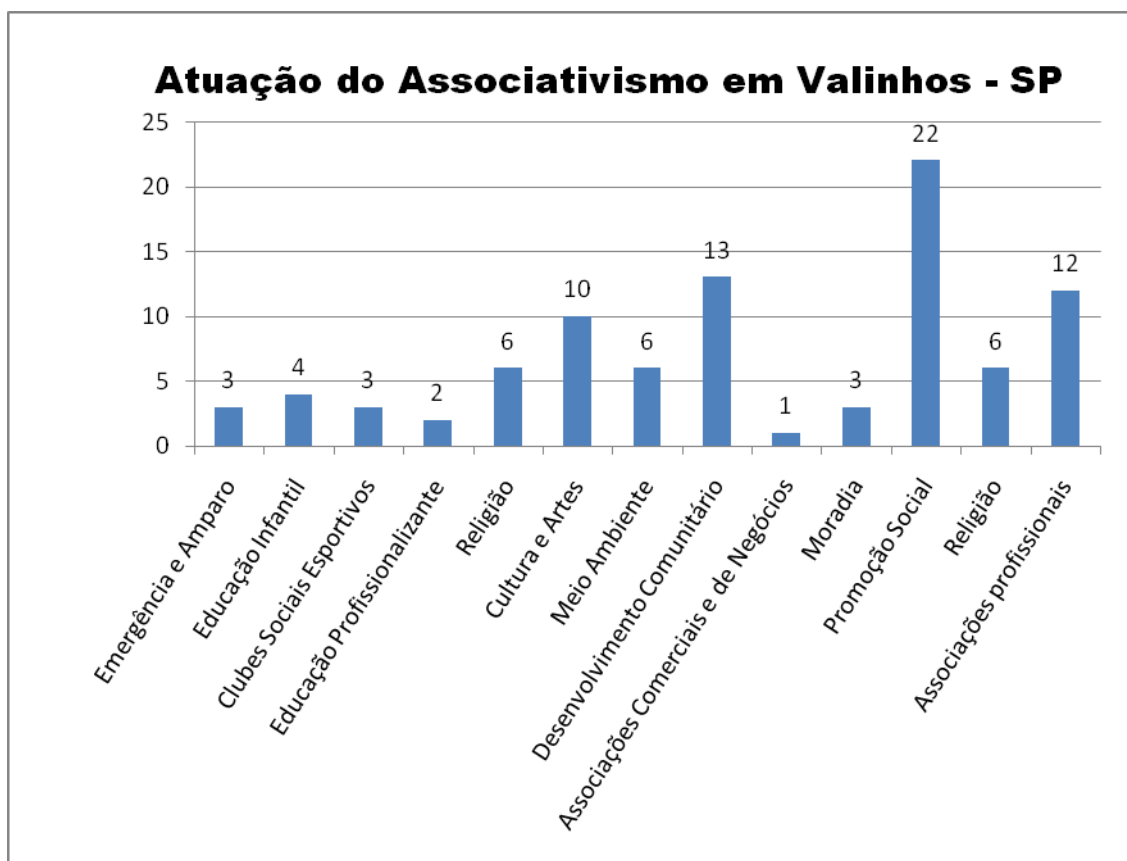


Gráfico elaborado pela autora.

O que a pesquisa nos mostra é que a área da promoção social é constituída por creches com educação infantil, associações de bairros, cooperativas de agricultores e projetos sociais.

Podemos afirmar que na cidade de Valinhos o associativismo regulado é fortemente conduzido pela prefeitura por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social e algumas empresas locais. A Secretaria de Desenvolvimento Social da cidade de Valinhos está amparada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei nº 8.069, que traz consideráveis avanços na garantia dos direitos das crianças e adolescentes, conferindo-lhes direitos fundamentais e proteção integral. Segundo o ECA:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei e por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990, art.3)

A Secretaria de Desenvolvimento Social de Valinhos considera que, se antes a criança e o adolescente eram vistos como tábula rasa, ou como um perigo para a sociedade caso não fossem bem “moldados”, hoje a ausência de qualquer das condições supracitadas configura-se violação de direitos, passível de ação protetora. A política pública destinada a crianças e adolescentes no período em que não estão na escola é considerada como um espaço de proteção, de convivência comunitária e um direito.

Outra Lei que sempre é relatada nos documentos oficiais da Secretaria de Desenvolvimento Social de Valinhos é a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), nº 8.742, de 7/12/1993. Esse documento afirma que a assistência social passou a ser definida como:

Direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de iniciativas públicas e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. (BRASIL, 1993, art.1º)

Dessa forma, as ações da assistência social direcionadas ao cidadão, sujeito de direitos, não se dão mais no âmbito do favor, mas na perspectiva da garantia de direitos, para quem deles necessitar.

Outro documento importante entre aqueles mencionados nos documentos oficiais é a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), do Ministério do Desenvolvimento Social e do Conselho de Assistência Social, aprovada em dezembro de 2003, que garante igualdade de

ações e princípios no âmbito da assistência social a todos os municípios brasileiros, prevendo um modelo de gestão descentralizado e participativo.

Essa nova política pública de assistência social procura levar em consideração a proteção social em relação à pessoa, às circunstâncias em que ela vive e sua família. Segundo as premissas da Política Nacional de Assistência Social (BRASIL, 2004, p.11), “a proteção social exige a capacidade de maior aproximação possível do cotidiano da vida das pessoas, pois é nele que riscos e vulnerabilidades se constituem”, ou seja, a realidade dos sujeitos deve ser o ponto de partida para as políticas públicas sociais.

O Sistema Único da Assistência Social - SUAS regulariza dois tipos de ações: as ações socioassistenciais em proteção básica e em proteção social especial. O Projeto “Cemoa Sem Limites”, objeto desta pesquisa, se situa no âmbito da proteção social básica, pois se enquadra no item de “serviços socioeducativos para crianças, adolescentes e jovens na faixa etária de 6 a 24 anos, visando a sua proteção, socialização, o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e a integração ao mercado de trabalho” (BRASIL, 2004, p.30).

Agindo em conformidade com todas essas leis que orientam o trabalho da Secretaria de Desenvolvimento Social, a cidade de Valinhos regularizou o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, que é também denominado Conselho de Política Pública, ou ainda Conselho Gestor de Política Setorial. É um órgão colegiado composto de um número de membros que deve mostrar paridade entre os representantes dos órgãos governamentais e os de entidades não governamentais, permanente e deliberativo, incumbido, de modo geral, da formulação, supervisão e avaliação das políticas públicas no município.

Em 2009 foi realizada uma pesquisa intitulada Plano de Ação e de Aplicação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Valinhos - Biênio 2010/2011 – Conselho esse criado pela Lei nº 2.731/94 –, que está no site da Prefeitura do

Município de Valinhos - SP, no link da Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação, e traz informações sobre seus objetivos:

[...] estabelecer diretrizes e prioridades com o fim de fortalecer as políticas sociais básicas (educação, saúde, cultura, esporte e lazer, etc.), bem como implantar as políticas de proteção e garantia de direitos, através de políticas integradas e articuladas entre as ações governamentais e não governamentais. (VALINHOS, 2009, p.6)

O documento também apresenta um mapeamento dos bairros da cidade indicando os riscos e vulnerabilidades sociais de cada localidade e aponta algumas alternativas para proteger as crianças e adolescentes. As metas do Plano de Ação são:

A manutenção, ampliação e descentralização de Projetos de atendimento de casos de violência doméstica e sexual; Programas sócio educativos para crianças de 4 a 6 anos; Programa de acolhimento à crianças e adolescentes com suspeita de violência doméstica e sexual; Projetos sócio educativos para crianças e adolescentes priorizando à faixa etária 12 a 16 anos; Projetos profissionalizantes e de inclusão digital. (VALINHOS, 2009, p.55)

Por fim, cumpre notar que o Projeto Cemoa Sem Limites, financiado pela Prefeitura Municipal de Valinhos, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social, se insere justamente no âmbito da proteção social e se baseia na assistência social, tendo como intuito proteger as crianças e os adolescentes de situações de risco, como gravidez precoce, exploração e trabalho infantil, violência doméstica (física, psíquica e sexual), uso de drogas ou substâncias psicoativas, garantindo a esses sujeitos o direito de conviverem em espaços de educação não formal.

CAPÍTULO III – O SISTEMA S E O SENAC CAMPINAS

3.1 HISTÓRICO

Antes de abordar a atuação do Senac Campinas, faz-se necessário entender a historicidade do Sistema S. Segundo os documentos da Confederação Nacional do Comércio, a Carta de 1937 (Estado Novo), ao tratar da “Educação e da Cultura”, estabeleceu, no seu art. 129, que “o ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado”, bem como que “é dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados”. Dispôs ainda que “a lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público”.

Na esteira da Constituição de 1937, o Presidente Getúlio Vargas expediu o Decreto-lei nº 1.238, de 02/5/39, prescrevendo, para todos os estabelecimentos industriais, comerciais e assemelhados “em que trabalhem mais de quinhentos empregados”, não só a instalação de refeitórios, como também a manutenção de “cursos de aperfeiçoamento profissional, para adultos e menores”, verdadeira semente de toda a sistemática que se formou desde então.

No dia 10 de janeiro de 1946, tomou posse a primeira diretoria da Confederação Nacional do Comércio (CNC), em sessão solene realizada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Nesse mesmo dia, o Presidente da República baixou os Decretos-leis nºs 8.621 e 8.622, o primeiro para dispor sobre a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), e o segundo para dispor sobre a “aprendizagem dos comerciários”.

O “Sistema S” articula instituições privadas atípicas ou especiais, sendo regidas pela lei civil, pelo Direito Privado, e não pelas normas do Direito Público. É composto por nove entidades privadas que desenvolvem políticas sociais voltadas à aprendizagem, à cultura e ao bem-estar do trabalhador. São elas: Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), entidades ligadas ao comércio; Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), ligadas à indústria; também há o Serviço Social do Transporte (SEST) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT), ligadas ao transporte; o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que envolve questões da agricultura; o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE); e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP).

Como entidades privadas, foram criadas e organizadas, na forma da lei, pela CNC, a qual é constituída pelo empresariado do comércio de bens e serviços. Consequentemente, os patrimônios do “Sistema S” são privados, ou seja, não pertencem ao Poder Público. O Sistema S, de natureza paraestatal, foi constituído com a finalidade de exercer, por delegação legal do Poder Público, atividades relevantes de interesse social.

Sobre o custeio dos encargos dessas entidades, para exemplificar, dispõe o art. 4º do Decreto-lei nº 8.621/46, especificamente sobre o Senac, que:

[...] os estabelecimentos comerciais cujas atividades, de acordo com o quadro a que se refere o art. 577 da Consolidação das Leis do Trabalho, estiverem enquadradas nas Federações e Sindicatos coordenados pela Confederação Nacional do Comércio, ficam obrigados ao pagamento mensal de uma contribuição equivalente a um por cento (1%) sobre o montante da remuneração paga à totalidade de seus empregados.

Ou seja, os recursos do Senac são obtidos a partir de um percentual recolhido sobre a folha de pagamento de todas as empresas que atuam no mercado formal. O fim da

contribuição das micro e pequenas empresas para o Sistema S, previsto no projeto da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, na Lei Complementar nº 123, de 14/12/2006, resultou em perda de receita para cinco entidades que formam esse sistema: Sesc, Senac, Sesi, Senai e Sebrae.

Frequentemente as propostas de reforma tributária sugerem o fim da contribuição ao Sistema S para todas as empresas – essa foi uma das ideias lembradas para reduzir a carga sobre as empresas e sempre desperta oposição de sindicatos e confederações patronais.

3.2 SENAC SÃO PAULO

O Senac São Paulo foi fundado em 13 de julho de 1946. Segundo registra em seu site (s/d), desde o início a educação foi considerada pela entidade:

[...] a mais poderosa ferramenta de inclusão social. [...] Num mundo globalizado e de economia cada dia mais competitiva, a educação profissional ganha especial relevância, pois é com ela que são fortalecidas as pessoas, as instituições e as comunidades, num processo de inserção social e ação participativa.

A metodologia adotada pelo Senac São Paulo, que é a “matriz”, está voltada à promoção das competências para o trabalho, à superação das diferentes formas de exclusão social e à contribuição para o desenvolvimento sustentável orientado para a melhoria da qualidade de vida e do convívio social.

Em 1996, foi criado o Programa Senac de Educação e Cidadania, visando reunir, sob sua orientação, as inúmeras ações sociocomunitárias desenvolvidas pela instituição, como as campanhas de Amamentação, Diabetes, Prevenção do Câncer de Pele, Boa Visão, além de programas de capacitação profissional para populações de baixa renda e participação em movimentos sociais.

Desde 1997, quando o termo “terceiro setor” era uma incógnita para a maioria das pessoas, o Senac São Paulo teve a iniciativa de lançar um Fórum Permanente com esse tema. Até 2002, a temática central dos fóruns era o terceiro setor. A partir de 2003, o Senac São Paulo inovou na temática quando questões relativas ao desenvolvimento local e sustentabilidade começaram a ser debatidas na sociedade. Os fóruns aconteciam no Senac Consolação, situado na Rua Dr. Vila Nova, 228, na cidade de São Paulo, e em diversas cidades dos estados onde o Senac atua.

O documento do Senac que contém a Proposta Estratégica do Senac São Paulo para a década de 2001 a 2010 relata que “a missão do Senac São Paulo é proporcionar o desenvolvimento de pessoas e organizações para a sociedade do conhecimento, por meio de ações educacionais comprometidas com a responsabilidade social” (SENAC, 2000, p.01).

Em 2001, houve o lançamento do Programa Profissão, que tinha a parceria do Senac São Paulo com a Secretaria de Estado da Educação, que, durante três anos, atendeu dezenas de milhares de jovens egressos do ensino médio em escolas da rede pública. Em 2006, o Senac ofereceu o único curso, na área do terceiro setor, existente na cidade de São Paulo, denominado *Formação de Formadores para o Terceiro Setor*. Esse curso foi ministrado de forma contínua nos últimos anos. Toda essa trajetória do Senac em relação à área de desenvolvimento social está registrada no site da instituição e em documentos de divulgação interna.

No que diz respeito ao Senac e às últimas mudanças ocorridas no Sistema S, segundo informações do site Gestão C&T online, publicadas em novembro de 2008, o ministro da Educação, Fernando Haddad, em pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão, anunciou que o acordo firmado entre o MEC e os dirigentes das confederações nacionais da indústria e do comércio agora tem força de lei. Dois terços dos recursos do Senai e do Senac devem financiar a oferta gratuita de cursos técnicos e profissionalizantes a estudantes e

trabalhadores de baixa renda. Cabe lembrar que Senai, Senac, Sesi e Sesc são entidades mantidas pela contribuição compulsória que incide sobre a folha de pagamento dos trabalhadores da indústria e do comércio. A carga horária mínima dos cursos de formação inicial seria de 160 horas.

Resultado de um protocolo firmado entre o Senac e o Governo Federal, ratificado pelo Decreto nº 6.633, de 5 de novembro de 2008, o Programa Senac de Gratuidade prevê que 66,6% das vagas em cursos do Senac sejam gratuitas até 2014. O documento fixa um cronograma, determinando que 20% das vagas sejam gratuitas em 2009. Esse percentual sobe para 25% em 2010, 35% em 2011, 45% em 2012 e 55% em 2013, até atingir 66,6% em 2014. Esse Programa Senac de Gratuidade não faz parte das parcerias realizadas com prefeituras, ou seja, não trouxe alterações para o Projeto Cemoa Sem Limites.

3.3 SENAC CAMPINAS

O Senac Campinas foi fundado em 1947. A unidade foi uma das primeiras do interior do Estado. A cidade foi escolhida por sua forte vocação comercial, seu desenvolvimento acelerado e sua concentração populacional acentuada em relação aos demais municípios da região. Os primeiros cursos ministrados foram os de Praticante de Comércio, Praticante de Escritório e Preparatório.

Na década de 70, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha foi convidado a elaborar o projeto do novo prédio que abrigaria o Senac Campinas. Esse prédio, cuja inauguração oficial se deu em 4 de abril de 1975, tem um valor histórico para a cidade. A concepção do edifício seguiu uma linha mais arrojada, que em nada lembra ambientes escolares tradicionais. No período, essa era uma característica essencial ao processo de “desescolarização” vivenciado

pelo Senac. Em 2002, a unidade passou por reforma e ganhou um segundo prédio anexo, que mistura contemporaneidade aos traços de concreto do primeiro edifício.

No Senac Campinas, a área de desenvolvimento social amplia seu Programa de Gratuidade, atendendo a Região Metropolitana de Campinas (RMC), e inúmeros cursos de capacitação e programas foram lançados nas cidades vizinhas. Existe o Programa de Redes Sociais, que está sendo reconhecido por inúmeras empresas, programa esse que fomenta e promove ações em redes sociais e tem como objetivo orientar as associações da RMC. Também o Programa de Desenvolvimento Local, iniciado em 2004, a partir da experiência com as redes sociais, que motivou a criação de uma metodologia de melhoria ao desenvolvimento local dos bairros periféricos das cidades. As estratégias foram diferentes e implantadas para cada situação, de cada cidade ou bairro, mas o ponto fundamental é a capacitação em redes e a criação de um ambiente favorável à postura participativa.

Segundo o site do Senac Campinas (s/d), no primeiro semestre de 2011 foram oferecidos, na área de desenvolvimento social do Senac Campinas, os seguintes cursos: Agente de Desenvolvimento Local; Captador de Recursos; Elaboração de Projetos Sociais; Empreendedor em Pequenos Negócios; Gestor de Cooperativa; Programa Educação Para o Trabalho - Novas Conexões; Programa Aprendizagem; Captação de Recursos para o Desenvolvimento Organizacional; Como Formar Parcerias para Viabilizar Projetos Sociais; Conselho Tutelar: dinâmica e atribuições; Gestor de Projetos Sociais; Implantação e gestão do voluntariado em organizações sociais; Agente Socioambiental; Relatório e Balanço Social: Elaboração e Interpretação.

Para o segundo semestre de 2011, foram abertas inscrições na área de desenvolvimento social em alguns cursos:

Programa Aprendizagem. É um projeto que possibilita ao jovem ingressar no mundo do trabalho e conquistar seu espaço como profissional de talento. A empresa que participa do programa, além de cumprir com o seu papel de contratante do aprendiz na Legislação da Aprendizagem 10.097/00, é convidada a compartilhar experiências como parceiro do Senac, e também fazer parte do processo de transformação desse jovem, dando oportunidades de trabalho e ajudando a construir uma vida pessoal e profissional mais digna.

Agente Socioambiental. O participante aprende a elaborar projetos em comunidades, planejando e implementando ações socioambientais coletivas para a solução de problemas locais e a indução de mudanças nas realidades econômicas sociais e ambientais. O curso é dirigido a pessoas com interesse em desenvolver projetos socioambientais locais em organizações públicas, privadas e do terceiro setor.

Elaboração de Projetos Sociais. O participante aprende a elaborar projetos sociais, por meio de ferramentas que auxiliem na identificação das oportunidades existentes na comunidade e no alinhamento das exigências do mercado, visando à mobilização de recursos que contribuam para a sua implementação e sustentabilidade.

Como Formar Parcerias para Viabilizar Projetos Sociais. Curso que oferece conhecimentos para a formação de parcerias entre os setores público, privado e do terceiro setor, a fim de contribuir para a viabilização de projetos sociais. O participante aprende a ser efetivo nas relações e a mobilizar conhecimentos e recursos das organizações.

Conselho Tutelar: dinâmica e atribuições. O participante aprende a zelar pelos direitos da criança e do adolescente, assegurados pela legislação vigente, atuando de forma permanente e autônoma garantindo as prerrogativas constitucionais do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Implantação e gestão do voluntariado em organizações sociais. O participante aprende a planejar e implantar o programa de voluntariado em organizações sociais, orientado por uma gestão que envolva princípios democráticos e participativos e pelo desenvolvimento de ações que tenham por objetivo contribuir para a promoção de uma sociedade sustentável e solidária. (SENAC SÃO PAULO, s/d)

No ano de 2011 foram firmadas parcerias com cidades da RMC. Essas parcerias ocorrem de acordo com um contrato estabelecido entre a prefeitura e o Senac Campinas. É realizado antecipadamente um mapeamento para identificar os cursos que podem ser oferecidos em cada cidade, e cada prefeitura seleciona o curso que condiz com as expectativas dos habitantes e a realidade social daquela localidade. A maioria das prefeituras opta pelos cursos da área de desenvolvimento social, projetando o desenvolvimento dos bairros periféricos. Em 2011 as prefeituras optaram pela realização dos cursos na própria cidade, por questões de locomoção dos moradores. Isso se verificou inclusive com relação à Prefeitura do

Município de Valinhos, que decidiu sediar em um espaço público o Projeto Cemoa Sem Limites.

Sobre as intenções do Senac ao promover projetos sociais em parceria com prefeituras, a própria entidade esclarece:

A metodologia adotada pelo Senac está voltada à promoção das competências para o trabalho, à superação das diferentes formas de exclusão social e à contribuição para o desenvolvimento sustentável orientado para a melhoria da qualidade de vida e do convívio social. A ação institucional do Senac é sistematicamente ampliada com iniciativas que contribuem para o desenvolvimento local, com o desenvolvimento e aplicação de ferramentas de tecnologia sociais e educacionais, o engajamento em campanhas de interesse público, estímulo de colaboradores e clientes para a consciência de responsabilidade social e a necessidade permanente de educação. As ações voltadas ao desenvolvimento sustentável e dirigidas para a construção de uma sociedade mais justa estão comprometidas com diversos segmentos de atuação, para reafirmar a missão do Senac de proporcionar o desenvolvimento de pessoas, por meio de ações educacionais que estimulem o exercício da cidadania e a atuação profissional transformadora e empreendedora, de forma a contribuir para o bem-estar da sociedade e procuram representar para a população e comunidades com as quais atua uma força ativa para o crescimento da economia e de melhoria da qualidade de vida. (SENAC SÃO PAULO, s/d)

Analisaremos, no capítulo seguinte, o Projeto Cemoa Sem Limites.

CAPÍTULO IV – O PROJETO CEMOA SEM LIMITES

O Projeto Social denominado CEMOA (Centro Municipal de Orientação ao Adolescente) Sem Limites está situado na cidade de Valinhos - SP. São 14 anos de parceria entre a Prefeitura do Município de Valinhos e o Senac Campinas. Nesses anos, o número de participantes atendidos aumentou de 60, no ano de 1998, para 690, no ano de 2011.

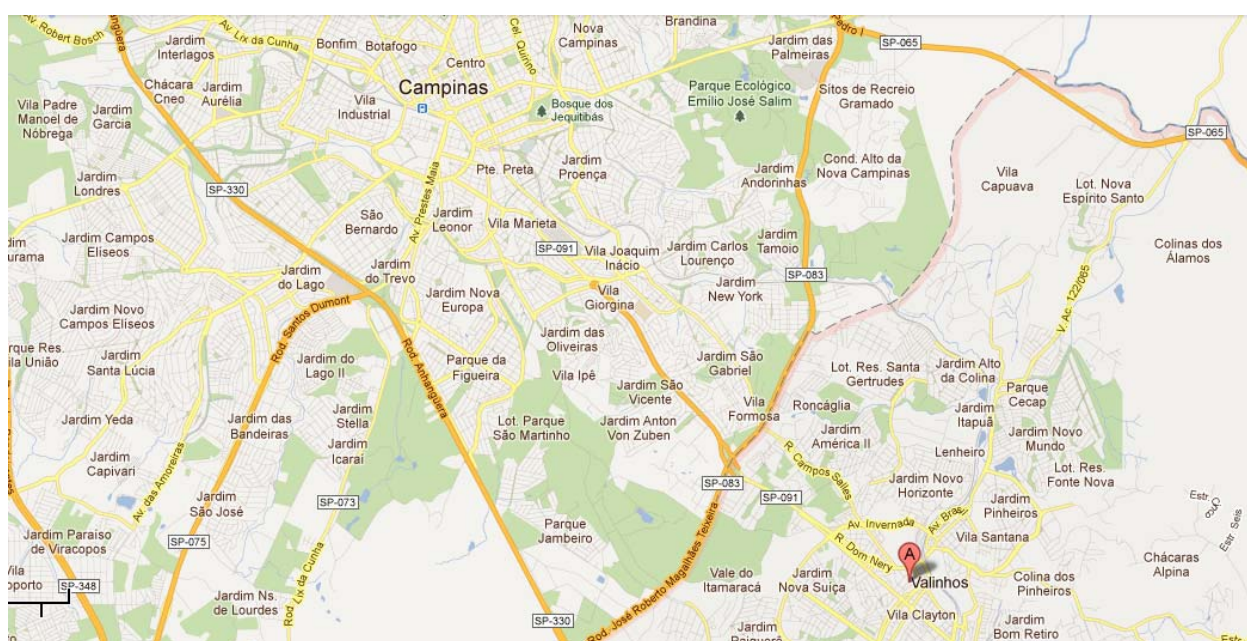


Figura 1 - Mapa indicando a localização de Valinhos, distante cerca de 15 km de Campinas.



Figura 2 - Entrada do Cemoa.



Figura 3 - Fachada do Cemoa.

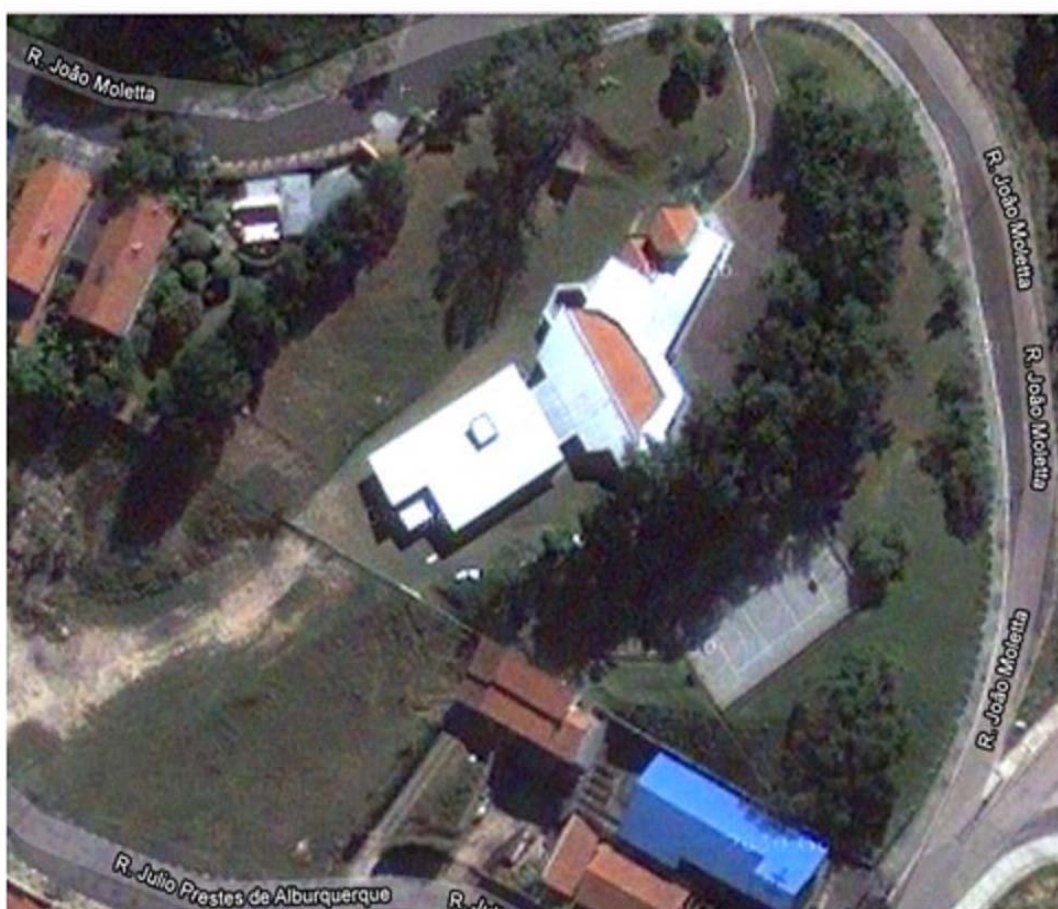


Figura 4 - Vista aérea das instalações do Cemoa.

Segundo relatos informais de funcionários da prefeitura, o espaço onde se localiza o Projeto Cemoa Sem Limites existe desde 1984. Naquele ano, a Prefeitura de Valinhos em parceria com o Círculo de Amigos dos Patrulheiros criaram um projeto para atender aos adolescentes de 12 a 14 anos, do sexo masculino, com o propósito de ocupar o tempo ocioso dos jovens com atividades socioeducativas e, ao mesmo tempo, prepará-los para o mercado de trabalho. Em parceria com empresas, esses participantes eram encaminhados para o primeiro emprego como “office boys”.

Em 1990, o projeto passou a admitir participantes do sexo feminino e, em votação, foi eleito o nome Cemoa. Em 1994, a prefeitura desvinculou o Círculo dos Amigos dos Patrulheiros do Cemoa. Cada vertente do projeto começou a ter diferentes objetivos e a atender uma determinada população. Nesse ano, a prefeitura assumiu o Cemoa sem nenhuma parceria e os professores foram contratados por meio de concursos públicos.

Em 1996, iniciou-se uma experiência de parceria com o Senac Campinas apenas com uma turma de 30 participantes. Naquele ano, o curso foi ministrado em outro local, pois o espaço Cemoa estava em reforma.

No ano de 1998, o Senac Campinas foi convidado a ser parceiro do Cemoa. A Prefeitura Municipal de Valinhos descreve as preocupações de então em um documento extraído do site da ABMP (s/d):

O processo de globalização que vem ocorrendo no mundo, no qual o nosso País está inserido, tem contribuído para as constantes mudanças nos diversos setores: político, econômico, social, trabalhista, cultural e outros. Os problemas se avolumam em todos os níveis, ou seja, Federal, Estadual e Municipal. Atualmente um dos grandes problemas a ser vencido, nos grandes centros e nos municípios vizinhos a estes, é a violência e a falta de trabalho. O município de Valinhos por ser muito próximo ao município de Campinas começa a dar mostras quanto à escalada da violência e a falta de trabalho. O presente projeto surgiu mediante a crescente necessidade de prepararmos adolescentes ativos, conscientes e participativos bem como jovens autônomos para um mercado de trabalho cada vez mais restrito, exigente e seletivo. O Poder Público Municipal optou por ações preventivas, que têm por

finalidade atender adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos, no período oposto ao escolar. A Constituição Federal em seu artigo 227 e o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 4º dispõe sobre a absoluta prioridade a ser dada a criança e adolescente na garantia de seus direitos. A LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social) estabelece que na organização dos serviços assistenciais também será dada prioridade no atendimento à criança e adolescente. Roberta Rodrigues Jirardi, Secretária de Assistência Social e Habitação, Chefe da Seção de Atenção à Criança e ao Adolescente.

A parceria foi firmada e o projeto passou a chamar-se Projeto Cemoa Sem Limites – houve uma alteração no nome acrescentando-se o **Sem Limites**, dando uma conotação de expansão do universo de público que o espaço atenderia. Mas a mudança não ocorreu só no nome, mas em toda a estrutura do projeto. Nessa parceria a Prefeitura do Município de Valinhos é responsável pelo espaço físico, materiais permanentes, materiais de consumo, materiais de limpeza, manutenção, merenda e vale-transporte para os participantes. O Senac Campinas, por sua vez, responde pelos materiais pedagógicos e de apoio para realização das oficinas e pelos docentes contratados. Essa parceria é renovada todo ano por meio de um contrato, precedido de reuniões em que são apresentadas ideias para o planejamento para o ano seguinte, que, portanto, é realizado em conjunto.

No primeiro ano da parceria com o Senac Campinas, em 1998, dentro do espaço do Cemoa, foram atendidos 60 jovens de 15 a 17 anos, mediante um programa estadual do Senac denominado Programa Educação para o Trabalho. Este é um programa desenvolvido desde 1996 até a atualidade (2012) no Projeto Cemoa Sem Limites. Sua proposta pedagógica é:

[...] direcionar os jovens desfavorecidos economicamente e de limitadas possibilidades de inserção profissional e social. Por meio de uma metodologia transformadora – aprender a aprender –, o Programa direciona forças para o desenvolvimento de jovens cidadãos, autônomos e críticos, estimulando-os para a realização de mudanças significativas em suas vidas por meio do trabalho na busca de melhor qualidade de vida para todos. A proposta fundamenta-se na busca pelo desenvolvimento de competências básicas e gerais exigidas para inserção do jovem no mercado de trabalho e ao mesmo tempo introduzi-lo às ferramentas básicas de informática disponíveis nos ambientes de trabalho.

Nessa época, já era evidente o interesse do mercado de trabalho por um profissional capaz de conviver com as diferenças, de trabalhar em equipe, adaptar-se às constantes mudanças e se sentir desafiado para buscar melhorias de vida, beneficiando-se da tecnologia, principalmente no que diz respeito à informática. Ser sensibilizado para essas condições e caminhar nessa direção constituíam-se fatores fundamentais para a empregabilidade.

Até 2009, o espaço territorial desses cursos era composto de uma cozinha, um banheiro feminino, um banheiro masculino, uma secretaria, uma sala de marcenaria, uma quadra poliesportiva e três salas de aula. Houve algumas modificações no decorrer dos anos, e no ano de 2010 o Cemoa ganhou uma ampliação importante, em obra realizada pela Prefeitura Municipal de Valinhos. O espaço físico passou a contar com: seis salas de aula, um auditório, um laboratório de informática, uma oficina de marcenaria, uma quadra poliesportiva, dois banheiros femininos, dois banheiros masculinos, uma sala de professores, uma biblioteca, duas secretarias (uma dos funcionários da prefeitura e uma da coordenadora do Senac Campinas) e duas cozinhas. Com essa ampliação a Prefeitura de Valinhos solicitou ao Senac Campinas um aumento no número de participantes do projeto, solicitação que foi atendida, e em 2010 foram beneficiados 690 jovens.

Os turnos de horário do Projeto Cemoa Sem Limites são dois: manhã, das 08h às 11h; e tarde, das 13h45min às 16h45min. De manhã o intervalo para a merenda acontece das 10h45min às 11h00min, período em que na maioria dos dias é servido almoço. No turno da tarde o intervalo é das 15h às 15h15min, e na maioria dos dias é servido um lanche. Muitos participantes do período da tarde chegam ao espaço mais cedo porque saem da escola e vão direto para o local, já que moram em bairros distantes. Às 13h a cozinheira coloca a merenda que foi servida no período da manhã para esses jovens almoçarem.

O quadro de funcionários ligados à Prefeitura do Município de Valinhos é composto por uma coordenadora, duas secretárias, uma pedagoga, uma psicóloga, um instrutor de

marcenaria, duas cozinheiras e duas funcionárias terceirizadas para a limpeza, que realizam seus trabalhos nos dois prédios. A seguir podemos observar o quadro de funcionários ligados ao Senac Campinas que trabalham nos dois prédios.

Quadro 3 - Quadro de profissionais do Senac Campinas

FUNCIONÁRIOS DO SENAC CAMPINAS					
Sexo	Profissão	Idade	Tempo de Trabalho	Formação	Algumas Oficinas
FEM	Docente	26	1 ano e 3 meses	Graduação: História Mestrado: História política e movimentos sociais	Comunicação/Ciclo Básico/Integração/Informática/Direitos e deveres
FEM	Docente	26	1 ano e 4 meses	Graduação: Pedagogia	Comunicação/Ciclo Básico/Integração/Informática/Direitos e deveres
FEM	Docente	54	7 meses	Graduação: Artes Mestrado: Educação Doutoranda em Educação	Desenho/Artes plásticas
FEM	Docente	31	7 meses	Graduação: Música Mestrado: Composição Musical Doutoranda em Estética Musical	Coral/Aulas de canto e instrumentos musicais
FEM	Docente	38	2 anos e 5 meses	Graduação: Teatro Mestranda Artes Cênicas	Expressão corporal/Teatro/Dança/Fantoches
FEM	Docente	28	2 anos	Graduação: Pedagogia Pós-Graduação em Pedagogia Empresarial	Comunicação/Ciclo Básico/Integração/Informática/Direitos e deveres
FEM	Docente	29	1 ano e 6 meses	Graduação: Pedagogia Especialização e Capacitação na Diretoria de Ensino Oeste Campinas Pós-Graduação: Ética, valores e saúde na escola	Comunicação/Ciclo Básico/Integração/Informática/Direitos e deveres
FEM	Docente	34	1 ano e 3 meses	Graduação: Letras Graduanda em Artes	Comunicação/Ciclo Básico/Integração/Informática/Direitos e deveres
FEM	Docente	33	6 anos	Graduação: Educação Física Pós-Graduação: Pedagogia Pós-Graduação: Gestão de negócios Mestranda em Educação	Atendimento ao Cliente/Atitude Empreendedora/Desenvolvimento humano/Desenvolvimento pessoal/Sistemas e Processos Administrativos/Gestão de Carreira/Responsabilidade Socioambiental
FEM	Docente	35	2 anos e 5 meses	Graduação: Comunicação Social Pós-Graduação: Organização e administração de eventos Pós-Graduação: Ética, valores e saúde na escola	Atendimento ao Cliente/Atitude Empreendedora/Desenvolvimento humano/Desenvolvimento pessoal/Sistemas e Processos Administrativos/Gestão de Carreira/Responsabilidade Socioambiental
FEM	Docente	44	2 anos e 5 meses	Graduação: Psicologia Pós-Graduação: Psicodrama	Atendimento ao Cliente/Atitude Empreendedora/Desenvolvimento humano/Desenvolvimento pessoal/Sistemas e Processos Administrativos/Gestão de Carreira/Responsabilidade Socioambiental

continuação

Sexo	Profissão	Idade	Tempo de Trabalho	Formação	Algumas Oficinas
MAS	Docente	31	3 anos	Graduação: Psicologia Pós-Graduação: Pedagogia Social	Atendimento ao Cliente/Atitude Empreendedora/Desenvolvimento humano/Desenvolvimento pessoal/Sistemas e Processos Administrativos/Gestão de Carreira/Responsabilidade Socioambiental
FEM	Docente	27	2 anos	Graduação: Pedagogia Pós-Graduação: Ética, valores e saúde na escola	Atendimento ao Cliente/Atitude Empreendedora/Desenvolvimento humano/Desenvolvimento pessoal/Sistemas e Processos Administrativos/Gestão de Carreira/Responsabilidade Socioambiental
FEM	Coordenadora Administrativa	48	12 anos	Graduação: Letras Pós-Graduação: Educação Especial Pós-Graduação: Pedagogia Social	Serviços administrativos
FEM	Coordenadora Pedagógica	52	21 anos	Graduação: Psicologia Pós-Graduação: Gestão de Pessoas	Administração pedagógica

Quadro elaborado pela autora.

A metodologia “Aprender a Aprender”, desenvolvida por Jacques Delors (1999), é utilizada até os dias atuais no Projeto Cemoa Sem Limites. Segundo Delors (1999), a metodologia está fundamentada em quatro pilares, que são, concomitantemente, pilares do conhecimento e da formação continuada. Esses pilares são o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

O aprender a conhecer é um processo para tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento para que não seja efêmero, ou seja, para que se mantenha no decurso do tempo e valorize a curiosidade, a autonomia e a atenção, permanentemente. É preciso também pensar o novo, reconstruir o velho, reinventar o pensar.

Já no aprender a fazer, não basta saber fazer individualmente uma tarefa. Trabalhar em equipe, desenvolvendo espírito cooperativo, de humildade na reelaboração conceitual e nas trocas são valores necessários ao trabalho coletivo. Ter iniciativa, gostar de uma certa dose de risco, ter intuição, saber comunicar-se, saber resolver conflitos e ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas.

Assim, o aprender a fazer está intimamente ligado ao aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros. No mundo atual esse é um importantíssimo aprendizado, por ser valorizado quem aprende a viver com os outros, a compreender os outros, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum.

Por fim, o aprender a ser é importante para desenvolver a sensibilidade, o sentido ético e estético, a responsabilidade pessoal, o pensamento autônomo e crítico, a imaginação, criatividade, iniciativa e o desenvolvimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo.

A partir dessa visão dos quatro pilares do conhecimento, podem-se prever grandes consequências na educação. O ensino-aprendizagem voltado apenas para a absorção de conhecimento, que tem sido objeto de preocupação constante de quem ensina, deverá dar lugar ao ensinar a pensar, ao saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, ser independente e autônomo, enfim, ser socialmente competente.

Quando o docente adota essa metodologia, seu papel será de incentivador, facilitador, mediador das ideias apresentadas pelos alunos, de modo que essas sejam produtivas, levando os alunos a pensarem e a gerarem seus próprios conhecimentos. Deve criar um ambiente de cooperação, de busca, de exploração e descoberta, deixando claro que o mais importante é o processo, e não o tempo gasto para resolvê-lo ou a resposta final. Dado um problema para ser resolvido em grupo ou individualmente, é importante interagir com cada ponto de vista, com cada leitura e a compreensão da questão. Importante ainda é incentivar a discussão entre os alunos para que todos entendam o que se busca e relatem seus pensamentos por meio da verbalização oral.

Nessa metodologia, o docente não responde diretamente às perguntas feitas durante o trabalho, e sim incentiva os educandos com novos questionamentos, ideias e dicas. Quando em conjunto os participantes encontram determinadas soluções, é necessário que se discutam os diferentes caminhos de resolução, alimentando-lhes o prazer de descobrir pela pesquisa e pelo esforço as soluções variadas e as soluções errôneas que os participantes encontraram, estimulando a verificação.

Deve-se registrar, entretanto, que a metodologia Aprender a Aprender já recebeu inúmeras críticas de educadores e estudiosos da área da educação. Os pressupostos e fundamentos dessa metodologia são considerados por esses estudiosos como uma ferramenta de concepções neoliberais da educação, traçando limites que seriam dados pela própria base e que seriam reprodutores do sistema, como uma forma de adestramento para o trabalho.

Por meio dessa metodologia, o Senac Campinas realiza três módulos no Projeto Cemoa Sem Limites, e mais três programas dentro do espaço Cemoa, tendo atendido 690 participantes no ano de 2011. A seguir apresentamos um quadro sobre os participantes atendidos, anualmente, no Projeto Cemoa Sem Limites, desde sua criação.

Quadro 4 - Alunos atendidos no Projeto Cemoa Sem Limites

PROJETO CEMOA					
Ano	Cursos oferecidos	Idade Atendida	Número de alunos/ano		Parceiro
1984	Atividades desportivas, tênis de mesa, artesanato e marcenaria	12 a 16 anos	50		Prefeitura Valinhos
1998	Programa Educação para o Trabalho	15 a 17 anos	60		SENAC
2011	Módulo I - Aventurando-se nas Artes	12 e 13 anos	210	Total de 690 alunos	SENAC
	Módulo II - Construindo o Amanhã	14 e 15 anos	150		
	Módulo III - Empreender e Crescer	15 anos/baixa escolaridade	60		
	Programa Educação para o Trabalho – Novas Conexões	15 a 17 anos	180		
	Programa Aprendizagem	16 a 18 anos	60		
	Programa de Capacitações	16 a 25 anos	30		

Fonte: Relatórios mensais do Senac Campinas - 2011.

O espaço Cemoa possui dois prédios: em um fica o Projeto, e no outro, os Programas. No prédio do Projeto Cemoa Sem Limites são ministrados o Módulo I - Aventurando-se nas Artes (12 e 13 anos de idade), o Módulo II - Construindo o Amanhã (14 e 15 anos de idade) e o Módulo III - Empreender e Crescer (15 anos com baixa escolaridade). É importante ressaltar que a participação em um ou outro módulo é determinada pela idade do educando.

No prédio dos Programas são ministrados os cursos profissionalizantes: Programa Educação para o Trabalho - Novas Conexões, Programa Aprendizagem e Programa de Capacitações. De agosto de 2010 a agosto de 2011, no Programa de Capacitações foram oferecidos os cursos de Recepcionista de Eventos e Operador de Computador. A ideia central dessas divisões é demonstrar para os participantes que eles podem, a cada novo ano, seguir para o próximo curso, concluindo todas as etapas do programa oferecido no Cemoa. Segue quadro para demonstração.

Quadro 5 - Quadro de cursos, programas e capacitações

Prédio A - Projeto Cemoa Sem Limites			Prédio B - Programas		
15 anos/ baixa escolaridade	Módulo III – Empreender e Crescer	Carga Horária: 174 horas	16 a 25 anos	Programa de Capacitações	Carga Horária: 160 horas
14 e 15 anos	Módulo II – Construindo o Amanhã	Carga Horária: 330 horas	16 a 18 anos	Programa Aprendizagem	Carga Horária: 1.333 horas
12 e 13 anos	Módulo I – Aventurando-se nas Artes	Carga Horária: 330 horas	15 a 17 anos	Programa Educação Para o Trabalho – Novas Conexões	Carga Horária: 330 horas

A Proposta Pedagógica do Projeto Cemoa Sem Limites é desenvolvida de acordo com reuniões realizadas entre a Prefeitura e o Senac. Em 2010, a Proposta indicava que seu objetivo seria:

[...] disponibilizar estratégias e atividades que permitam aos participantes a compreensão de si e do mundo, favorecendo para a mudança de postura nas situações cotidianas, além de proporcionar uma participação mais ativa na construção do seu desenvolvimento.

São realizadas reuniões mensais com os docentes e os pais, buscando o envolvimento da família e da comunidade nas atividades socializantes.

Existe no Projeto Cemoa Sem Limites uma padronização e sistematização quanto ao atendimento prestado, podendo-se observar, por exemplo, que a idade do participante o direciona para um determinado módulo, bem como que os módulos têm carga horária a ser cumprida, com horário de entrada e horário de saída. Ao final de cada módulo é entregue ao participante um certificado, de forma semelhante à sistematização adotada na educação formal. Todos os processos são pré-estabelecidos no contrato anual.

Conforme já mencionado, o Projeto Cemoa Sem Limites, objeto desta pesquisa, é dividido em três módulos para participantes de 12 a 15 anos. O Módulo I, destinado a jovens de 12 e 13, tem duração de um ano, com frequência de três vezes por semana e carga horária de 330 horas. São oferecidas, durante o ano, atividades com um grande envolvimento artístico e musical, nas quais os participantes encontram alternativas de se expressar por meio do lúdico, e com o lúdico se inserem no convívio com outros participantes que não conheciam, já que muitos estudam em escolas diferentes.

O Módulo II - Construindo o Amanhã, destinado a jovens de 14 e 15 anos, tem também duração de um ano, com frequência de três vezes por semana e carga horária de 330 horas. Envolve atividades de caráter mais amplo. Os educandos, seguindo a metodologia do Aprender a Aprender, trabalham a interface entre as competências e habilidades,

proporcionando a possibilidade do autoconhecimento, o desenvolvimento da autoestima e o reconhecimento do seu papel no contexto social, favorecendo mudanças de postura nas situações cotidianas. Segundo o discurso oficial do projeto, questões como cidadania, direitos e deveres, qualidade de vida e solidariedade são temas importantes. Um dos objetivos desta dissertação é verificar como esses temas são trabalhados e quais os resultados para os alunos.

Por sua vez, o Módulo III - Empreender e Crescer, destinado a jovens de 15 anos, revela uma particularidade: alguns alunos não o realizam devido à questão da escolaridade. Somente os educandos com baixa escolaridade podem frequentá-lo, no intuito de suprir a escolaridade mínima exigida para a participação nos Programas – frequentados somente por jovens que completaram o 9º ano do ensino fundamental ou participaram do Módulo em questão. Esse Módulo, segundo a proposta oficial, procura minimizar as dificuldades escolares desses jovens, além de trabalhar com questões de autoestima e superação de obstáculos. A duração é de seis meses, com frequência de três vezes por semana e carga horária de 174 horas.

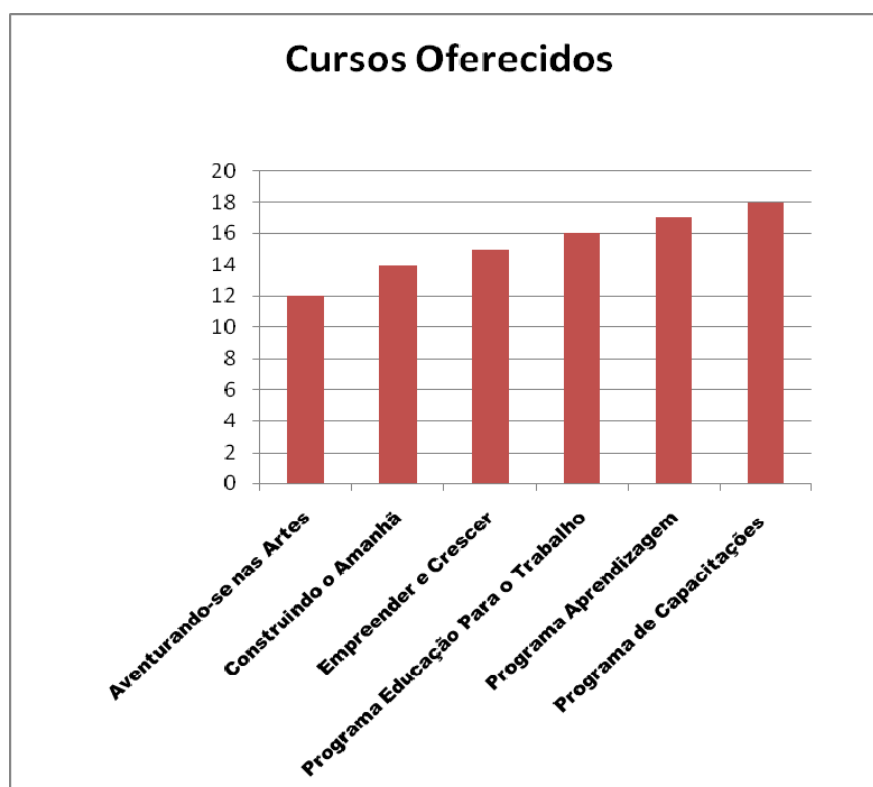
Em tese, no Projeto Cemoa Sem limites os participantes têm a oportunidade de vivenciar experiências coletivas, de atuar com outros indivíduos de culturas diversas e descobrir suas competências e habilidades. Como Gohn (1997, p.12) cita, “trata-se de modos de atuação coletiva nos quais a cultura e as tradições são utilizadas como amálgamas de processos novos, que criam novas possibilidades em termos de relações sociais”.

Os participantes podem frequentar por vários anos de sua vida o Projeto Cemoa Sem Limites, que orienta e insere os educandos nos Programas que são ministrados no outro prédio. Se analisarmos por esse ponto de vista, verificamos que esses jovens podem ingressar nas atividades do espaço Cemoa aos 12 anos e sair no último Programa de Capacitações, oferecido a alunos com cerca de 18 anos.

É importante também ressaltar que qualquer aluno que tenha concluído um desses programas oferecidos na cidade de Valinhos pode, segundo informação da coordenadora do projeto, solicitar bolsa de estudos para realizar cursos livres e cursos técnicos no Senac Campinas, no decorrer de sua vida.

Segue um gráfico do contexto geral dos cursos, destacando as idades contempladas em cada etapa.

Gráfico 6 - Gráfico dos cursos oferecidos



Fontes: Relatórios mensais do Senac Campinas - 2011.

No capítulo seguinte, a análise terá como foco principal os participantes com 15 anos de idade, educandos dos módulos finais do projeto.

CAPÍTULO V – OS PARTICIPANTES DO PROJETO CEMOA SEM LIMITES

A pesquisa com os participantes do Projeto Cemoa Sem Limites foi realizada entre agosto de 2010 e novembro de 2011. Observamos várias atividades, reuniões e debates para analisarmos esse espaço de educação não formal.

Na pesquisa quantitativa, os participantes do Projeto Cemoa Sem Limites responderam a um questionário estruturado com sete perguntas – disponível no anexo 3 –, para identificarmos o perfil da população atendida e suas observações sobre o projeto. Esse questionário foi aplicado no dia 13 de maio de 2011, em uma sala de aula. Era uma sexta-feira e os participantes nesse dia realizavam uma atividade denominada “Integração”. Essa atividade compõe várias oficinas (teatro, música, artes, esportes, artesanato), e o diferencial da sexta-feira em relação aos demais dias da semana é que nesse dia se “misturam” as turmas para que os jovens conheçam pessoas de outros grupos. É um momento interessante de socialização.

A escolha desse dia foi proposital, para não haver seleção de turmas. Os participantes foram convidados a responder o questionário e qualquer um deles poderia sair de sua atividade e ir à sala de aula para isso. Não houve nenhum problema nesse dia, mas vários alunos não quiseram participar da pesquisa porque “perderiam” parte da atividade desportiva, que é oferecida somente às sextas-feiras. Era um dia ensolarado e propício à realização de atividades físicas, ainda mais levando em consideração que o espaço do projeto conta com uma quadra e vários espaços gramados com sombras de árvores.

Foram respondidos 198 questionários, ou seja, 198 educandos se propuseram a responder às questões. Os dados obtidos na primeira pergunta revelam as idades dos participantes, conforme mostra o gráfico a seguir. A porcentagem menor foi de educandos com 11 anos, e a explicação da coordenadora sobre esse fato é que nessa idade os jovens também podem frequentar um outro projeto social da cidade, chamado Recriança.

Gráfico 7 - Idade dos participantes da pesquisa estruturada



Gráfico elaborado pela autora.

A segunda pergunta, posteriormente, subsidiaria a seleção dos participantes para a realização da coleta de depoimentos – história oral de vida. Um número expressivo de alunos afirmou que frequentava o projeto há um período de seis meses a um ano. Em conversa informal com a coordenadora, foi possível entender que isso se deve à ampliação de turmas e

salas do projeto em 2010, que resultou no ingresso de novos participantes. Analisadas as respostas a essa questão, pudemos separar as fichas de inscrição dos alunos que estão no projeto há três ou quatro anos – alunos esses que seriam foco da pesquisa qualitativa feita posteriormente.

Gráfico 8 - Tempo no Projeto Cemoa Sem Limites

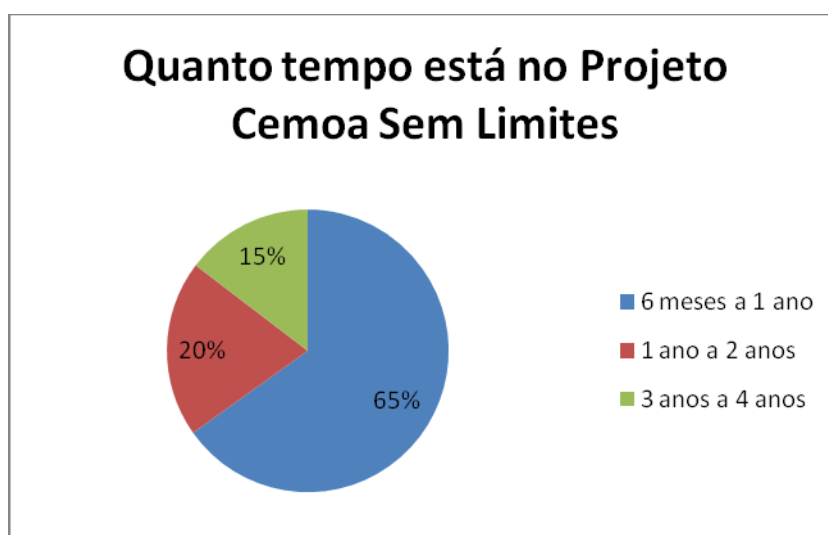


Gráfico elaborado pela autora.

Na terceira pergunta os alunos foram orientados a “dar notas”, de zero a dez, à importância do projeto para suas vidas. O que observamos é que nenhuma nota abaixo de cinco foi mencionada, e que a maioria gosta de estar nesse projeto.

Gráfico 9 - Importância do Projeto Cemoa Sem Limites

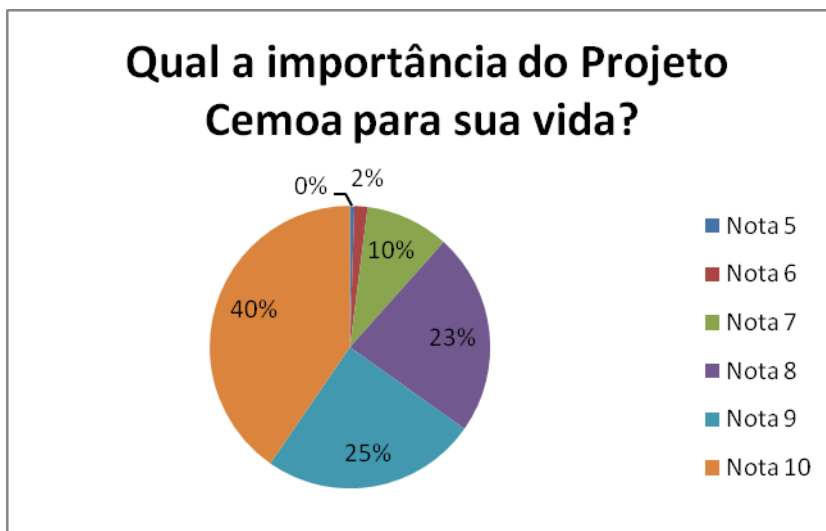


Gráfico elaborado pela autora.

A quarta pergunta era sobre a relação dos participantes com os docentes do projeto. Os alunos deveriam avaliar o relacionamento escolhendo entre as opções “ótimo”, “bom” e “ruim”. Como mostra o gráfico, não houve nenhuma resposta com a opção “ruim”.

Gráfico 10 - Relação com os educadores do Projeto Cemoa Sem Limites

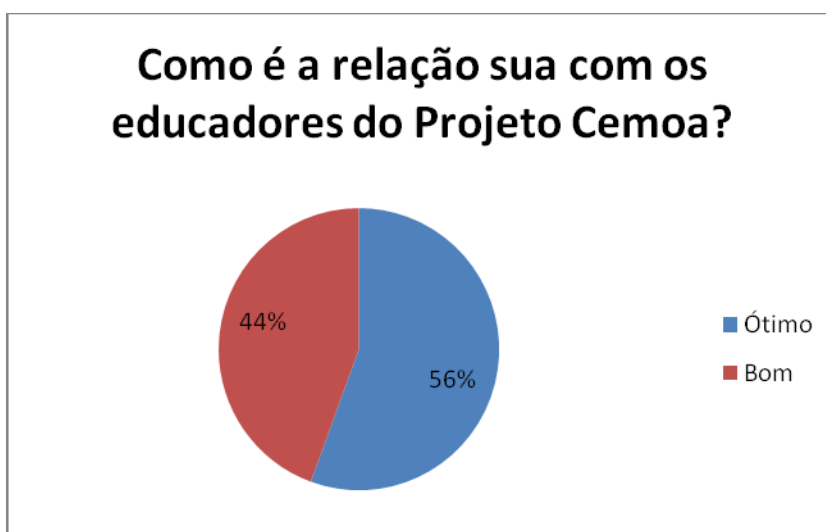


Gráfico elaborado pela autora.

Na quinta pergunta o foco era a vida escolar do participante. A intenção era verificar se havia ocorrido uma melhora no desempenho escolar depois da entrada no projeto. O gráfico apresentado a seguir aponta os resultados. O que notamos é que, nesse aspecto, poderia ser feita uma avaliação dos coordenadores em relação ao incentivo ao estudo – sugestão que também foi apontada pelos pais que participaram das reuniões do projeto.

Gráfico 11 - Vida escolar após ingresso no projeto

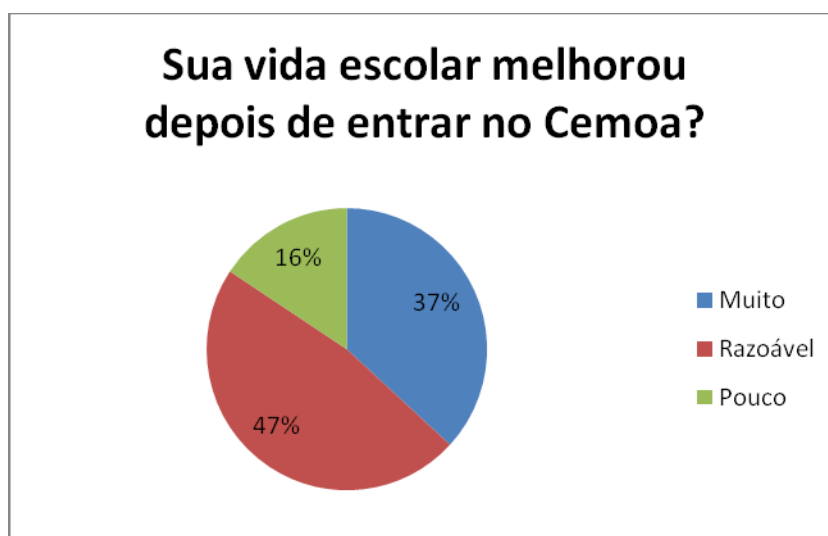


Gráfico elaborado pela autora

Na sexta pergunta os educandos foram solicitados a responder o que fariam no horário em que participam do Projeto Cemoa Sem Limites se não o estivessem frequentando. Cumpre notar que na opção “outras atividades”, 13 participantes afirmaram que estariam arrumando a casa para a mãe; 11 afirmaram que estariam jogando bola na rua; 10 disseram que estariam na internet; 10 que estariam fazendo outros cursos; 5 participantes responderam que estariam trabalhando, mesmo precocemente; 4 participantes estariam jogando videogame; 3 afirmaram somente que estariam em casa; 3 estariam assistindo TV; e 1 participante respondeu que estaria brincando. Observamos, desse modo, que o projeto é uma alternativa para que os adolescentes não fiquem ociosos.

Gráfico 12 - Atividade realizada caso não houvesse o Projeto Cemoa Sem Limites

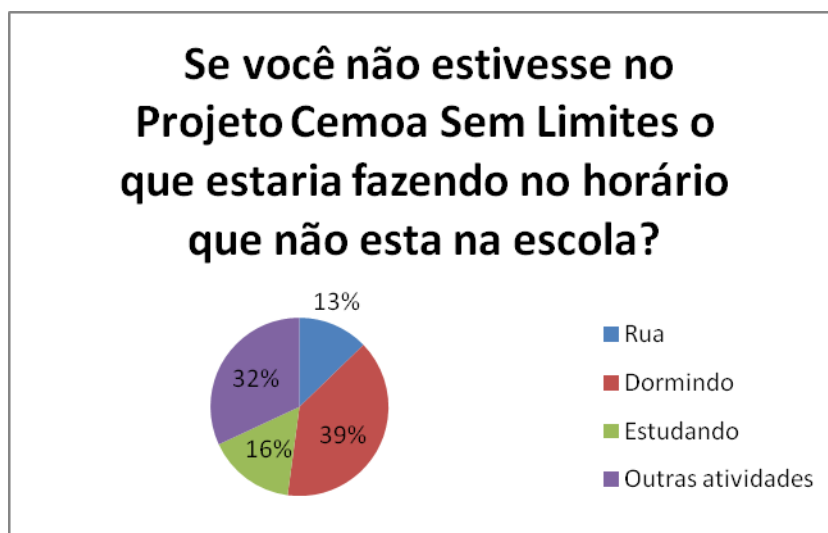


Gráfico elaborado pela autora.

Na sétima pergunta os jovens responderam quais atividades mais gostam de realizar no projeto. Na opção outras atividades, 7 disseram que gostam da oficina de marcenaria; 3 afirmaram que gostam da oficina de informática; e 1 participante, que gosta de “cursos”. Este último aluno, quando questionado sobre a que tipo de curso se referia, explicou que se reportava às palestras específicas ministradas no projeto. Mencionou ainda que a mais importante para ele foi a palestra contra as drogas. Identificamos que a maioria dos adolescentes aprecia a prática desportiva e gostaria que ela fosse realizada mais vezes durante a semana. Mas as outras atividades também foram citadas, demonstrando uma diversificação de opiniões sobre as ações.

Gráfico 13 - Atividades preferenciais no Projeto Cemoa Sem Limites

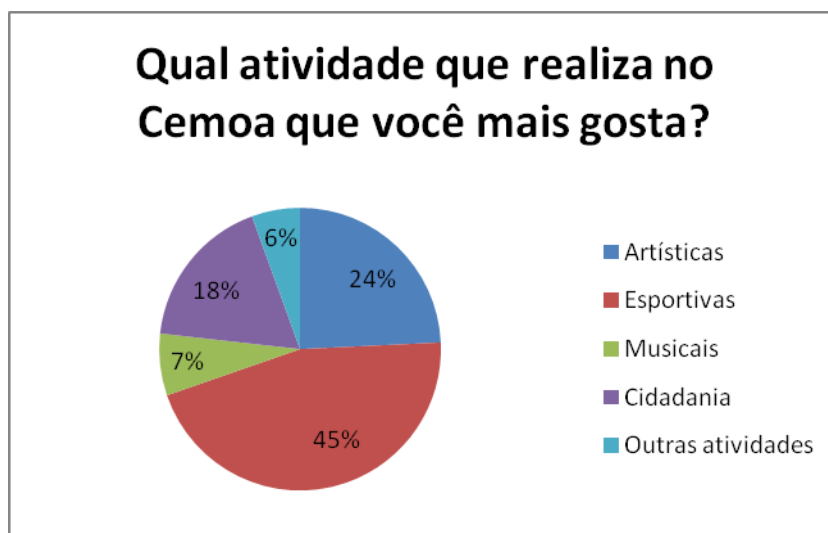


Gráfico elaborado pela autora.

Depois da pesquisa estruturada com 198 participantes do Projeto CEMOA Sem Limites, podemos afirmar que o projeto é importante para a vida desses adolescentes, já que a maioria das respostas demonstra que esse espaço é uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens.

De acordo com os resultados do questionário estruturado, separamos as fichas dos participantes que afirmaram estar no projeto há três ou quatro anos – ou seja, foram 30 fichas selecionadas para análise. Examinamos todos os dados contidos nas fichas, entre eles endereço, escolaridade, estrutura familiar, renda familiar e anotações feitas pelos docentes. Destacamos aquelas dos participantes que moravam em bairros periféricos, com renda familiar precária e que estavam frequentando o 8º, o 9º ano do ensino fundamental ou o 1º ano do ensino médio. Feita essa análise, restaram 13 fichas. Nesse momento, por meio de sorteio, escolhemos três participantes.

Propusemo-nos nesta pesquisa a ouvir três vozes de participantes de um projeto social. Pode parecer pequena essa amostra diante da amplitude do universo da pesquisa e tendo em vista as pesquisas científicas realizadas no âmbito da educação, porém também nos

parece imensa quando ouvimos três vozes ecoando histórias de suas vidas, seus sonhos e projetos futuros, que podem se assemelhar às histórias de milhares de outros sujeitos que gostariam de ter essa mesma oportunidade: ser ouvido. Essa tarefa é extremamente complexa, mas fundamentalmente urgente e necessária.

Na perspectiva de conhecer a história de vida desses três participantes, construímos a pesquisa com base em vidas, apoiada em cada experiência e acreditando que, mais que ouvir histórias e construir um documento escrito, esse momento único na história de nossas vidas nos possibilitaria vivenciar gestos, confissões sussurradas de sonhos e pensamentos futuros.

Antes de ouvir os participantes, porém, seus pais foram chamados para assinar um termo de consentimento para que os filhos pudessem conceder as entrevistas, respeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente. A escolha do local do encontro foi importante. No primeiro momento pensamos em ir até a casa do participante, mas nos deparamos com dificuldades para conciliar os horários livres dos pais e do participante. Alguns pais sugeriram realizar a entrevista no espaço do Cemoa Sem Limites, no horário do almoço, para não prejudicar nem a escola nem as atividades do projeto, mas depois que os filhos se alimentassem. Os participantes escolheram realizar a entrevista na biblioteca do Projeto CEMOA Sem Limites, por ser um lugar aconchegante e acolhedor.

A questão da utilização ou não dos nomes verdadeiros se tornou uma dificuldade. Desde o planejamento da pesquisa, quando optamos pela história oral de vida como metodologia, pesquisamos sobre a identidade dos participantes. Recusamos alternativas tais como usar números, mencionar os participantes pelas iniciais dos seus nomes, pois isso negaria a sua condição de sujeitos, desconsideraria as suas identidades, simplesmente apagaria quem são e os relegaria a um anonimato incoerente com o referencial teórico que orienta a pesquisa.

Com a preocupação, no entanto, de não revelar as identidades dos participantes, seja porque estudavam no mesmo projeto, seja porque revelariam situações vividas por eles mesmos e por suas famílias, tornou-se necessário usar nomes fictícios. Nas entrevistas, diante do grande envolvimento e da integração entre pesquisadora e os participantes, decidimos pedir para os adolescentes escolherem os nomes com que seriam identificados na versão oficial do trabalho. Os estudos de Leite (1995), Earp (1996) e Ferreira (1998) permitiram a utilização dessa alternativa metodológica.

Iniciamos, então, a coleta dos depoimentos. A primeira entrevista foi com a participante denominada “Karina”. A data da entrevista foi 27 de outubro de 2011, às 12h10min. Nesse mesmo dia, às 14h20min, realizamos a segunda entrevista, com o participante “Renato”, para que a amostra se mantivesse equilibrada em relação a sexo, possibilitando assim uma melhor análise.

Karina, uma jovem bastante articulada que cursava o segundo ano do ensino médio, sem histórico de repetência escolar e que havia obtido bons resultados ao participar do Projeto Cemoa Sem Limites, estava no projeto social há quatro anos. Renato, um jovem sem histórico de repetência escolar, mais tímido e sonhador, tinha em sua ficha no projeto social descrição de qualidades citadas pelos docentes do Senac Campinas. Também estava no projeto social há quatro anos.

Já “Tamara”, de 15 anos, foi entrevistada no dia 25 de novembro de 2011, às 11h48min, também na biblioteca do Cemoa. Uma jovem sorridente e expressiva, na sua ficha de avaliação havia pontos positivos e negativos em relação a comportamento dentro do projeto. Levou várias advertências e sua avó foi chamada para reuniões várias vezes. Um dos motivos descritos era a falta de respeito, comprometimento e concentração.

As entrevistas foram baseadas num roteiro focando os seguintes temas: Origem familiar, Infância, Adolescência, Escola e Participação no Projeto Cemoa Sem Limites. Com

as entrevistas finalizadas, passamos para a fase de transcrição, para poder iniciar a análise do material coletado. Em seguida, realizamos a textualização, etapa em que foram suprimidas as perguntas da pesquisadora (MEIHY, 2005). Nessa fase eliminamos ainda as digressões, os vícios de linguagem e as repetições de palavras. A ordem das palavras foi mantida tal como faladas; sendo assim, a sequência do depoimento foi totalmente preservada. O documento final pode ser conferido nos anexos 4,5 e 6.

A partir da análise da textualização, pudemos perceber homogeneidade na trajetória de vida desses jovens, todos oriundos de outras cidades e estados do Brasil; suas famílias, segundo seus relatos, encontraram em Valinhos uma oportunidade de emprego e conquista da casa própria. Em relação à infância, os participantes narraram uma trajetória com dificuldades financeiras.

As falas em relação à adolescência são parecidas, porém observamos uma maior agitação no que se refere a questões adolescentes (namoro, passeios...) no discurso da participante Karina. Segundo Renato e Tamara, estar na fase da adolescência é mais tranquilo. Os três mencionaram que a escola é um lugar bom, embora tenham afirmado que nela também existem pessoas ruins, e se apresentaram como bons alunos.

No que diz respeito ao Cemoa, ressaltaram que é um lugar importante para a vida deles. Renato enfatizou:

No Cemoa aprendi muita coisa, como é ser um bom cidadão, aprendi a ter meu lugar no mundo, ser solidário, quero ajudar as pessoas a enxergar um futuro brilhante, tem adolescente que nem sabe respeitar os pais, tenho dó deles, porque um dia os pais morrerão. Quando eu estou lá no Cemoa, às vezes eu fico pensando, eu tenho um lugar para falar, contar sobre as minhas vontades, dar palpites, construir meu futuro, ter amigos bons, que querem vencer, é muito bom receber elogios no Cemoa, me sinto forte, isso sempre foi muito bom para mim.

A participante Karina mencionou:

Se eu não tivesse fazendo o Cemoa eu teria me perdido, porque eu moro em um bairro que não é bom, é perigoso, e eu seria como alguns jovens, sabe... que usam drogas, e não seria um bom exemplo para minha família, e ninguém teria orgulho de mim.

Tamara, por sua vez, ressaltou:

Isso que é legal no Cemoa, os amigos e a professora ficaram dizendo: “Você consegue, você é inteligente, conte um pouquinho de você para nós.” Então eu criei coragem e mostrei meu quarto lilás e contei tudo o que vou fazer para conseguir minha casa.

É possível perceber que os participantes apontaram como valores a importância da família e o respeito ao próximo. Os valores familiares também são constantes na fala de Karina, que ressaltou ainda:

E eu agradeço por tudo na minha vida, não reclamo de nada porque estou viva e minha mãe sempre foi meu exemplo e tudo o que faço na minha vida é para deixar ela orgulhosa de mim.

Demonstrou também uma postura centrada em relação a suas atitudes, dizendo:

Eu sempre paro e penso: “Se eu fizer isso será que minha mãe vai gostar?” Se eu sei que ela não vai gostar, eu paro, penso e não faço, porque sei que não vai dar certo.

A autoestima e autoconfiança foram mencionadas pela participante Karina, que afirmou:

Fiz coisas [no Cemoa] que eu nem imaginava que eu sabia fazer e me senti muito feliz em descobrir que tenho qualidades e que posso melhorar a minha vida e ser um exemplo. A mudança na minha vida foi essa, porque, se eu estivesse sem fazer nada e ficasse na rua com pessoas do bairro, eu teria uma cabeça ruim e pensaria em coisas ruins. O Cemoa para mim é tudo.

Assim, verifica-se que na educação não formal os jovens têm a possibilidade de construir sentimentos ligados à autovalorização, rejeitando preconceitos que lhes são dirigidos, reacendendo o desejo de lutarem para serem reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos) dentro de suas diferenças.

Os sonhos dos dois participantes são interessantes. Renato disse:

Meu sonho é, depois de todos os módulos [do Cemoa], ser web designer, porque eu gosto muito de computador e pretendo crescer nesse ramo. Faço aulas de informática no Cemoa e estou aprendendo bastante, e eles falaram que eu tenho esse talento. Já estou guardando um dinheirinho para o futuro.

Karina, por seu turno, mencionou:

Eu pretendo continuar estudando e trabalhar na parte administrativa de uma empresa, e para isso acontecer não é ficando na rua que vou conseguir, é estudando e fazendo cursos.

E Tamara revelou:

Depois de estudar bastante, é claro, e com esse dinheiro que eu conseguir trabalhando, eu vou construir minha casa, esse é meu sonho. Quero ter um quarto lilás.

Os três jovens demonstraram, portanto, que o futuro e os sonhos estão ligados ao estudo e ao trabalho.

A mensagem final de Renato denota que ele se percebe como um ser humano que vive em uma sociedade e revela traços de autonomia em relação ao seu futuro:

Mas foi engraçado porque eu percebi que minha história tem coisas boas e ruins, mas é minha e ninguém pode mudar o final dela, se eu não deixar.

Já Karina, ao fim de seu depoimento, demonstrou que a experiência e as orientações da mãe são importantes para seu futuro:

Minha mãe me diz que na época que ela era adolescente ela não teve esta oportunidade para crescer, ela teve que parar de estudar e trabalhar muito para ganhar pouco, e eu penso, eu posso fazer o contrário nos dias de hoje, eu posso estudar muito e ter um emprego melhor e que ganhe melhor. E com meu dinheiro posso comprar meu computador, né?

Tamara refletiu sobre sua mudança de comportamento e até descobriu um novo sonho diretamente ligado aos estudos:

Antes eu era bagunceira, então eu parei e pensei: “Não, não é isso bem o que eu quero.” No Cemoa me ensinaram a pensar na minha vida, até comecei a tirar

boas notas na escola, as docentes do Cemoa ajudam nas tarefas e estudar coisas que na escola a gente não entende, é bem legal, senta alguns alunos com problemas e conta tudo, então a gente vê que tem gente com problemas igual o da gente. Então, quando a gente vê outro jovem lutando igual a gente para sobreviver e conseguir uma vida melhor, aquela canseirinha de viver passa. Porque dá para ter uma oportunidade nessa vida. Sabe, aqui, pensando agora, até pensei que dá para eu ser um dia uma professora de matemática, não dá? De aluna que não sabia nada posso virar uma professora de matemática que sabe tudo. Gostei dessa ideia! Vou pensar sobre isso.

A devolução das entrevistas para os participantes foi um momento muito importante para os alunos e para a última etapa da história oral de vida.

Esta pesquisa teve como ponto de partida identificar se a educação não formal pode provocar mudanças na vida dos jovens. Nessas falas pudemos observar que houve sim uma transformação individual significativa entre esses participantes do projeto social Cemoa Sem Limites.

CONCLUSÕES

Nesta pesquisa pudemos contextualizar o associativismo no cenário das cidades de Campinas e de Valinhos. Ao buscar informações nas instituições das duas cidades sobre o público atendido e o grupo a que pertenciam em relação à classificação INCPO de Salamon e Anheier (1997), identificamos que, mesmo sendo muito próximas, as cidades têm características diferenciadas. Campinas apresenta um associativismo regulado com foco na educação, e a cidade de Valinhos apresenta um associativismo regulado com foco na promoção social. Com atuação nas duas cidades encontramos o Senac de Campinas, entidade parceira da Secretaria do Desenvolvimento Social da cidade de Valinhos no desenvolvimento do Projeto Cemoa Sem Limites, que revela características próprias.

Nesse projeto social analisado, identificamos um associativismo regulado com uma mistura de atividades de cunho educacional e de cunho assistencial, seguindo a linha de pensamento do autor Delors (1999). Na análise mais detalhada das atividades desenvolvidas percebemos a presença da educação não formal, da educação formal e da educação informal. Isso porque os participantes cumprem uma rotina com certo grau de sistematização semelhante à verificada na educação formal em aspectos curriculares e burocráticos, e também com a educação informal, sobretudo quando os pais participam do processo.

Identificamos ainda que há atividades desenvolvidas no Projeto Cemoa Sem Limites vinculadas à educação não formal. Como exemplo, podemos citar uma atividade denominada “Planos de ação”, que são ações práticas organizadas e planejadas pelos jovens participantes, como implantação de horta, jardim, compostagem, arrecadação de livros para a biblioteca com alunos monitores, entre outras. Os educandos ainda participam de momentos de leitura em espaços abertos, leituras para além da imaginação – leem e aprendem a escrever suas

histórias, que são contadas por eles e incorporadas pelos outros, que, de certa forma, acolhem de maneira amigável a vida do outro.

Ademais, presenciamos dinâmicas de socialização e integração, bem como debates de temas atuais trazidos pelos jovens. Presenciamos algumas atividades diferenciadas, como pintura de espaços, atividades de artes, música, envolvendo direitos e deveres. Vários alunos se reunindo, sentados embaixo das árvores antes do início das atividades, assim como calmamente reunidos em círculos e conversando. Não foi observada nenhuma pichação no ambiente. Existem regras para que o espaço permaneça limpo e organizado.

O Projeto conta com uma oficina de marcenaria com muitos trabalhos de alunos antigos expostos. Aliás, o marceneiro Daniel Araujo, que trabalha nesse espaço da prefeitura há 25 anos – desde antes, portanto, da parceria com o Senac Campinas –, tem uma história especial para contar sobre cada um desses trabalhos. Daniel, em conversa informal, disse “*estar um pouco cansado e com algumas dores*”, mas o brilho nos seus olhos mostra o carinho e a admiração que tem por aquele lugar. Como ele mesmo mencionou,

Este lugar tem alma e tem os sonhos de cada criança que passou por aqui, alguns se perderam na vida e não aproveitaram a oportunidade de vencer e viver no caminho certo, mas muitos estão vivendo suas vidas dignamente e transformaram a sua história de vida sofrida em história de vida feliz.

Nessa oficina os jovens podem escolher o trabalho/projeto que querem aprender a executar, fazem todos os cálculos e medições necessários e, depois de terminado o trabalho, levam para casa sua obra.

Os alunos podem optar entre fazer teatro, frequentar as aulas de Coral nas atividades de integração, participar de atividades que abordam questões como competição e cooperação, solidariedade, voluntariado, comunicação e outras. Os docentes procuram deixá-los construir seus próprios pensamentos, não é nada imposto. O docente não é dono do poder. Ouvir o

aluno faz parte da atividade. Todos opinam e as respostas dão conta do ponto de vista de cada um. Não existem respostas prontas ou respostas definitivas, existem opiniões e debates, e no final do dia os participantes apresentam o que aprenderam sobre o tema.

Ressaltamos os ensinamentos de Freire (1996) em relação ao trabalho do educador e educadora:

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a qualquer outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. (FREIRE, 1996, p.144)

Em relação ao trabalho desenvolvido pela Prefeitura, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitacional, a proteção à criança e ao adolescente está amparada nas leis municipais. Alguns dos participantes do Projeto Cemoa Sem Limites são assistidos pela Casa da Criança e do Adolescente, estão sendo acompanhados por psicólogos, foram encaminhados pelo Conselho Tutelar ou por alguma ordem judicial do Fórum. São jovens que estão sob observação devido a alguns fatores, entre eles: abandono dos pais, estão sendo submetidos a tratamentos psicoativos, apresentam dificuldades escolares, esperam decisão a respeito da guarda dos pais e outros.

Algumas atividades desenvolvidas pelos alunos com idade a partir de 16 anos são direcionadas ao trabalho, como elaboração de currículos, simulação de processos de entrevista, profissões e mercado. Muitos intencionam alçar voos a partir do curso, se inserindo

no mercado de trabalho. As ações profissionalizantes são um passo para que um dia eles possam, quem sabe, ser alunos de cursos técnicos do Senac na cidade de Campinas.

O Projeto Cemoa Sem Limites pode ser uma porta para oportunidades futuras de emprego e melhores condições de vida. Comentários como *“prefiro estar aqui do que estar na rua fazendo coisa errada”* são recorrentes nas falas dos jovens, que querem ter um espaço, querem ser ouvidos, querem atenção e orientação – essas são as exigências desses alunos. Também ouvimos comentários como *“o Cemoa não pode ser igual à escola porque na escola está chato, tem que continuar sendo diferente e gostoso estar aqui”*.

Em relação ao associativismo, foi possível notar ações pontuais e no plano micro, como, por exemplo, o “Grêmio Estudantil”, no qual os jovens apresentam ideias de atividades e melhorias para o projeto, e a maioria das ideias é efetivada por eles. Pudemos presenciar um momento de reunião do Grêmio e algumas atas de reuniões anteriores. No mês de novembro de 2011, os membros realizaram um campeonato desportivo, com inscrições e um envolvimento maciço dos participantes, com uma festa para entrega de medalhas.

Em relação aos pais, cabe destacar que eles têm livre acesso para conversar com professores e coordenação. Existe uma atividade denominada “Escola de Pais”, que proporciona aos pais um momento de troca de experiências e informações sobre temas específicos acerca dos adolescentes. Entre os temas debatidos nesses encontros de março de 2011 até agosto de 2011 podemos citar: Relacionamento entre pais e filhos; Limites e liberdade na adolescência; Dificuldades escolares; Drogas na adolescência.

Enfim, nesses encontros os pais procuram encontrar apoio para educar seus filhos. Todos comentam casos, expõem suas ideias e até suas experiências de acordo com o tema discutido. Os encontros eram realizados aos sábados e muitos comentavam sobre a dificuldade de se reunir nesse dia, devido aos afazeres domésticos, entre outros motivos.

Pôde-se constatar que os pais se envolvem, querem saber o que os filhos estão aprendendo no Projeto Cemoa e até opinam, dando sugestões interessantes. Uma sugestão que se destacou no encontro de setembro de 2011 foi a de que houvesse um tempo dentro do horário normal do projeto destinado a estudos, ou seja, um tempo em que os docentes pudessem ajudar os jovens a fazer tarefas e trabalhos escolares e até orientá-los no sentido de minimizar suas muitas dificuldades de aprendizagem. Já existe no projeto o “Reforço Escolar”, mas os pais afirmaram que os filhos não conseguem chegar mais cedo para frequentá-lo, e por isso seria necessária a alteração do horário do atendimento. Questionada sobre o andamento dessa solicitação dos pais, a coordenadora do projeto informou que está sendo estruturada essa atividade e que possivelmente ela será inserida na grade do projeto neste ano (2012). É possível afirmar, portanto, que a comunidade está, embora de uma maneira ainda sutil, demonstrando que pode participar do processo educacional nesse âmbito.

Em relação à categoria de análise “cidadania”, percebemos que algumas ações, também no plano micro, demonstram envolvimento com a questão. São ações pontuais que buscam atrair a participação dos jovens e incitá-los a refletir sobre seus direitos e deveres, levando-os, por exemplo, a conhecer e debater as leis vigentes que protegem o cidadão, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei Maria da Penha, o Estatuto do Idoso, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, as Leis do Trânsito, de Conservação do Patrimônio Público, além de assuntos como patriotismo e outros.

Os jovens e as famílias são orientados pelos funcionários da Prefeitura a procurarem os órgãos existentes na cidade caso precisem de auxílio, como a “Casa da Criança e do Adolescente”, na qual as crianças e os adolescentes são socialmente assistidos por profissionais especializados, recebendo apoio psicopedagógico, médico, odontológico, moradia, vestuário, brinquedos, material escolar, acompanhamento escolar, programas informativos em relação a situações de risco – como uso de drogas, álcool, gravidez precoce,

AIDS etc. –, alimentação balanceada, cuidados com higiene pessoal, orientação individual e familiar, lazer e, principalmente, carinho e atenção. Os objetivos da Casa da Criança e do Adolescente vão ao encontro das políticas públicas vigentes.

Em relação às mudanças comportamentais, percebemos que o jovem participante do Projeto Cemoa Sem Limites tem uma percepção fragmentada em relação ao processo em que está inserido e muito marcada pela visão da instituição, tendo como meta (sua ou de sua família) fazer com que seus estudos possam levá-lo a alcançar futuramente uma oportunidade de trabalho.

A educação é tomada por muitos autores como uma das principais conquistas de um povo ou sociedade. Para ela ser democrática e comprometida, deve trabalhar a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças, sejam elas culturais, étnicas, religiosas, sexuais ou quaisquer que sejam. Uma educação voltada para a construção dos valores essenciais à sobrevivência humana, como o direito à vida, o respeito à diversidade e ao meio ambiente etc. Uma educação voltada para a formação cidadã do indivíduo, que veja todas as crianças como seres potencialmente capazes de se desenvolver plenamente, e que lhes ofereça as condições necessárias para isso. Uma educação que contribua para a transformação da realidade individual e coletiva dos diferentes seres humanos que se fazem presentes no ambiente educacional, ou seja, uma educação que lhes ofereça os subsídios básicos para a construção de uma vida melhor.

Por outro lado, não é possível operar mudanças de valores, de visão de mundo dentro de um vazio social. Como disse um poeta: “Nenhum homem é uma ilha.” Todos somos parte do mundo. O caminho para a transformação individual não se encontra em viver uma vida solitária numa caverna em uma montanha, mas sim na interação com outros seres humanos na sociedade. A transformação individual se potencializa quando se está trabalhando no processo

de transformação social. Projetos como o Cemoa Sem Limites podem ser espaços para a construção de valores de cidadania e democracia participativa.

REFERÊNCIAS

ALGEBAIL, M. A. Entrelaçamento de vozes infantis: uma pesquisa feita na escola pública. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância**: fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papirus, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MAGISTRADOS, PROMOTORES DE JUSTIÇA E DEFENSORES PÚBLICOS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE - ABMP. **Projeto Cemoa**. s/d. Disponível em: <www.abmp.org.br/textos/1085.htm>. Acesso em: 19/05/11.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O Tempo Vivo da Memória** - ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura/ Brasiliense, 1985.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil** (de 10 de novembro de 1937). 10 de nov. de 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao37.htm>. Acesso em: 11/05/2011.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do Adolescente. Brasília, 13 de jun. de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 23/09/2011.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 8.742**, de 7 de dezembro de 1993. Lei Orgânica da Assistência Social. Brasília, 7 de dez. de 1993. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742.htm>. Acesso em: 23/09/2011.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.790**, de 23 de março de 1999. Brasília, 23 de mar. de 1999. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9790.htm>>. Acesso em: 16/04/2011.

_____. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. **Ação social das Empresas**. 1999. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 18/04/2010.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 10.097**, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 19 de dez. de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm>. Acesso em: 12/05/2011.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília, nov. de 2004. Disponível em: <<http://www.sedest.df.gov.br/sites/300/382/00000877.pdf>>. Acesso em: 25/09/2011.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 6.635**, de 5 de novembro de 2008. Brasília, 5 de nov. de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6635.htm>. Acesso em: 14/06/2011.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16/04/2010.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol.3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, S. C. T. **Terceiro Setor: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

COMUNIDADE DOS VEREADORES BRASILEIROS - COOVER. **Legislativo de Valinhos: Câmara de Valinhos recebe projeto que estima receita e fixa a despesa**. 27 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.coover.com.br/index.php/ultimas-noticias/1445-legislativo-de-valinhos-camara-de-valinhos-recebe-projeto-que-estima-receita-e-fixar-a-despesa>>. Acesso em: 28/07/2011.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DEMO, P. **Cidadania Menor - Algumas indicações quantitativas de nossa pobreza política**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Combate à Pobreza - Desenvolvimento como oportunidade**. Campinas: Autores Associados, 1997.

_____. **Pobreza Política**. Campinas: Autores Associados, 1998a.

_____. **Charme da Exclusão Social**. Campinas: Autores Associados, 1998b.

_____. 200 Dias Letivos ou 800 Horas: Uma soma de vazios. **Revista de Educação AEC**. Ano 27, nº 108. Brasília, jul./set.1998c. p.14-35.

_____. **A Nova LDB - Rarões e avanços**. Campinas: Papirus, 1999a.

_____. **Educação e Desenvolvimento - Mito e realidade de uma relação quase sempre fantasiosa**. Campinas: Papirus, 1999b.

_____. **Política Social do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1999c.

_____. **Educação & Conhecimento** - Relação necessária, insuficiente e controversa. Petrópolis: Vozes, 2001a.

_____. **Saber Pensar**. São Paulo: Cortez, 2001b.

_____. **Conhecimento e Aprendizagem na Nova Mídia**. Brasília: Editora Plano, 2001c.

DOWBOR, L. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

EARP, M. L. S. **Assistência ou educação: o projeto alunos-residentes de CIEPs**. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica - PUC, Rio de Janeiro, 1996.

FERNANDES, R. C. **Privado Porém Público: o Terceiro Setor na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. O que é o Terceiro Setor? In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). **3º setor: desenvolvimento social sustentado**. São Paulo/Rio de Janeiro: Gife/Paz e Terra, 1997.

_____. **Elos de uma Cidadania Planetária**. s/d. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_02.htm>. Acesso em: 16/04/11.

FERREIRA, M. D. S. **Vozes infantis, elos de coletividade: a criança da favela no seu contexto sociocultural**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

GANZELI, P. **A Formação de Estruturas Participativas na Cidade de Campinas/SP**. Dissertação (Mestrado em Educação), UNICAMP, Campinas - SP, 1993.

_____. **O processo de construção da gestão escolar no município de Campinas: 1983/1996**. Tese (Doutorado em Educação), UNICAMP, Campinas - SP, 2000.

_____. (Org.). **Reinventando a escola pública por nós mesmos**. Campinas - SP: Alínea, 2011.

GESTÃO C&T ONLINE. Brasília, novembro 2008. Disponível em: <www.gestaoct.org.br>. Acesso em: 09/07/11.

GOHN, M. G. M. Educação não-formal no Brasil: anos 90. **Cidadania/Textos**. nº 10. Campinas, nov. 1997.

_____. **Educação não-formal e cultura política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Teoria dos Movimentos Sociais:** Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **Conselhos Gestores e participação sociopolítica.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade.** Vol.13, nº 2. São Paulo, mai./ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200003>. Acesso em: 24/04/2011.

_____. **O protagonismo da sociedade civil:** movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio.** Vol.14, nº50. Rio de Janeiro, jan./mar. 2006.

_____. **O Protagonismo da Sociedade Civil - Movimentos Sociais, ONGs e Redes Solidárias.** 2ªed. São Paulo: Cortez, 2008a.

_____. **Teorias dos Movimentos Sociais - Paradigmas Clássicos e Contemporâneos.** 7ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2008b.

_____. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações no Brasil Contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2010a.

_____. **Educação Não formal e o educador social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. 1ªed. São Paulo: Cortez, 2010b.

GOOGLE MAPS. **Valinhos - SP.** Disponível em: <<http://g.co/maps/s79cx>>. Acesso em: 03/02/12.

_____. **Rua João Moletta,** Valinhos - São Paulo. Disponível em: <<http://g.co/maps/m86b8>>. Acesso em: 03/02/12.

GROPPO, L. A. **Uma onda mundial de revoltas.** Movimentos estudantis de 1968. Piracicaba: Unimep, 2005.

INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL (Portugal). **Guia para o associativismo.** Lisboa: Instituto Para O Desenvolvimento Social, 2001. 39 p.

LEITE, M. I. **No campo da linguagem, a linguagem do campo:** o que falam de escola e saber as crianças da área rural. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica - PUC, Rio de Janeiro, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, J. P. **FEAC - Biografia de um pacto social - 40 anos de integração, apoio e solidariedade**, São Paulo: Átomo, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5ªed. São Paulo: Loyola, 2005. 291 p.

_____; HOLANDA, F. **História Oral**. Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. 175 p.

MEREGE, L. C. **Censo do Terceiro Setor do Estado do Pará Região Metropolitana Belém**. Belém: CETS/FGV - EAESP, 2005. Disponível em: <<http://www.mapa.org.br/conteudo.aspx?PG=49>>. Acesso em: 23/02/2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Declaração dos Direitos Humanos**. 10 de dez. de 1948. Disponível em: <<http://www.larhbhi.ufsc.br/arquivos/Declara..o.dos.Direitos.Humanos1948.ONU.pdf>>. Acesso em: 16/04/2011.

PROJETO CEMOA SEM LIMITES. **Proposta pedagógica**. Prefeitura de Valinhos, Senac, 2010.

ROGGERO, R. Ambientes Físicos e Virtuais na Configuração a Escola: Um outro Caminho para Pensar a Formação do Sujeito. **Boletim Técnico do Senac**: a revista da educação profissional. Vol. 34, nº 2. Rio de Janeiro, 2008. p.57-71.

_____. **A vida simulada no capitalismo**: formação e trabalho na arquitetura. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SALAMON, L. M.; ANHEIER, H. K. **Defining the nonprofit sector**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 63. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, out. 2002. p.237-80.

SENAC CAMPINAS. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/quem_somos/index.cfm?index=3&lg=pt&idcat=3&iditem=21>. Acesso em: 26/08/2011.

SENAC SÃO PAULO. **Proposta estratégica do Senac de São Paulo para a década de 2001-2010**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/pdf/29548.pdf>>. Acesso em: 28/06/2011.

_____. Centro de Tecnologia e Gestão do Terceiro Setor. **Projeto 6ª turma do curso de formação de formadores para o terceiro setor**. Documento de divulgação interna, São Paulo, 2003.

_____. **Visão Institucional**. Desenvolvimento Social. s/d. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a15634.htm&testeira=1029#>>. Acessos em: 18/06/11, 30/07/11, 18/10/11.

_____. **Cursos Livres**. s/d. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?template=1442.dwt&testeira=473&type=L&sub=3>>. Acesso em: 16/06/2011.

SZAZI, E. **Terceiro setor**: regulação no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Petrópolis, 2001.

THOMPSON, E. P. **The poverty of theory and other essays**. London: Merlin, 1978.

_____. **A voz do passado** - História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRILLA, B. J. **La educación informal**. Barcelona: PPU, 1987.

_____. **La educación fuera de la escuela**: ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

_____. Ciudades educadoras: bases conceptuales. In: ZAINKO, Maria Amélia S. (Org.). **Cidades educadoras**. Curitiba: Ed. UFPR, 1997. p.13-34.

_____. A educación non formal e a cidade educadora. Dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizadota) do universo da educación. **Revista Galega do Ensino**. Especial: A educación no século XX - unha análise panorámica. nº 24. Corunha, set. 1999.

_____; ARANTES, V.; GHANEM, Elie (Org.). **Educação formal e não formal**: pontos e contrapontos São Paulo: Summus, 2008.

_____. La educación no formal. In: URUGUAI. Ministerio de Educación y Cultura. **Aportes a las Prácticas de Educación no Formal desde la Investigación Educativa**. Montevideo: Universidad de La República, enero 2009.

VALINHOS (Município). Disponível em: <<http://www.valinhos.sp.gov.br>>. Acessos em: 16/04/2010, 19/04/10, 18/09/2011, 19/09/11.

_____. **Plano de Ação e de Aplicação do Conselho Municipal dos direitos da criança e do adolescente de Valinhos** - Biênio 2010/2011. Valinhos, 2009. Disponível em: <http://www.valinhos.sp.gov.br/portal/arquivos/desenvolvimento_social/Plano2010-2011.pdf>. Acesso em: 23/07/2011.

ANEXOS

Anexo 1 - Mapeamento do Associativismo em Campinas - SP

ASSOCIATIVISMO EM CAMPINAS SP				
Entidade		Endereço	Subgrupo	Classificação - ICNPO (Salomon, Anheier, 1997)
1	Associação do Projeto Amigos	Praça Marechal Floriano Peixoto s/n ° - Estação Cultura -Centro	Programa na área de Cultura	Cultura e Recreação
2	Instituto Cultural Canarinhos da Terra	Rua Engenheiro Humberto Soares de Camargo, 83 – Cidade Universitária -- CEP: 13.083-780	Programa na área de Cultura	Cultura e Recreação
3	Projeto Lona das Artes	Av. Cardeal Dom Agnelo Rossi, s/no. - Vila Padre Anchieta – CEP: 13.068-211	Programa na área de Cultura	Cultura e Recreação
4	Casa Maria de Nazaré- Casa dos Anjos	Rua Dois, 546 - Jd. Elisa- CEP: 13.058-272	Programa na area de Esportes	Cultura e Recreação
5	Casa Maria de Nazaré- Casa Hosana	Rua Benedito Etelvino Alexandre, 353 - Cidade Satélite Iris - CEP 13.020-110	Programa na area de Esportes	Cultura e Recreação
6	Secretaria Municipal de Esportes e Lazer – Programa Esporte e Cidadania	Av. Anchieta, 200- Centro- CEP 13.015-100	Programa na area de Esportes	Cultura e Recreação
7	AMIC – Associação dos Amigos da Criança	Rua Tenente Lourival Berinotti, 615 – Village Campinas – CEP: 13.085-970	Educação Infantil	Educação
8	AMIC – Associação dos Amigos da Criança	Rua Rosa Agridelli Cipriano, 01 – Jardim Monte Cristo – CEP: 13.051-000	Educação Infantil	Educação
9	Associação do Pão dos Pobres de Santo Antonio	Rua Regente Feijó, 487 – Centro – CEP: 13.013-051	Educação Infantil	Educação
10	Associação Evangélica Assistencial – AEA – Unidade I	Rua Francisco Antônio da Silva, 478 – Vila Formosa – CEP: 13.045-025	Educação Infantil	Educação
11	Associação Presbiteriana de Ação Social – APAS I	Rua Paula Crepaldi Valério, 60 – Vila Bourbon – Sousas – CEP: 13105-562	Educação Infantil	Educação
12	Associação Presbiteriana de Ação Social – APAS II	Rua Serra do Umbuzeiro, 540 – Jardim Parapanema – CEP: 13.100-239	Educação Infantil	Educação
13	Casa da Criança de Sousas	Rua Maria de Almeida Magalhães, 288 – Jd. Martinelli – Sousas, CEP 13.106-16	Educação Infantil	Educação
14	Centro Assistencial Cândida Pentead de Queiróz Martins –	Rua Piquete, 411 – Nova Campinas – CEP: 13.093-060	Educação Infantil	Educação

15	Centro de Formação Semente da Vida	Rua 14,95 – Jd. Novo Flamboyant – CEP 13.093-280	Educação Infantil	Educação
16	Centro Educacional de Assistência Social Menino Jesus de Praga	Rua Anuar Murad Bufarah, 578 – Novo Cambuí – CEP: 13.023-630	Educação Infantil	Educação
17	Centro Espírita Allan Kardec – Creche Gustavo Marcondes	Rua Maria Franco Salgado, 881 - Jd. Atibaia - Souza - CEP 13.106-290	Educação Infantil	Educação
18	Centro Espírita Allan Kardec - Educandário Eurípedes	Av. Theodoreto de Almeida Camargo, 750 - Vila Nova - CEP 13.075 - 630	Educação Infantil	Educação
19	Centro Espírita Allan Kardec - Instituto Popular Humberto de Campos	Rua Irmã Serafina, 674 - Centro - CEP 13.015-201	Educação Infantil	Educação
20	Centro Promocional Nossa Senhora da Visitação	Av. Márcio Egídio de Souza Aranha 143, Jardim Ipaussurama, CEP 13.060-840	Educação Infantil	Educação
21	CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada	Rua Corumbataí, 254 - Jd. Itatinga - CEP 13.052-444	Educação Infantil	Educação
22	Creche Casa das Crianças Caminho Feliz	Rua Pedro Agapil de Aquino Neto, 783 – Cidade Satélite Íris I – CEP: 13.059-680	Educação Infantil	Educação
23	Creche Estrelinha do Oriente- Vida Nova	Av. João Prata Vieira, 31 – Pq. Vista Alegre – CEP: 13.054-370	Educação Infantil	Educação
24	Creche Ilce da Cunha Henry	Rua Helena Steimberg, 1411 – Nova Campinas – CEP: 13.092-481	Educação Infantil	Educação
25	Creche Santa Genebra/ Instituto Jacarandá de Educação Infantil	Rua Maestro Francisco Manoel da Silva, 84 Jd. Santa Genebra – CEP: 13.080-190	Educação Infantil	Educação
26	Fundação Gerações – UEI Adélia Zornig	Rua Dr. Sebastião Augusto de Castro, 34- Parque Valença II – CEP: 13.058-582	Educação Infantil	Educação
27	Fundação Irmã Ruth de Maria Camargo Sampaio- Farmacasa	Rua Antônio de Mendoça, snº - lote 14 – Bairro Pq. Maria Helena CEP 13.067-844	Educação Infantil	Educação
28	Grupo das Servidoras Léa Duchovni de Campinas- Cheche Tia Léa	Rua Antônio Lourenço – Jd. São Pedro – CEP 13046-490	Educação Infantil	Educação
29	Grupo Espírita Cairbar Schutel – Creche Mãe Cristina	Av. Eng. Antonio Francisco de Paula Souza, 790 – Jardim das Oliveiras – CEP: 13.043-540	Educação Infantil	Educação
30	Instituição Assistencial Dias da Cruz	Rua João Rodrigues Serra, 451 – Jd. Eulina – CEP 13.063-240	Educação Infantil	Educação
31	Instituto Dom Nery	Av. Paulo de Almeida Nogueira, 240 – Taquaral – CEP: 13.024-500	Educação Infantil	Educação

32	Lar Escola Jesus de Nazaré	Rua Vital Brasil, 636 – Jardim Bela Vista – CEP: 13.077-005	Educação Infantil	Educação
33	Lar Ternura	Rua Anthero Chrystino, 627 – Jardim Santa Cândida – CEP: 13.087-556	Educação Infantil	Educação
34	Obra Social São João Bosco – Nave mãe- Profº Darcy Ribeiro	Rua Cesário José Gebara s/nº Bairro Vida Nova II- CEP:13.057-545	Educação Infantil	Educação
35	Obra Social São João Bosco – Núcleo I	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Educação Infantil	Educação
36	Serviço Social Nova Jerusalém – Jd. Novo Flamboyant	Rua Presidente Alves, 1252 – Jardim das Paineiras – CEP: 13.091-107	Educação Infantil	Educação
37	Sociedade das Filhas de N. Sra. Do Sagrado Coração –	Rua Daniel Godoy Pereira, 52 – Vida Nova – CEP: 13.057-541	Educação Infantil	Educação
38	Sociedade Feminina de Assistência a Infância – Unidade Centro	Rua Conego Cipião, 802 – Centro – CEP 13.010-010	Educação Infantil	Educação
39	Sociedade Feminina de Assistência a Infância – unidade Jd. Itatinga	Rua Eldorado, 156 – Jd. Itatinga – CEP 13.052-456	Educação Infantil	Educação
40	Sociedade Agostiniana de Educação e Assistência	Rua Joseph Cooper Reinhardt, 350- Vl. Marieta- CEP: 13.042-200	Educação Infantil	Educação
41	SPES – Serviço Social da Paróquia São Paulo Apóstolo	Rua Dr. Luis Aristeu Nucci, 9 – Jardim São Marcos – CEP: 13.082-220	Educação Infantil	Educação
42	União Cristã Feminina	Rua Olívio Manuel Camargo, 291 – Jd. Santa Monica – CEP 13082-125	Educação Infantil	Educação
43	ABAMAC- Associação Beneficente e Assistencial Madre Cândida	Rua Tenente Sebastião Gaia , 41 – Parque Brasília CEP 13.024-500	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
44	AMIC – Associação dos Amigos da Criança	Rua Rosa Agritelli Cipriano, 01 – Jardim Monte Cristo – CEP: 13.051-000	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
45	AMIC – Associação dos Amigos da Criança	Rua 17, Campo Belo I - CEP	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
46	AMIC – Associação dos Amigos da Criança-Educandário Fransisco C. Xavier	Rua Tenente Lourival Berinotti, 615 – Village Campinas – CEP: 13.085-970	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
47	APER- Associação Assistencial Promocional e Educacional Ressurreição	Rua Frei Gaspar da Madre de Deus, 10- Jd. Carlos Lourenço-CEP:13.101-191	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
48	Associação Beneficente Campineira	Rua Dr. Luis Aristeu Nucci 155, Jdim São Marcos, CEP 13082-220	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação

49	Associação Beneficente da Boa Amizade – ABBA	Rua Coronel Serafim Miguéis, 115 – Jardim Eulina – CEP: 13.063-130	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
50	Associação Beneficente Direito de Ser	Rua Ozualdo Rodrigues, 120 - Jd. Campineiro - Cep 13.082-375	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
51	Associação Beneficente e Cultural São Jerônimo	Rua Professor Antônio Nogueira Braga, 196 – Jardim Santa Cândida – CEP: 13.087-601	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
52	Associação Beneficente Padre Israel Martinez Sossa – ARCA	Rua São Matias 680, Vl. Pe. Anchieta, CEP 13.068-545	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
53	Associação Beneficente Salém	Rua Conselheiro Antônio Carlos, 1140 - Jd. Campos Elíseos - CEP 13.060-024	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
54	Associação Beneficente Semeando Esperança	Rua Custódio Teixeira, 1175- Vila Georgina- CEP 13.044-360	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
55	Associação Beneficente SEMEAR	Rua dos Cambarás 600, Pque Vianorte, CEP 13.064-740	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
56	Associação Brasileira de Educação e Cultura – ABEC –	Rua Profa. Maria Cecília Tozzi, s/no. - Vila Rica – CEP: 13.050-530	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
57	Associação Civil Carmelitas da Caridade – Centro Assistencial Vedruna	Rua José Segallio Filho, 126 – Jd. Santa Monica – Cep 13.082-250	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
58	Associação das Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria Santos	Rua Neuraci da Silva Rodrigues, nº 194- Recanto da Fortuna- CEP 13.085-574	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
59	Associação de Assistência Social São João Vianney – Unidade III –	Rua Francisco Bianchini, 1199 – Vila Georgina – CEP: 13.043-730	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
60	Associação do Pão dos Pobres de Santo Antonio	Rua Regente Feijó, 487 – Centro – CEP: 13.013-051	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
61	Associação Douglas Andreani	Rua José Paulino, 1.395 – Centro – CEP 13.013-001	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
62	Associação Evangélica Assistencial – AEA – Unidade I	Rua Francisco Antônio da Silva, 478 – Vila Formosa – CEP: 13.045-025	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
63	Associação Evangélica Assistencial – AEA – Unidade II	Rua Manoel Izidoro Reis, 1135 – Jardim Santa Rosa – CEP: 13.058-711	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
64	Associação Nazarena Assistencial Beneficente – ANA	Rua Ana Arruda de Camargo, 344 – Jardim Nilópolis – CEP: 13.088-820	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
65	Associação Presbiteriana de Ação Social – APAS I	Rua Paula Crepaldi Valério, 60 – Vila Bourbon – Sousas – CEP: 13105-562	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
66	Associação Presbiteriana de Ação Social – APAS II	Rua Serra do Umbuzeiro, 540 – Jardim Parapanema – CEP: 13.100-239	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação

67	Associação Projeto Quero - Quero	Rod. Heitor Penteado KM 3,5 , CEP 13.092-543	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
68	Casa da Criança – Luz do Amanhecer	Rua Maria Marta de Camilo Andrade, 88 – campina Grande – CEP 13.058-121	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
69	Casa da Criança – Luz do Amanhecer	Rua Maria Marta de Camilo Andrade, 88 – campina Grande – CEP 13.058-121	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
70	Casa da Criança – MEIMEI	Av. francisco José de Camargo Andrade, 959, Jd. Chapadão, CEP 13070-051	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
71	Casa da Sopa - Associação Beneficente do Núcleo residencial Jd. Paraíso	Rua Iraí, 91 - Jd. Paraíso de Viracopos CEP 13.054-207	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
72	Casa Maria de Nazaré - Casa Hosana	Rua Benedito etelvino Alexandre, 353 - Cidade Satélite Iris I - CEP 13.059-687	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
73	Casa Maria de Nazaré- Casa dos Anjos	Rua Dois, 546 - Jd. Lilisa- CEP: 13.058-272	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
74	Centro Comunitário do Jardim Santa Lúcia	Av. Carlos Lacerda, 503, Jdim Sta Lúcia, CEP: 13060-498	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
75	Centro Comunitário Irmão André – CECOIA I	Rua XV de Novembro, 75 – Sousas – CEP: 13.105-006	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
76	Centro Comunitário Irmão André – CECOIA II	Rua Miguel Abrahão Keiralla, 61 – Sousas - CEP:	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
77	Centro Espírita Allan Kardec - Instituto Popular Humberto de Campos	Rua Irmã Serafina, 674 - Centro - CEP 13.015-201	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
78	Centro Promocional Tia Ileide- Vila Mendonça	R. Vladimir Pinto , 37 – Chácara Boa Vista – CEP 13.068-560	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
79	Centro Social Bertoni	Rua Maestro Jaime Lopes Diniz, 66 - Jd. Nova Europa - CEP 13.040-320	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
80	Centro Social Lírio dos Vales	Rua Agnaldo Macedo 204 /212 - Vila Ipê - CEP 13044-000	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
81	Centro Social Presidente Kennedy	Av. Rio de Janeiro, 327- São Bernardo- CEP 13.031-340	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
82	Centro Social Romília Maria	Rua Agnaldo Macedo, 123/ 135 – Vila Ipê – CEP: 13.044-000	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
83	Centro Sócio Educativo Semente e Esperança	Rua Ubirama, 372 - Jd. Baroneza - CEP 13.100-311	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
84	CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada	Rua Corumbataí, 254 - Jd. Itatinga - CEP 13.052-444	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
85	COF - Centro de Orientação familiar	Rua José Paulino, 1244 - 4º Andar sala 41 - Centro - CEP 13.013-001	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação

86	Compassion do Brasil	Rua Barão de Jaguará 1481- 6º andar – Centro CEP 13.015-910	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
87	Congregação das Filhas N.Srª Misericórdia- Creche e ambulatorio	Rua Santa Maria Rossello, 71- Mansões Santo Antônio- CEP 13.087-503	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
88	Creche Cantinho de Luz	Rua Trinta e Um de Maio,49- Jd. Santa Eudóxia- CEP 13.096-322	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
89	Creche Estrelinha do Oriente- Profilurb	Av. João Prata Vieira, 31 – Pq. Vista Alegre – CEP: 13.054-370	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
90	Fundação Bezerra de Menezes (Unidade E.P.V. I -	Rua José Partinelli, 140, Vila Palmeiras II, CEP 13053-264	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
91	Fundação Irmã Ruth de Maria Camargo Sampaio- Firmacasa	Rua Antônio de Mendonça, nº - lote 14 – Bairro Pq. Maria Helena CEP 13.067-844	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
92	Grupo Comunitário Criança Feliz	Rua Francisco Mesquita, 106 – Vila Brandina – CEP: 13.092-511	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
93	Grupo Primavera	Rua Dr. Luis Aristeu Nucci 30, Jardim São Marcos, CEP 13.082-210	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
94	Instituição Paulista Adventista de Educação e Assistência Social –	Av. Engenheiro Augusto Figueiredo, 2341- Parque dos Cisnes – CEP: 13.046-140	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
95	Instituto Dom Nery	Av. Paulo de Almeida Nogueira, 240 – Taquaral – CEP: 13.076-310	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
96	Instituto Futuro Cidadão	Rua Júlio da Silveira Sudário, 155 – Parque da Hípica- CEP 13.092-654	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
97	Instituto SOS Pequeninos	Rua Dr. Silvio de Moraes Sales, 101, Cambuí – CEP 13.025-160	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
98	Lar Campinense de Bem Estar à Criança e ao Adolescente	Rua Martin Luther King Júnior, 400 – Jardim Eulina – CEP: 13.063-580	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
99	Lar Campinense de Bem Estar à Criança e ao Adolescente	Rua Martin Luther King Júnior, 400 – Jardim Eulina – CEP: 13.063-580	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
100	Lar Escola Nossa Senhora Calvário- Núcleo Comunitário Calvariano	Rua Nossa Senhora do Calvário,157- Jd. São Pedro de Viracopos-CEP:13.056-169	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
101	Lar Pequeno Paraíso	Rua Serra do Umbuzeiro, 14 – Jardim Paranapanema – CEP: 13.100-239	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação

102	Lar Pequeno Paraíso	Rua Serra do Umbuzeiro, 14 – Jardim Parapanema – CEP: 13.100-239	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
103	Legião da Boa Vontade – Centro Comunitário e Educacional da LBV	Rua Antonio Menitto, 300 – Jardim Campos Elíseos – CEP: 13.060-012	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
104	Movimento Assistencial Espírita Maria Rosa	Rua Vicente Palombo, 34 - Jd. Campineiro - CEP 13082-380	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
105	NAS – Núcleo de Ação Social	Rua Antonio Marcos Pensamento da Silva, 371 – Real Parque – Barão Geraldo – CEP: 13.082-790	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
106	Núcleo Assistencial Educacional Criança e Adolescente – NAECA	Rua Agenor Augusto do Nascimento, 211 – Vila Santana – CEP: 13.105-786	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
107	Obra Social São João Bosco – Núcleo I	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
108	Obra Social São João Bosco – Núcleo II	Rua Emílio Pieri, s/ nº Vida Nova- CEP:13.057-541	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
109	Os Seareiros	Rua Francisco Mesquita, 335 – Vila Brandina – CEP: 13.094-011	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
110	PROGEN - Projeto Gente Nova	Rua Caio Gracco Prado, 182- Cidade Satélite Iris I -CEP 13.059-685	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
111	PROGEN - Projeto Gente Nova	Rua Castel Nuovo, 699, Vl. Castelo Branco, CEP 13.061-060	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
112	RUMO educação para a Cidadania	Rua Antonio Iório,135 - Sousas- CEP: 13.105-226	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
113	Seara Espírita Joanna de Ângelis – Núcleo Assistencial Espírita	Rua Onze, 514 – Jardim Campo Belo II – CEP: 13.053-157	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
114	Serviço Social Nova Jerusalém – Vila Olímpia	Rua Presidente Alves, 1252 – Jardim das Paineiras – CEP: 13.091-107	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
115	Sociedade de Educação Integral e de Assistência Social – SEIA	Av. Barão de Itapura, 1735 – CEP: 13.020-433	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
116	Sociedade Feminina de Assistência a Infância – Unidade Centro	Rua Conego Cipião, 802 – Centro – CEP 13.010-010	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
117	Sociedade Feminina de Assistência a Infância –Unidade Jd. Itatinga	Rua Eldorado, 156 – Jd. Itatinga – CEP 13.052-456	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
118	Sociedade Pró Menor Barão Geraldo	Av. Angelino Gregório,110 - Jd. América - Barão Geraldo - CEP 13.085-080	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
119	SORRI Campinas	Rua Rouxinol, 195- Vila Teixeira- CEP- 13.034-820	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação

120	União Cristã Feminina	Rua Olívio Manuel Camargo,291 – Jd. Santa Monica – CEP 13082-125	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
121	SCTAI- CRAS Espaço Esperança	Rua Rui Ildefonso Martins Lisboa 721, Jdim Sta Monica, CEP 13082-450	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
122	SCTAI - Núcleo do Jardim Esmeraldina	Rua Ana Telles Moreira s/nº, Jdim Esmeraldina, CEP	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
123	SCTAI – Núcleo da Vila Formosa	Rua Adhemar Pereira de Barros 249, Vl. Formosa, CEP	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
124	SCTAI – Núcleo da Vila Costa e Silva	Av. Presidente Costa e Silva 186,Vl. Costa e Silva- CEP 13081-500	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
125	SCTAI – Núcleo da Vila Nogueira	Rua Emília Lang Junior 411, Vl. Nogueira, CEP 13089-110	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
126	SCTAI – Núcleo da Vila 31 de março	Rua Ernesto Luis de Oliveira 45, Vl. 31 de março, CEP 13091-510	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
127	SCTAI – Núcleo do Jardim Nilópolis	Rua Joaquim Gomes Ferreira 12, Jdim Nilopolis, CEP 13088-840	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
128	SCTAI – Núcleo do Jardim Profilurb	Rua Nelson Barbosa da Silva 289, Profilurb, CEP 13056-328	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
129	SCTAI – Núcleo da Vila União	Rua Tião Carreiro 20, Vl. União III, CEP 13060-708	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
130	SCTAI– Núcleo do Parque Floresta	Rua Alípio Pereira 79, Pque Floresta, CEP 13058-122	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
131	SCTAI – Núcleo do Jardim Maria Rosa	Rua Carlos de Laet, 141- Jd. Maria Rosa CEP 13054-070	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
132	Fundação FEAC -Federação das Entidades Assistenciais de Campinas	Rua Odila Santos de Souza Camargo,34 - Jd. Brandina - CEP 13024-500	Sócio Educativo de 6 a 14 anos	Educação
133	Centro de Educação e Assessoria Popular – CEDAP	Rua Luzitana, 1769- Centro- CEP:13.015-122	Protagonismo Juvenil	Educação
134	Sociedade Educativa de Trabalho e Assistência – SETA	Av. Esther Moretzshon de Camargo, 318 – Jardim Santana – CEP: 13.088-107	Protagonismo Juvenil	Educação
135	SOS Adolescente	Rua Boaventura do Amaral, 502 - Centro - CEP 13015.191	Protagonismo Juvenil	Educação
136	Taba Espaço de Vivência e Convivência do Adolescente	Rua José Paulino, 1389 – Centro – CEP: 13.013-001	Protagonismo Juvenil	Educação
137	Associação Beneficente Campineira	Rua Dr. Luis Aristeu Nucci 155, Jdim São Marcos, CEP 13082-220	Protagonismo Juvenil	Educação
138	Associação Beneficente da Boa Amizade – ABBA	Rua Coronel Serafim Miguéis, 115 – Jardim Eulina – CEP: 13.063-130	Protagonismo Juvenil	Educação

139	Associação Beneficente Direito de Ser	Rua Ozualdo Rodrigues, 120 - Jd. Campineiro - Cep 13.082-375	Protagonismo Juvenil	Educação
140	Associação Civil Carmelitas da Caridade – Centro Assistencial Vedruna	Rua José Segallio Filho, 126 – Jd. Santa Monica – Cep 13.082-250	Protagonismo Juvenil	Educação
141	Associação Projeto Quero - Quero	Rod. Heitor Penteado KM 3,5 , CEP 13.092-543	Protagonismo Juvenil	Educação
142	Casa Maria de Nazaré- Casa dos Anjos	Rua Dois, 546 - Jd. Lilisa- CEP: 13.058-272	Protagonismo Juvenil	Educação
143	Centro Comunitário do Jardim Santa Lúcia	Av. Carlos Lacerda, 503, Jdim Sta Lúcia, CEP: 13060-498	Protagonismo Juvenil	Educação
144	Centro de Educação e Assessoria Popular – CEDAP	Rua Luzitana, 1769- Centro- CEP:13.015-122	Protagonismo Juvenil	Educação
145	Centro Espírita Allan Kardec - Educandário Eurípedes - Creche Mãe Luiza	Av. Theodoretto de Almeida Camargo, 750 - Vila Nova - CEP 13.065 - 630	Protagonismo Juvenil	Educação
146	Centro Promocional Tia Ileide- Vila Mendonça	R. Vladimir Pinto , 37 – Chácara Boa Vista – CEP 13.068-560	Protagonismo Juvenil	Educação
147	Centro Social Romília Maria	Rua Agnaldo Macedo, 123/ 135 – Vila Ipê – CEP: 13.044-000	Protagonismo Juvenil	Educação
148	Centro Sócio Educativo Semente e Esperança	Rua Ubirama, 372 - Jd. Baroneza - CEP 13.100-311	Protagonismo Juvenil	Educação
149	CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada	Rua Corumbataí, 254 - Jd. Itatinga - CEP 13.052-444	Protagonismo Juvenil	Educação
150	COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas	Rua Proença, 466 - Bosque - CEP 13.026-120	Protagonismo Juvenil	Educação
151	COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas	Rua Abolição, 92- Ponte Preta - CEP 13041 - 445	Protagonismo Juvenil	Educação
152	Fundação Bezerra de Menezes (Unidade E.P.V. I	Rua José Partinelli, 140, Vila Palmeiras II, CEP 13053-264	Protagonismo Juvenil	Educação
153	Fundação Bezerra de Menezes (Unidade E.P.V. II -	Rua Nuno Alvares Pereira, 72 Vila Nogueira – CEP 13088.020	Protagonismo Juvenil	Educação
154	Fundação Bezerra de Menezes (Unidade E.P.V. III -	Av. Marcio Duarte Ribeiro, 500 – Jd. Do Lago II – CEP 13.051-058	Protagonismo Juvenil	Educação
155	Fundação Gerações	Rua Dr. Sebastião Augusto de Castro, 34- Parque Valença II – CEP: 13.058-582	Protagonismo Juvenil	Educação
156	Fundação Orsa	Rua Dr. Felix de Moraes Sales, 673 - Jd. Novo Campos Eliseos - CEP 13.060-400	Protagonismo Juvenil	Educação
157	Grupo Comunitário Criança Feliz	Rua Francisco Mesquita, 106 – Vila Brandina – CEP: 13.092-511	Protagonismo Juvenil	Educação

158	Grupo Primavera	Rua Dr. Luis Aristeu Nucci 30, Jardim São Marcos, CEP 13.082-210	Protagonismo Juvenil	Educação
159	Instituição Paulista Adventista de Educação e Assistência Social -	Av. Engenheiro Augusto Figueiredo, 2341- Parque dos Cisnes – CEP: 13.045-905	Protagonismo Juvenil	Educação
160	Lar Escola Nossa Senhora Calvário- Núcleo Comunitário Calvariano	Rua Nossa Senhora do Calvário,157- Jd. São Pedro de Viracopos-CEP:13.056-169	Protagonismo Juvenil	Educação
161	Obra Social São João Bosco – Núcleo I	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Protagonismo Juvenil	Educação
162	Obra Social São João Bosco – Núcleo I	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Protagonismo Juvenil	Educação
163	Obra Social São João Bosco – Núcleo II- Vida Nova	Rua Emílio Pieri, s/ nº Vida Nova- CEP:13.057-541	Protagonismo Juvenil	Educação
164	PROGEN - Projeto Gente Nova	Rua Caio Gracco Prado, 182- Cidade Satélite Iris I -CEP 13.059-685	Protagonismo Juvenil	Educação
165	PROGEN - Projeto Gente Nova	Rua Castel Nuovo, 699, Vl. Castelo Branco, CEP 13.061-060	Protagonismo Juvenil	Educação
166	Seara Espírita Joanna de Ângelis – Núcleo Assistencial Espírita	Rua Onze, 514 – Jardim Campo Belo II – CEP: 13.053-157	Protagonismo Juvenil	Educação
167	Serviço Social Nova Jerusalém	Rua Presidente Alves, 1252 – Jardim das Paineiras – CEP: 13.091-107	Protagonismo Juvenil	Educação
168	Sociedade Educativa de Trabalho e Assistência – SETA	Av. Esther Moretzshon de Camargo, 318 – Jardim Santana – CEP: 13.088-107	Protagonismo Juvenil	Educação
169	Sociedade Feminina de Assistência a Infância – unidade Centro	Rua Conego Cipião, 802 – Centro – CEP 13.010-010	Protagonismo Juvenil	Educação
170	SOS Adolescente	Rua Boaventura do Amaral, 502 - Centro - CEP 13015.191	Protagonismo Juvenil	Educação
171	União Cristã Feminina	Rua Olívio Manuel Camargo,291 – Jd. Santa Monica – CEP 13082-125	Protagonismo Juvenil	Educação
172	ADACAMP - Associação para Desenvolvimento dos Autistas em Campinas	Rua Pe.Francisco de Abreu Sampaio, 349- Pq. Itália CEP 13.036.140	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
173	Associação de Equoterapia de Campinas	Rua Rodrigues Alves, 669 - Botafogo - CEP 13.020-400	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
174	Associação de Pais e Amigos de Surdos de Campinas – APASCAMP	Rua Rouxinol, 175 – Vila Teixeira – CEP: 13.034-820	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação

175	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE	Rua Francisco Bueno de Lacerda, 120 – Parque Itália – CEP: 13.036-265	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
176	Associação Pestalozzi de Campinas	Rua Alayde Nascimento Lemos, 570 – Vila Lemos – CEP: 13.100-453	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
177	ATEAC-Instituto para Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais	Rua Conselheiro de Paula Souza, 92 - Cidade Universitária – CEP: 13.083-080	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
178	Casa da Criança Parálitica de Campinas	Rua Pedro Domingos Vitalle, 160 - Pq. Itália - CEP 13.036-180	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
179	Centro Cultural Louis Braille de Campinas	Av. Antonio Carlos Salles Jr., 600 – Jardim Proença – CEP: 13.100-410	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
180	Centro de Apoio e Integração do Surdocego e Múltiplo Deficiente-CAIS	Rua Lino Guedes, 225 - Jd. Paulistano - CEP 13026-370	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
181	Centro de Educação Especial Síndrome de Down- CEESD	Rua Ezequiel Magalhães, 99 – Vila Brandina – CEP: 13.092-522	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
182	Centro Educacional Integrado “Padre Santi Capriotti” - CEI	Rua Doutor Quirino, 1856 – Centro – CEP: 13.015-082	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
183	Fundação Síndrome de Down	Rua José Antonio Marinho, 430 – Barão Geraldo – CEP: 13.084-510	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
184	Grupo Espírita Irmão Vicente	Av. Engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza, 1475 – Vila Joaquim Inácio – CEP: 13.043-540	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
185	Instituto de Educação Especial Recriar	Av. Pascoal Celestino Soares, 292 – Jardim Bonfim – CEP: 13.032-540	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
186	Instituto de Pedagogia Terapêutica Prof. Norberto de Souza Pinto	Rua Dr. Miguel Penteado, 787 – Jd. Chapadão – CEP: 13.073-180	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
187	Instituto Educacional Evangélico Para Deficientes Auditivos	Rua Coronel Job Figueiredo, 22 - Jd. Nova Europa - CEP 13.040-066	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
188	Instituto Educacional Professora Maria do Carmo Arruda Toledo	Rua Alayde Nascimento de Lemos, 532 – Vila Lemos – CEP: 13.100-453	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
189	PRO VISÃO Sociedade Campineira de Atendimento	Av. Antonio Carlos Salles Júnior, 580 – Jardim Proença – CEP: 13.100-410	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação

190	Centro de Educação e Assessoria Popular – CEDAP	Rua Luzitana, 1769- Centro- CEP:13.015-122	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
191	CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada	Rua Corumbataí, 254 - Jd. Itatinga - CEP 13.052-444	Atendimento às Pessoas com Deficiência	Educação
192	Aprendizado Doméstico Sant'anna	Rua Barão de Jaguará, 297 – Centro – CEP: 13.026-099	Aprendizagem Profissional	Educação
193	Associação de Assistência Social São João Vianney – Unidade I	Rua Abolição, 2760 – Vila Joaquim Inácio – CEP: 13.045-750	Aprendizagem Profissional	Educação
194	Associação de Educação do Homem de Amanhã – Guardinha	Avenida das Amoreiras 165- Parque Itália- CEP: 13036-225	Aprendizagem Profissional	Educação
195	Associação Projeto Quero - Quero	Rod. Heitor Penteado KM 3,5 , CEP 13.092-543	Aprendizagem Profissional	Educação
196	Casa dos Menores de Campinas	Estrada Velha de Indaiatuba, km. 16,5 – Jardim São Domingos – CEP: 13.054-230	Aprendizagem Profissional	Educação
197	Centro Comunitário Irmão André – CECOIA II	Rua Miguel Abrahão Keiralla, 61 – Sosas - CEP:	Aprendizagem Profissional	Educação
198	Centro de Integração Empresa-Escola- CIEE	Rua Eng. Carlos Stevenson,587- Nova Campinas- CEP:13.092-310	Aprendizagem Profissional	Educação
199	Centro Espírita Allan Kardec - Educandário Eurípedes - Panificação Bambini	Av. Theodoro de Almeida Camargo, 750 - Vila Nova - CEP 13.065 - 630	Aprendizagem Profissional	Educação
200	Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro de Campinas	Av. das Amoreiras, 906 – Parque Itália – CEP: 13.036-225	Aprendizagem Profissional	Educação
201	COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas	Rua Abolição,92- Ponte Preta - CEP 13041 - 445	Aprendizagem Profissional	Educação
202	Escola Salesiana São José	Av. Almeida Garret, 267 – Jardim N. Sra. Auxiliadora – CEP: 13.087-290	Aprendizagem Profissional	Educação
203	Fundação Bradesco	Rodovia Anhaguera, Km. 89,5 – Vila Industrial – CEP: 13.050-250	Aprendizagem Profissional	Educação
204	Fundação Gerações	Rua Dr. Sebastião Augusto de Castro, 34- Parque Valença II – CEP: 13.058-582	Aprendizagem Profissional	Educação
205	Grupo Primavera	Rua Dr. Luis Aristeu Nucci 30, Jardim São Marcos, CEP 13.082-210	Aprendizagem Profissional	Educação
206	Sobrapar Sociedade Brasileira de Pesquisa Reabilitação Craniofacial	Av. Adolfo Lutz, 100 – Cidade Universitária Zeferino Vaz – Barão Geraldo – CEP: 13.084-880	Situação de Fragilidades Circunstanciais/Apoio a Saúde	Saúde

207	Sociedade de Assistência à Fibrose Cística – FIBROCIS	Rua Dom Pedro I, 470 - Vila Nova – CEP: 13.075-060	Situação de Fragilidades Circunstanciais/Apoio a Saúde	Saúde
208	Centro Infantil de Investigação Hematológica DR. Domingos A. Boldrini	Rua Dr. Gabriel Porto, 1270 - Cidade Universitária II - Barão Geraldo CEP 13.083-210	Situação de Fragilidades Circunstanciais/Apoio a Saúde	Saúde
209	APOT - Associação Promocional Oração e Trabalho - Instituição Pe. Haroldo	Av. Anchieta, 352 - Centro - CEP 13.015-101	Comunidade Terapêutica de Adolescentes	Saúde
210	Instituto Souza Novaes Recuperação Químio-dependentes	R. do Expedicionário, 1137- Sousas – S.Paulo- CEP 13.106-008	Comunidade Terapêutica de Adolescentes	Saúde
211	Centro de Referência em Reabilitação – CRR	Rua Atilio Miato 210, Vila Santana II- Susas-	Fisioterapia	Saúde
212	APOT - Associação Promocional Oração e Trabalho - Instituição Pe. Haroldo	Rua Dr. João Quirino do Nascimento, 1601- Jd. Boa Esperança - CP 197 - CEP 13.091-516	Prestação serviços à Comunidade	Assistência e Promoção Social
213	COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas	Rua Proença,466 - Bosque - CEP 13.026-120	Prestação serviços à Comunidade	Assistência e Promoção Social
214	Obra Social São João Bosco – Núcleo I	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Prestação serviços à Comunidade	Assistência e Promoção Social
215	Associação Beneficente Direito de Ser	Rua Ozualdo Rodrigues, 120 - Jd. Campineiro - Cep 13.082-375	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
216	Associação Franciscana de Assistência Social Coração de Maria	Rua José Casonato, 160 – Cidade Satélite Iris I – CEP: 13.059-596	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
217	Centro Comunitário do Jardim Santa Lúcia	Av. Carlos Lacerda, 503, Jdim Sta Lúcia, CEP: 13060-498	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
218	CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada	Rua Corumbataí, 254 - Jd. Itatinga - CEP 13.052-444	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
219	Conselho Comunitário de Campinas	Av. Nestor Castanheira,50 - Vila Industrial - CEP 13036.100	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social

220	CRAMI - Centro Regional de Atenção aos Maus tratos na Infância	Rua Suzeley Norma Bove, 274 - Vila Brandina - CEP 13092-542	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
221	Obra Social São João Bosco – Núcleo II	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
222	PROGEN - Projeto Gente Nova	Rua Castel Nuovo, 699, Vl. Castelo Branco, CEP 13.061-060	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
223	Sociedade Feminina de Assistência a Infância – Unidade Jd. Itatinga	Rua Eldorado, 156 – Jd. Itatinga – CEP 13.052-456	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
224	SCTAI -Serviço Alternativo de Proteção Especial a Criança e ao Adolescente	Rua Latino Coelho, 540-Alto do Taquaral – CEP 13.087-010	Enfrentamento à Violência doméstica contra crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
225	APOT - Associação Promocional Oração e Trabalho - Instituição Pe. Haroldo	Rua Dr. João Quirino do Nascimento, 1601- Jd. Boa Esperança - CP 197 - CEP 13.091-516	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
226	APOT - Associação Promocional Oração e Trabalho - Instituição Pe. Haroldo	Rua Marechal Deodoro,766- Centro	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
227	Associação Beneficente dos 13 Pais – Lar da Criança Feliz	Av. Profa. Ana Maria Sisvestre Adade, 77 – Parque das Universidades – CEP: 13.086-130	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
228	Associação de Educação do Homem de Amanhã – Convívio Aparecida Unidade I	Rua Estelinha Epstein, 525 – Jardim Novo Campos Elíseos – CEP: 13.060-430	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
229	Associação de Educação do Homem de Amanhã – Convívio Aparecida Unidade II	Rua Salim Feres, 251 e 363 – Jardim Santa Marcelina – CEP: 13.036-225	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
230	Associação de Pais e Amigos da Criança com Câncer e Hemotapias- APACC	Rua Nádia Helena Batistone da Silva, 355 – Bosque das Palmeiras – CEP: 13.086-740	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
231	Casa dos Menores de Campinas	Rua Gabriel Penteado,630- Vila João Jorge-CEP:13.041-305	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
232	Casa dos Menores de Campinas	Rua Adão Focesi, 955- Jd. Do Lago- CEP: 13.050-000	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social

233	Casa dos Menores de Campinas- Chácara Esperança- Abrigo Feminino	Estrada Velha de Indaiatuba, km. 16,5 – Jardim São Domingos – CEP: 13.054-230	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
234	Casa dos Menores de Campinas- Cidade dos Meninos - Abrigo Masculino	Estrada Velha de Indaiatuba, km. 16,5 – Jardim São Domingos – CEP: 13.054-230	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
235	Casa Maria de Nazaré- Casa Betel	Rua Pedro Alvares Cabral, 327 - Bosque - CEP13.026 - 070	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
236	Centro de Controle de Investigação Imunológica Dr. Antônio Carlos Corsini	Av. Milton Christini 1848, Alto Taquaral- CEP 13.087-785	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
237	tituto Souza Novaes Recuperação Químio-dependentes	R. do Expedicionário, 1137- Sosas – S.Paulo- CEP 13.106-008	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
238	Instituto Souza Novaes Recuperação Químio-dependentes	R. do Expedicionário, 1137- Sosas – S.Paulo- CEP 13.106-008	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
239	Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira- "REPÚBLICA ASSISTIDA"	Rua Bernardo José Sampaio, 322- Botafogo- CEP: 13.020-450	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
240	Secretaria de Cidadania Trabalho, Assistência e Inclusão Social (SCTAI) - Sede	Rua Gil Vicente, 533 - Parque Taquaral - CEP 13.087-030	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
241	Fundação Casa – SP- Amazonas	Rua Francisco Bianchini, s/no. - Jardim Amazonas – CEP: 13.043-720	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
242	Fundação Casa – SP – Internato Jequitibá	Rua José Perina, 30 – Jardim São Vicente - CEP: 13.045-185	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
243	COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas	Rua Abolição,92- Ponte Preta - CEP 13041 - 445	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
244	Obra Social São João Bosco – Núcleo I	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Abrigo Especializado e Transitório	Assistência e Promoção Social
245	Sociedade das Filhas de N. Sra. Do Sagrado Coração –	Rua Antonio Vicente Levantezi, 290 – Parque Montreal – CEP: 13.052-344	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
246	União Cristã Feminina	Rua Olívio Manuel Camargo,291 – Jd. Santa Monica – CEP 13082-125	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
247	PROGEN - Projeto Gente Nova	Rua Castel Nuovo, 699, Vl. Castelo Branco, CEP 13.061-060	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
248	Fundação Gerações	Rua Dr. Sebastião Augusto de Castro, 34- Parque Valença II – CEP: 13.058-582	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
249	Grupo das Servidoras Léa Duchovni de Campinas- Cheche Tia Léa	Rua Antônio Lourenço – Jd. São Pedro – CEP 13046-490	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social

250	Lar Escola Nossa Senhora Calvário- Núcleo Comunitário Calvariano	Rua Nossa Senhora do Calvário,157- Jd. São Pedro de Viracopos-CEP:13.056-169	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
251	Centro Promocional Tia Ileide- Fórum da Família	Rua Apóstolo João 71 Núcleo Resid. 7 de Setembro CEP: 13.110-660	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
252	Centro Social Romília Maria	Rua Agnaldo Macedo, 123/ 135 – Vila Ipê – CEP: 13.044-000	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
253	Associação Franciscana de Assistência Social Coração de Maria	Rua Francisco de Campos Abreu, 312 – Vila Georgina – CEP: 13.043-700	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
254	Cáritas Arquidiocesana de Campinas	Rua Irmã Serafina, 88 - Bosque - CEP 13.026-066	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
255	Casa da Sopa - Associação Beneficente do Núcleo residencial Jd. Paraíso	Rua Iraí, 91 - Jd. Paraíso de Viracopos CEP 13.054-207	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
256	Casa dos Menores de Campinas	Estrada Velha de Indaiatuba, km. 16,5 – Jardim São Domingos – CEP: 13.001-970	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
257	Centro Espírita Allan Kardec - Casa de Apoio à Vida	Rua Irmã Serafina, 687 -centro - CEP 13015-021	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
258	Centro Espírita Allan Kardec - Educandário Eurípedes	Av. Theodoro de Almeida Camargo, 750 - Vila Nova - CEP 13.075 - 630	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
259	Casa Maria de Nazaré- Casa dos Anjos	Rua Dois, 546 - Jd. Lilisa- CEP: 13.058- 272	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
260	Centro Comunitário da Criança do Parque Itajaí I e região	Rua Padre Josimo Moraes Tavares, 164/190 – Parque Itajaí I – CEP: 13.058- 011	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
261	Aprendizado Doméstico Sant'anna	Rua Barão de Jaguará, 297 – Centro – CEP: 13.015-000	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
262	Associação Civil Carmelitas da Caridade – Centro Assistencial Vedruna	Rua José Segallio Filho, 126 – Jd. Santa Monica – Cep 13.082-250	Fragilidades circunstanciais e emergenciais	Assistência e Promoção Social
263	Casa Maria de Nazaré- Casa Divina Pastora	Rua Clodomiro Franco de Andrade Júnior, 208 - Jd. Do Tevo - CEP 13.035- 481	Atenção e Apoio à Adolescente Grávida	Assistência e Promoção Social
264	Centro Espírita Allan Kardec - Casa de Apoio à Vida	Rua Irmã Serafina, 687 -centro - CEP 13015-021	Atenção e Apoio à Adolescente Grávida	Assistência e Promoção Social

265	APOT - Associação Promocional Oração e Trabalho - Instituição Pe. Haroldo	Av. Anchieta, 352 - Centro - CEP 13.015-101	Enfrentamento à Situação de Rua de Crianças e Adolescentes	Assistência e Promoção Social
266	SCTAI - Convivência e Cidadania	Amador Florence, 44 Botafogo - CEP	Enfrentamento à Situação de Rua de Crianças e Adolescentes	Assistência e Promoção Social
267	Centro de Educação e Assessoria Popular – CEDAP	Rua Luzitana, 1769- Centro- CEP:13.015-122	Enfrentamento à Exploração Sexual e Comercial de Crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
268	Taba Espaço de Vivência e Convivência do Adolescente	Rua José Paulino, 1389 – Centro – CEP: 13.013-001	Enfrentamento à Exploração Sexual e Comercial de Crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
269	Obra Social São João Bosco – Núcleo II	Rua José Paulino, 479 – Centro – CEP: 13.013-000	Enfrentamento à Exploração Sexual e Comercial de Crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
270	CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada	Rua Corumbataí, 254 - Jd. Itatinga - CEP 13.052-444	Enfrentamento à Exploração Sexual e Comercial de Crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
271	CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada	Rua Cinco, 9 - Cidade Singer- CEP 13.053-104	Enfrentamento à Exploração Sexual e Comercial de Crianças e adolescentes	Assistência e Promoção Social
272	COF - Centro de Orientação familiar	Rua José Paulino, 1244 - 4º Andar sala 41 - Centro - CEP 13.013-001	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social
273	COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas	Rua Proença, 466 - Bosque - CEP 13.026-120	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social
274	Conselho Comunitário de Campinas	Av. Nestor Castanheira, 50 - Vila Industrial - CEP 13036.100	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social
275	Creche Cantinho de Luz	Rua Trinta e Um de Maio, 49- Jd. Santa Eudóxia- CEP 13.096-322	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social
276	PROGEN - Projeto Gente Nova	Rua Castel Nuovo, 699, Vl. Castelo Branco, CEP 13.061-060	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social
277	Seara Espírita Joanna de Ângelis	Rua Onze, 514 – Jardim Campo Belo II – CEP: 13.053-157	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social

278	Sociedade Educativa de Trabalho e Assistência – SETA	Av. Esther Moretzshon de Camargo, 318 – Jardim Santana – CEP: 13.088-107	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social
279	SOS Ação Mulher e Família	Rua Dr. Quirino, 1856 - Centro - CEP 13.015-082	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social
280	SCTAI - PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil	Rua Pastor Cícero Canuto de Lima, 401 - Pq Itália-CEP 13.036-210	Sócio Familiar	Assistência e Promoção Social

Quadro elaborado pela autora

Anexo 2 - Mapeamento do Associativismo em Valinhos - SP

ASSOCIATIVISMO EM VALINHOS SP				
	Entidade	Endereço	Subgrupo	Classificação - ICNPO (Salomon, Anheier, 1997)
1	Associação Cultural Beneficente Servir	R Ferdinand Borin, 331, Jardim Alto Da Boa Vista, Valinhos-SP - 13272-100	Cultura e Artes	Cultura e Recreação
2	Associação Cultural Afro-Brasileira de Valinhos	Rua Masao Murayama nº 266 - Parque Jambeiro, Campinas-SP - 13042-630	Cultura e Artes	Cultura e Recreação
3	Associação Cultural e Assistencial Nipo-Brasileira	Rua Waldemar Lazaretti s/nº - Macuco, Valinhos-SP - 13279-453	Cultura e Artes	Cultura e Recreação
4	Associação Comunitária de Comunicação e Cultura de Valinhos	Rua Pe. Manuel Guinaut nº 74, Centro - Valinhos-SP - 13270-000	Cultura e Artes	Cultura e Recreação
5	Associação Cultural Educativa Social e Assistencial Capuava (ACESA Capuava)	Rodovia Flávio de Carvalho s/nº, Fazenda Capuava, Capuava, Valinhos-SP - 13.273-000	Cultura e Artes	Cultura e Recreação
6	Associação Cultural Ítalo-Brasileira de Valinhos	Rua Samuel Fragoso Coimbra nº 68 - Vila Nova Valinhos, Valinhos-SP - 13271-280	Cultura e Artes	Cultura e Recreação
7	Associação Cultural e Educacional de Valinhos - ACEV	Rua João Previtalle nº 2727, São Marcos, Valinhos-SP - 13272-400	Cultura e Artes	Cultura e Recreação
8	Associação Atlético Ponte Preta Country Club	Rua Ariovaldo Antonio Bucatte, 345, Chácara São Bento, Valinhos-SP - 13278-041	Clubes Sociais Esportivos	Cultura e Recreação
9	Associação São Cristovão Esportes	R João Bissotto Filho, 668, Ortizes, Valinhos-SP - 13275-410	Clubes Sociais Esportivos	Cultura e Recreação
10	Associação Desportiva Classista Rigesa	Avenida Rigesa nº 171, Centro, Valinhos-SP - 13270-000	Clubes Sociais Esportivos	Cultura e Recreação
11	Instituto Esperança Unidade I	Rua Fioravante Menegaldo nº 210, El Aiub, Valinhos-SP - 13271-115	educação infantil	Educação
12	Instituto Esperança Unidade II	Rua Rio de Janeiro nº 24, Vila Santana, Valinhos-SP - 13274-140	educação infantil	Educação
13	Instituto Esperança Unidade III	Rua Hermínia Olivo Pavan nº 211, Ponte Alta, Valinhos-SP - 13276-600	educação infantil	Educação
14	Centro Infantil Tia Nair	Rua Antonio Nicolau nº 84, Bom Retiro II, Valinhos-SP - 13275-350	educação infantil	Educação
15	Círculo de Amigos do Patrulheiro de Valinhos	Rua Vicente Rossi nº 175, Santo Antonio, Valinhos-SP - 13270-460	Outras em Educação	Educação
16	Centro Municipal de Orientação ao Adolescente – CEMOA	Rua João Moletta, s/n - bairro Lenheiro - Fone: 3869-1113	Outras em Educação	Educação

17	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Valinhos (APAEV)	R: Fioravante Agnelo, 1669, Jardim Maria Ilídy, Valinhos/SP - 13272-066	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
18	Recriança	Rua João Moletta, s/n - bairro Lenheiro - Fone: 3869-1113	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
19	Centro Municipal de Orientação ao Adolescente – CEMOA	Rua João Moletta, s/n - bairro Lenheiro - Fone: 3869-1113	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
20	Grupo de Escoteiros de Valinhos	Avenida Joaquim Alves Correia s/nº, Valinhos-SP -	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
21	Associação Alternativa Cidadã	Jardim São Pedro, Valinhos-SP - 13270-000 - Estrada dos Jequitibás Km 14, Clube de Campo Valinhos, Valinhos-SP - 13274-610	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
22	Lions Clube	Rua Mato Grosso nº 612, Vila Santana, Valinhos-SP - 13274-120	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
23	Associação Civil Grupo Rosa e Amor	Rua José Von Zuben nº 170, Santo Antonio, Valinhos-SP - 13270-000	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
24	Comunidade Caminhar de Valinhos	Rua Goiás nº 30, Vila Santana, Valinhos-SP - 13274-150	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
25	Associação Clube de Mães de Valinhos	Rua Antonio Carlos nº 168, Centro, Valinhos-SP - 13276-000	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
26	Rotary Clube	Rua 12 de Outubro nº 635, Vila Santana, Valinhos-SP - 13274-060	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
27	Associação Amigos do Vale do Itamaracá	Alameda Itaoca nº 415, Valinhos-SP - 13278-450	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
28	Casa de Repouso Aconchego dos Avós	Rua Benedicto Campos nº 532, Jardim América II, Valinhos-SP - 13272-512	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
29	Associação Beneficente Recanto de São Jose	Rua José de Oliveira nº 756, Chácara Silvania, Valinhos-SP - 13271-653	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
30	Casa de Repouso Boa Vista	Rua Ferdinando Borin nº 150 e 164 - Alto da Boa Vista, Valinhos-SP - 13272-100	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
31	Associação da 3ª Idade de Valinhos	R. Antonio Carlos, 474 – Centro, Valinhos/SP - 13277-000	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
32	Associação dos Vitivinicultores de Valinhos	Rua Máximo Pítton nº 106	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
33	Cooperativa de Produção de Embutidos da Região de Valinhos (COOPerval)	Rua Vicente Rossi nº 155, Santo Antonio, Valinhos-SP - 13270-460	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
34	Cooperativa de Trabalho dos Profissionais em Coleta, Processamento e Comercialização de Materiais Recicláveis e Reutilizáveis (RECOOPERA)	Estrada dos Agricultores nº 201-A, Fundos, Capucava, Valinhos-SP	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
35	Cooperativa dos Produtores de Artigos de Ferramentaria (COOPERFER)	Rua Clark nº 1651, Macuco, Valinhos-SP - 13270-000	Promoção Social	Assistência e Promoção Social

36	Recanto dos Velhinhos de Valinhos	Rua João Bissoto Filho nº 2061, Ortizes, Valinhos-SP- 13275-410	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
37	Casa de Repouso para Idosos Bem Viver - Unidade I	Rua Rosa Giardelli Mamprim nº 59, Centro, Valinhos-SP - 13270-160	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
38	Casa de Repouso para Idosos Bem Viver - Unidade II	Rua Manoel Estabino do Nasci nº 92, Castelo, Valinhos-SP - 13271-290	Promoção Social	Assistência e Promoção Social
39	Casa da Criança e do Adolescente de Valinhos - Grupo Gente Novo Rumo (CCAVA)	Rua Campos Salles nº 2188, Jardim América II, Valinhos-SP - 13272-350	Emergência e Amparo	Assistência e Promoção Social
40	Casa dos Peregrinos	Rua Antonio Fachinelli Filho nº 28, Bom Retiro, Valinhos-SP - 13275-360	Emergência e Amparo	Assistência e Promoção Social
41	Lar São Joaquim	R. Benedito Campos s/nº, Chácara das Freiras, Jardim América II, Valinhos/SP - 13272-512	Emergência e Amparo	Assistência e Promoção Social
42	Grupo de Proteção Animal Pata Amiga	9199-9325 / 9112-4321	Meio Ambiente	Meio Ambiente
43	Associação de Criadores de Pássaros de Valinhos (ACRIPAVAL)	Rua Jose Ezequiel da Silva nº 20, Valinhos-SP - 13270-000	Meio Ambiente	Meio Ambiente
44	Instituto Nacional de Proteção e Preservação Ambiental – INPPA	Rua José Fávero nº 137, Jardim América II, Valinhos-SP - 13272-514	Meio Ambiente	Meio Ambiente
45	Clube dos Amigos da Orquídea de Vinhedo e Valinhos (CAO VIVA)	Rodovia Edenor João Tasca nº 1110, Valinhos-SP - 13270-000	Meio Ambiente	Meio Ambiente
46	Eco Vida Ambiental (EVA)	R. Fioravante Agnello, 1612 – Lenheiro - 13272-200 – Valinhos SP	Meio Ambiente	Meio Ambiente
47	Associação Protetora dos Animais de Valinhos (APAAVAL)	Rua Professora Alice Nonato nº 73, Vila Progresso, Valinhos-SP - 13277-060	Meio Ambiente	Meio Ambiente
48	Associação dos Amigos do Sítio de Recreio dos Cafezais (AASRC)	R. Eliza Wolf Degelo nº 32 - Sítio de Recreio dos Cafezais, Valinhos-SP - 13278-325	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
49	Associação dos Amigos do Vale do Itamaracá	Al Itaóca nº 415, Valinhos-SP - 13278-450	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
50	Associação dos Bairros Integrados do Município de Valinhos (ABINV)	Rua Santo Milanese nº 19, Jardim Jurema, Valinhos-SP - 13272-474	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
51	Conselhos Municipais	Rua 31 de Março s/nº, Praça Anny Carolyne Bracalente, Vila Boa Esperança, Valinhos-SP - 13274-372	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
52	Associação Civil Grupo Rosa e Amor	Rua Ana Leonisia do Amaral Camarco nº 179, Centro, Valinhos-SP - 13270-150	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
53	Associação Sobre Viver	Rua Casemiro de Abreu nº 269, Jardim Bela Vista, Valinhos-SP - 13276-045	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
54	Associação dos Moradores América II	Rua Antonio Betim nº 173, Jardim América II, Valinhos -13270-000	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia

55	Associação dos Amigos do Parque Lausanne e Colina dos Álamos	Rua João Marques da Costa nº 111, Parque Lausanne, Valinhos-SP - 13270-000	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
56	Comissão de Bairro dos Moradores do Jardim América	R. Antonio Betim, 173 - Jd. América II, Valinhos-SP - 13272-501	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
57	Associação Mutua dos Sem Casa de Valinhos	Rua Br Mauá nº 200, Centro, Valinhos-SP - 13286-080	moradia	Desenvolvimento e moradia
58	Associação Habitacional Pró-moradia de Valinhos	Rua Eugênio Franceschini nº 62, sala 01, Centro, Valinhos-SP - 13270-000	moradia	Desenvolvimento e moradia
59	Cooperativa Habitacional de Valinhos (Cooperval)	Avenida dos Esportes nº 855, Sala 07, Jardim Primavera, Valinhos/SP - 13270-210	moradia	Desenvolvimento e moradia
60	Associação dos Vereadores do Município de Valinhos (AVMV)	Rua José Milani nº 21, fundo, centro, Valinhos-SP - 13270-000	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
61	Associação de Moradores Bosque dos Eucaliptos (AMBE)	Rua Três, 88 – Bosque dos Eucaliptos, Valinhos-SP	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
62	Associação Civil de Moradores do Jardim São Bento	R. Itamirim, lt. 06 s/nº - Jd. São Bento do Recreio, Valinhos-SP	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
63	Associação da Seicho-No-Ie de Valinhos	Rua Dom Paulo de Tarso Campos nº 130, Vila São José, Valinhos-SP - 13270-240	Desenvolvimento Comunitário	Desenvolvimento e Moradia
64	Associação do Senhor Jesus	Rua João Previtalo nº 1510, , Valinhos-SP - 13270-000	religião	Religião
65	Associação Espírita Casa da Caridade “Irmã Vera Cruz”	Rua José Von Zubem nº 170, Santo Antonio, Valinhos-SP - 13270-510	religião	Religião
66	Instituto de Cultura Espírita e Ação Comunitária - ICEAC	Rua Pietro Stopiglia nº 578, Parque Santana, Valinhos-SP -13274-260	religião	Religião
67	Casa de Caridade Irmã Vera Cruz	R. José Von Zuben, 170 – Sto. Antonio, Valinhos/SP - 13270-510	religião	Religião
68	Centro de Orientação Humana e Cristã Santa Rita de Cássia (COHCRIC)	Rua José Carlos Ferrari nº 169 – Jardim Santa Maria, Valinhos-SP - 13272-810	religião	Religião
69	Associação Igreja Metodista 5ª Região Eclesias	Avenida Orozimbo Maia nº 270, Jardim Celani, Valinhos-SP - 13274-000	religião	Religião
70	Associação da OAB	Ordem dos Advogados do Brasil	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
71	Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados da Eaton de Valinhos	Rua Clark nº 2.061, Macuco, Valinhos-SP - 13279-400	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
72	Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados das Industrias Unilever do Brasil	Rua Antonio Carlos nº 196, sala 44, Centro, Valinhos-SP - 13270-005	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
73	Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Funcionários do Rápido Luxo Campinas	Estrada Estadual Valinhos-Campinas Km 02, Tapera, Valinhos-SP - 13270-000	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos

74	Associação dos Despachantes Policiais de Valinhos	Avenida Onze de Agosto nº 2.499, Vila Embaré, Valinhos-SP -13271-210	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
75	Associação dos Médicos de Valinhos	Av. Joaquim Alves Correia, 3829 – Residencial São Luiz, Valinhos-SP-	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
76	Associação dos Aposentados e Pensionistas de Valinhos	Rua Antonio Madia Filho nº 59, Centro, Valinhos-SP - 13276-010	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
77	Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Valinhos (AMIVAL)	Rua Antonio José Butignol, 245 – Sl. 04 - 13270-170 - Valinhos-SP	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
78	Associação Comercial e Industrial de Valinhos - ACIV	Rua 21 de Dezembro nº 90, Centro, Valinhos-SP - 13270-000	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
79	Associação das Entidades de Assistência e Serviços de Utilidade Comunitária (Asserutil)	Rua Marechal de Deodoro da Fonseca nº 88, Vila Negrello, Valinhos-SP - 13276-200	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
80	Associação Valinhense das Empresas de Serviços Contábeis - AVESC	Av. Esportes nº 450, sl.14 - Centro, Valinhos-SP - 13270-210	Associações Comerciais e de Negócios	Associações profissionais de classes e sindicatos
81	Associação de Empresas do Country Club	Rua Duílio Beltrami n° 8.247, Chácara São Bento, Valinhos-SP - 13270-000	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos
82	Associação de Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Valinhos (AEAAV)	Rua José de Alencar nº 229, Jardim Planalto, Valinhos-SP - 13.270-350	associações profissionais	Associações profissionais de classes e sindicatos

Quadro elaborado pela autora

Anexo 3 - Roteiro de Questionário Estruturado

1- Idade_____

2- Quanto tempo está no Projeto Cemoa Sem Limites?

() 6 meses a 1 ano () 1 ano a 2 anos () 3 anos a 4 anos

3- Qual a importância do Projeto Cemoa para sua vida? (0 a 10)_____

4- Como é a relação sua com os educadores do Projeto Cemoa?

() ótimo () bom () ruim

5- Sua vida escolar melhorou depois de entrar no Cemoa?

() muito () razoável () pouco

6- Se você não estivesse no Projeto Cemoa Sem Limites o que estaria fazendo no horário que não esta na escola?

() rua () dormindo () estudando () outra _____

7- Qual atividade que realiza no Cemoa que você mais gosta?

() artísticas () esportivas () musicais () cidadania

() outra _____

Se aceitar ser entrevistado pela pesquisadora anote seus dados abaixo:

Nome: _____ telefone:_____

Anexo 4 - História Oral de Vida 1

Entrevistadora: Paula Renata Bassan Moraes

Entrevistada: “Karina”

Data: 27 de outubro de 2011

Horário: 12h10min

Local: Biblioteca do Cemoa

Entrevistadora: Boa tarde Karina, conte-me um pouco da sua historia de vida. Conte-me situações vividas por você e que você tem guardado na memória sobre a sua família, infância, adolescência, escola, Cemoa e sobre Valinhos. Conte-me um pouco de sua vida.

Karina: Minha vida no começo não foi muito boa não. Eu não me lembro, mas minha mãe me conta que passamos muitas dificuldades, só meu pai que trabalhava de pintor e minha mãe não. Tinha que pagar aluguel e era tudo muito difícil, não ter dinheiro é muito triste, ter vontade de coisas e doces e não poder pedir para o pai comprar porque ele não tem dinheiro é uma dor no peito. Acho que quem é rico e nunca viveu momentos difíceis acaba não dando importância para as coisas, tem de tudo e na hora que quer, parece chato, a pessoa fica fria, sem amor. Quando eu como um doce eu falo nossa que delícia! Vou lutar para conseguir mais um. E eles só reclamam. Quando eu nasci de cinco meses junto com meu irmão gêmeos e ele faleceu, foi muito difícil para minha mãe. E eu agradeço por tudo na minha vida, não reclamo de nada porque estou viva e minha mãe sempre foi meu exemplo e tudo o que faço na minha vida é para deixar ela orgulhosa de mim. Eu luto por minha mãe, pelo meu pai e pela minha avó que são meus guerreiros. Hoje eu tenho 15 anos e agradeço a minha vida a eles.

Na minha adolescência eu estou estudando, na minha escola eu não tenho muitos amigos porque lá não tem amizades boas, mas eu sempre paro e penso se eu fizer isto será que

minha mãe vai gostar? Se eu sei que ela não vai gostar eu paro, penso e não faço porque sei que não vai dar certo. A minha adolescência esta sendo difícil porque todo mundo fala que lidar com adolescente não é fácil e isto é verdade, estou tendo alguns momentos rebeldes, sabe eu quero sair a noite, namorar, dormir tarde e ter um computador para ser igual a todos os adolescentes, mas a minha mãe sempre esta ali comigo me orientando e batalhando junto com meu pai. Hoje minha mãe trabalha, tem um emprego, graças a Deus ela esta trabalhando na cozinha de um hospital e o meu pai é motorista da prefeitura. Tudo o que eu tenho é porque eu luto para mostrar para eles que tudo que eles me ensinaram eu estou aprendendo.

Eu comecei no Cemoa com 11 anos se eu tivesse na rua, não tivesse fazendo o Cemoa eu teria me perdido porque eu moro em um bairro que não é bom, é perigoso sabe, e eu seria como alguns jovens, sabe que usa drogas, e não seria um bom exemplo para minha família, e ninguém teria orgulho de mim. O Cemoa me ajudou muito, muito mesmo, estou aqui até hoje, dos 11 aos 15 e fiz um monte de curso legal que abriu minha mente em relação ao trabalho, aos estudos e ao amor e respeito pela família e amigos. Hoje sei o que e quem pode me prejudicar e me ajudar lá fora. Fiz coisas que eu nem imaginava que eu sabia fazer e me senti muito feliz em descobrir que tenho qualidades e que posso melhorar a minha vida e ser um exemplo. A mudança na minha vida foi esta, porque se eu estivesse sem fazer nada e ficasse na rua com pessoas do bairro, eu teria uma cabeça ruim e pensaria em coisas ruins. O Cemoa para mim é tudo. Eu praticamente nasci em Valinhos, vim para cá com alguns meses, eu vim de São Paulo para conseguir uma vida melhor aqui, mas aqui também tem influencias de pessoas ruins, o perigo esta em toda parte e a gente tem que saber ficar longe deles. Eu pretendo continuar estudando e trabalhar na parte administrativa de uma empresa e para isto acontecer não é ficando na rua que vou conseguir é estudando e fazendo cursos. Se o Cemoa me abre esta porta para fazer cursos de graça e aprender coisas novas do mundo do trabalho porque eu iria perder? Minha mãe me diz que na época que ela era adolescente ela não teve

esta oportunidade para crescer, ela teve que parar de estudar e trabalhar muito para ganhar pouco, e eu penso, eu posso fazer o contrário nos dias de hoje, eu posso estudar muito e ter um emprego melhor e que ganhe melhor. E com meu dinheiro posso comprar meu computador né? Você me pediu para deixar uma mensagem para os alunos novos do Cemoa e eu penso que é para eles não desistir nunca, porque no começo eu queria desistir e ficar tranquila sem estudar muito, mas depois eu percebi que eu tenho que aprender quanto mais coisas melhor, para entender o mundo e as atitudes das pessoas. E se eles desistirem eles serão um fracasso, não um fracasso e sim será uma perda na vida deles, porque esta idade não tem mais volta e a gente pode se arrepender depois de ter perdido uma oportunidade para crescer. Agora eu preciso ir porque bateu o sinal e o tema hoje é bem legal, iremos debater sobre a lei Maria da Penha, sabe o tema esta passando na novela né? E os meninos precisam escutar as meninas sobre o que eles fazem e que não é respeitoso, assim na conversa eles aprendem, para eles melhorarem.

Anexo 5 - História Oral de Vida 2

Entrevistadora: Paula Renata Bassan Moraes

Entrevistada: “Renato”

Data: 27 de outubro de 2011

Horário: 14h20min

Local: Biblioteca do Cemoa

Entrevistadora: Boa tarde Renato, fique tranqüilo, estou fazendo uma pesquisa para meu mestrado e gostaria de entrevistar você. Conte-me um pouco da sua historia de vida. Conte-me situações vividas por você e que você tem guardado na memória sobre a sua família, infância, adolescência, escola, Cemoa e sobre Valinhos. Conte-me um pouco de sua vida.

Renato: Meu nome é Renato, tenho 15 anos, a minha infância foi assim, quando eu tinha quatro anos eu morava na Bahia com minha mãe, meu pai e meus dois irmãos. Meu pai nos deixou lá na Bahia e veio para São Paulo procurar um emprego para ter uma vida melhor, longe da pobreza que a gente vivia lá. Isso foi bom e ruim, ruim porque eu fiquei longe do meu pai, porque é ruim para todo mundo ficar longe de um pai. E foi bom porque depois de dois anos ele foi buscar a gente e trouxe a família para Valinhos, onde ele tinha um emprego de pedreiro e tinha arrumado um emprego para minha mãe de faxineira. Ele trouxe a família para Valinhos para ter uma vida digna, ter alimentos e conseguir ter uma casa. E ele conseguiu comprar uma casa depois de muitos anos, foi uma alegria nossa esta conquista.

Com sete anos meu pai arranhou uma escola para mim e foi muito bom, porque é escola é tudo para mim, porque na escola nos aprendemos, e cada dia que passa estou aprendendo cada vez mais. Mas foi difícil porque eu era mais velho e não sabia escrever. Hoje eu sou bom aluno, tiro notas boas e estudo para as provas, se tem pessoas ali na escola que não estão nem ai para estudar ou para ensinar eu fico longe deles, eu quero construir minha

vida, sou gente sabe e quero mostrar para o mundo que eu sou alguém que vai vencer na vida, seguindo o caminho do estudo e do trabalho. Entrei no Cemoa com 12 anos aprendi muita coisa como é ser um bom cidadão, aprender a ter meu lugar no mundo, ser solidário, quero ajudar a pessoas a enxergar um futuro brilhante, tem adolescente que nem sabe respeitar os pais, tenho dó deles, porque um dia os pais morrerão. Quando eu estou lá no Cemoa, às vezes eu fico pensando, eu tenho um lugar para falar, contar minhas vontades, dar palpites, construir meu futuro, ter amigos bons, que querem vencer, é muito bom receber elogios no Cemoa, me sinto forte, isto sempre foi muito bom para mim. Passei por vários módulos e estou no Cemoa até hoje, com 15 anos, e quero cursar os módulos que ainda não fiz por causa da idade. E quero ser um vencedor na vida. Minha mensagem para os meninos que agora começaram no Cemoa é que eles tenham um objetivo porque quem tem um objetivo na vida não só vence, mas vai mais além.

Sei que se eu não estivesse aqui no Cemoa, eu estaria na rua sem fazer nada, jogando uma bola, aprendendo coisas erradas, graças a Deus estou no Cemoa e estou muito feliz, aprendi muitas coisas e meu sonho é depois de todos os módulos é ser Web Designer, porque eu gosto muito de computador e pretendo crescer neste ramo. Faço aulas de informática no Cemoa e estou aprendendo bastante e eles falaram que eu tenho este talento. Já estou guardando um dinheirinho para o futuro.

Na minha adolescência é bom e ruim. Foi ruim porque eu perdi minha avó, que sempre foi a referencia da minha vida, mas eu não desisti, estou lutando e lutando para conquistar meus sonhos que é ser um vencedor e vencer na vida como minha avó. Nossa parece estranho falar da minha vida, faço isto no Cemoa, mas aqui está diferente, vão escrever minha história no papel de estudos né? Parece que já estou velho contando uma história para você, mas foi engraçado porque eu percebi que minha história tem coisas boas e ruins, mas é minha e ninguém pode mudar o final dela, se eu não deixar.

Anexo 5 - História Oral de Vida 3

Entrevistadora: Paula Renata Bassan Moraes

Entrevistada: “Tamara”

Data: 25 de novembro de 2011

Horário: 11h48min

Local: Biblioteca do Cemoa

Entrevistadora: Boa tarde Tamara, fique tranqüila, estou fazendo uma pesquisa para o mestrado e gostaria de entrevistar você. Conte-me um pouco da sua historia de vida. Conte-me situações vividas por você e que você tem guardado na memória sobre a sua família, infância, adolescência, escola, Cemoa e sobre Valinhos. Conte-me um pouco de sua vida.

Boa tarde, vou falar um pouquinho da minha história para você. Eu tenho 15 anos, estou no 1º ano do ensino médio e sou muito feliz de não ter repetido nenhum ano. E olha que foi difícil, tenho muita dificuldade em matemática, parece que os números não querem entrar na minha cabeça. Acho que este probleminha eu tenho desde que vim de São Paulo, era difícil estudar lá, aqui é bem mais fácil e legal. Eu moro no bairro do São Bento, é longe daqui, tem pouco ônibus e demora. O bairro nasceu de um sítio abandonado, quando eu cheguei aqui nem tinha casas, aos poucos as pessoas foram construindo, um emprestava tijolo para o outro, até eu ajudei.

Este bairro é um pouco perigoso, mas a escola é boa e tenho muitos amigos lá. Então eu não fico na rua não, minha avó não deixa. Eu fico sempre em casa ajudando ela, fazendo comida, limpando, ou então eu vou à casa da vizinha ouvir música. Durmo cedo porque no outro dia tenho aula e Cemoa.

Na minha casa mora algumas pessoas, uma prima de 20 anos, um primo de 12 anos, minha tia e minha avó. Faz um tempão que eu não vejo a minha mãe, ela mora em outra casa e meu pai eu não conheço. O dinheiro em casa é curto, quem ajuda é a minha tia, ela limpa casa, e minha avó que é aposentada. Minha mãe trabalha numa loja no shopping Valinhos. Eu gosto de Valinhos porque aqui é mais tranquilo, da cidade grande e é melhor para empregos também.

Quem falou do Cemoa para mim foi o meu tio. Primeiro o meu tio morou aqui. Aí ele ficou sabendo e falou para minha tia e para minha mãe, minha prima e minha irmã começaram a participar e depois eu comecei e o meu primo começou agora no ano passado. Eu comecei no Cemoa aos 12 anos e já tenho 15 anos agora. Eu gostei muito de começar o Cemoa e me ajudou muito a pensar que um dia eu vou trabalhar, depois de estudar bastante é claro, e com este dinheiro que eu conseguir trabalhando, eu vou construir minha casa, esse é meu sonho. Quero ter um quarto lilás. Se eu já for casada eu vou ter o quarto lilás assim mesmo, meu marido vai ter que gostar desta cor eu acho. Hoje eu durmo na sala, ou melhor, no colchão no chão da sala. Eu não gosto, mas agradeço a Deus assim mesmo.

Lembro-me de um dia que fizemos uma dinâmica no Cemoa para tentar pensar no futuro e se desenhar fazendo algo. Então cada aluno precisou apresentar para a sala. Primeiro eu fiquei com vergonha porque ia ter que apresentar o meu desenho, porque eu sou ruim de desenho sabe. Mas isto que é legal no Cemoa, os amigos e a professora ficam dizendo: “*Você consegue, você é inteligente, conte um pouquinho de você para nós*”, então eu criei coragem e mostrei meu quarto lilás e contei tudo o que vou fazer para conseguir minha casa. E minha avó vai morar comigo. Vai ser muito legal. Se eu for uma secretaria e guardar meu pagamento, eu vou conseguir economizar, porque aprendi isto lá no Cemoa, chamava planejamento financeiro. Também gosto da oficina de Integração, da informática e as

gincanas. Até cantei no coral e já fiz teatro, agora meus amigos pedem para eu parar de falar, agora pareço uma maritaca que quer contar e dar opinião em tudo.

Antes eu era bagunceira então eu parei e pensei: "não, não é isso bem o que eu quero". No Cemoa me ensinaram a pensar na minha vida, até comecei a tirar boas notas na escola, as docentes do Cemoa ajudam nas tarefas e estudar coisas que na escola a gente não entende, é bem legal, senta alguns alunos com problemas e conta tudo, então a gente vê que tem gente com problemas igual o da gente. Então quando a gente vê outro jovem lutando igual a gente para sobreviver e conseguir uma vida melhor, aquela canseirinha de viver passa. Porque dá para ter uma oportunidade nesta vida. Sabe aqui pensando agora, até pensei que dá para eu ser um dia uma professora de matemática não dá? De aluna que não sabia nada posso virar uma professora de matemática que sabe tudo. Gostei dessa idéia! Vou pensar sobre isto. Mas gostei de falar de mim. Quando quiser conversar comigo sabe onde me encontrar... no Cemoa. Agora tchau.